

LILY WHITE & JADEN WILKES



SERIAL

VOLUME FOUR



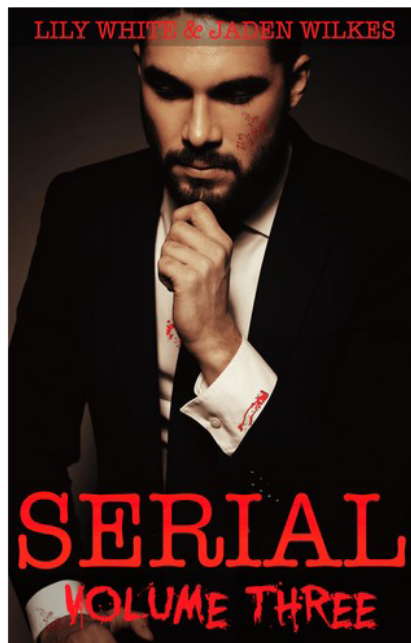
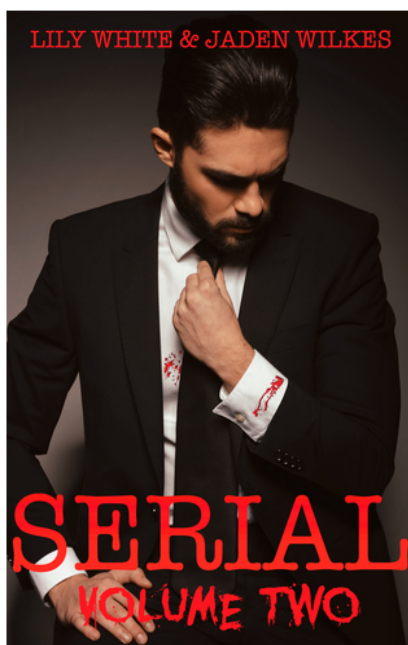
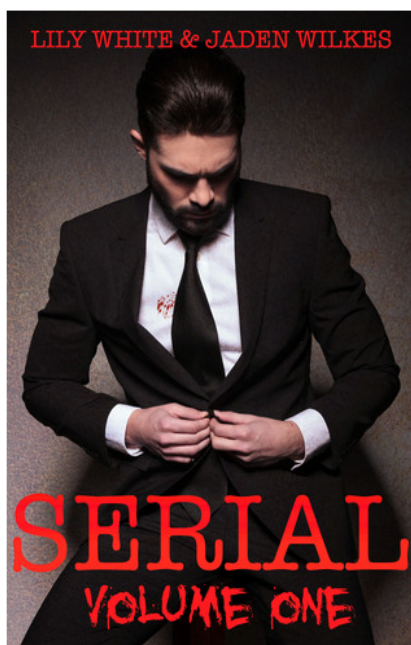
**POISON BOOKS
WINGS TRADUÇÕES**

**TRADUÇÃO MECÂNICA: MAGALI
RÉVISÃO: LA VOISIN
LEITURA FINAL: SERAPH WINGS
FORMATAÇÃO: AURORA WINGS**

05/2020



A Série



Aviso

A presente tradução foi efetuada pelos grupos PB e WINGS, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos PB e WINGS poderão, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos PB e WINGS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

Jude Hollister mata. Nascido com tudo, sem que faltasse nada, o assassinato se tornou seu vício. Ele mata mulheres que o atraem. Ele as imortaliza enquanto ainda são jovens e bonitas. Como ele conseguirá salvar a única mulher que ama?

Ronnie Lapierre é uma sobrevivente. Nascida sem nada, ela está sofrendo em um emprego sem futuro com um bastardo abusivo como namorado. Jude lhe oferece uma saída, a salvação além dos seus sonhos mais loucos. O que acontecerá quando ela descobrir seu terrível segredo?

Donovan Blake é a mente mais brilhante saída de Quantico em anos. Encarregado de encontrar o Cascades Killer, ele é perfeito para este jogo de gato e rato. Seu próprio passado sombrio o levará ao sucesso ou o arrastará para as profundezas do inferno com o homem mais perigoso que ele já encontrou?

Corações serão partidos, famílias destruídas e homens bons se tornarão maus. No final, apenas um restará. Descubra quem sobrevive nesta intensa história de amor e ruína.

Você vai se odiar por amá-lo.

** Explora temas sombrios de assassinato, violência, sexualidade, BDSM, a natureza do mal... basicamente todas as coisas boas.*

Capítulo Um

Patty Wilson

Isso tinha que ser uma alucinação induzida pela coca. Tinha que ser.

Patty balançou a cabeça, mas a mulher bonita não desapareceu, ela ainda estava de pé na frente dela com alicates em sua mão e um olhar horrível no rosto. Puro mal, isso é o que era.

Patty amordaçou e tentou desesperadamente se concentrar no que a mulher estava dizendo. A mulher queria que ela ajudasse a matar uma garota trabalhadora, uma garota muito parecida com Patty.

Patty se odiou ainda mais no momento em que concordou em ajudar. Em suas fantasias, ela sempre imaginou que seria uma daquelas heroínas que agiam enfrentando uma situação como essa. Ela se sentava no conforto do seu quarto, tonta de alguma coisa e assistia a programas como The Walking Dead, pensando sobre o que faria naquela situação.

Em sua mente, ela sempre era a heroína. Na realidade, ela não era nada mais do que uma covarde desesperada que ia matar outra mulher para salvar sua própria vida de merda.

Mas eu tenho um bebê, pensou Patty enquanto a outra mulher a libertava. Mas e se a outra garota, a garota morta, tivesse filhos também?

Patty reprimiu um soluço e observou a bela mulher matar a garota trabalhadora, rasgá-la e deixar rastros de sangue por todo o corpo.

Ela olhou para baixo e viu sangue espalhado por toda a frente dela, o provou na boca, viu em seus cabelos.

Patty começou a soluçar. A linda mulher se virou lentamente para Patty com um olhar maníaco no rosto. — Eu te aconselho a calar a boca e vir aqui me ajudar a limpar essa bagunça.

Patty correu para o lado da mulher e disse: — O que você precisa que eu faça?

— Primeiro, pare de choramingar. Isso me enoja. Em segundo lugar, me ajude a enrolá-la na lona para que possamos transportá-la.

— Para onde vamos levá-la?

— Para algum lugar isolado, mas não muito distante. Ela precisa ser encontrada.

— Por quê? — Perguntou Patty, com a mão tremendo quando a estendeu para pegar o pé da mulher morta para ajeitá-la sobre a lona.

— Estou salvando a vida de alguém — respondeu a bela mulher.

Elas conseguiram enrolar a mulher morta como um burrito, o estômago de Patty se agitou e rosnou com a imagem. Ela estava com tanta fome e tão imunda. Ela não achava que se sentiria limpa de novo.

— Agora pegue um pouco de água sanitária e me ajude a limpar esta sala — disse a linda mulher e entregou a Patty um pano para esfregar. — Não tente nada engraçado ou eu vou cortar a porra da sua garganta.

Patty olhou para baixo e começou a limpar. Se perguntou quem esta mulher estava tentando proteger. O homem que a capturou. Ela se sentiu enjoada por estar envolvida em tudo isso, mas queria sua liberdade.

E ela queria o bebê dela. Sua doce pequena Sarah estava esperando por ela em casa, e faria qualquer coisa para voltar para ela.

Incluindo isso.

Depois de ajudar a descartar o corpo sem vida da pobre vítima que Patty havia ajudado a matar, ela ficou olhando enquanto a mulher bonita posicionava o corpo, uma navalha esculpindo as iniciais no peito da mulher - ou o que sobrou dela.

A matança foi cruel, o sangue um dilúvio de violência carmesim que levou uma hora para escoar. Patty parecia congelada no lugar em que se encontrava, sua mente sem entender os horrores que enfrentara.

— Isso parece um CK para você?

Silenciada pela pergunta estranha, Patty olhou para a mulher.

— Bem — disse a mulher, respirando fundo para soprar um fio de cabelo escapado em seu rosto. — Parece?

— Sim — respondeu Patty, com a garganta apertada em torno das palavras. Ela assentiu, sem saber ao certo por que importava o que havia sido esculpido no cadáver. Estava obviamente morto e mutilado, mas posicionado de tal maneira que parecia estar dormindo.

Se não fosse pelo sangue, Patty não daria ao corpo uma segunda olhada se passasse por ali durante a noite.

Essa era a coisa com a profissão de Patty. Você não prestava atenção ao que estava em seu caminho, seja um corpo, uma agulha ou qualquer outra coisa que não lhe pertencesse. Você continuava andando até entrar no carro do seu próximo cliente. Você mantinha para si mesmo. Você não questionava nada.

— Bom. — A mulher bonita se levantou para olhar seu trabalho. — Eu acho que isso vai salvá-lo.

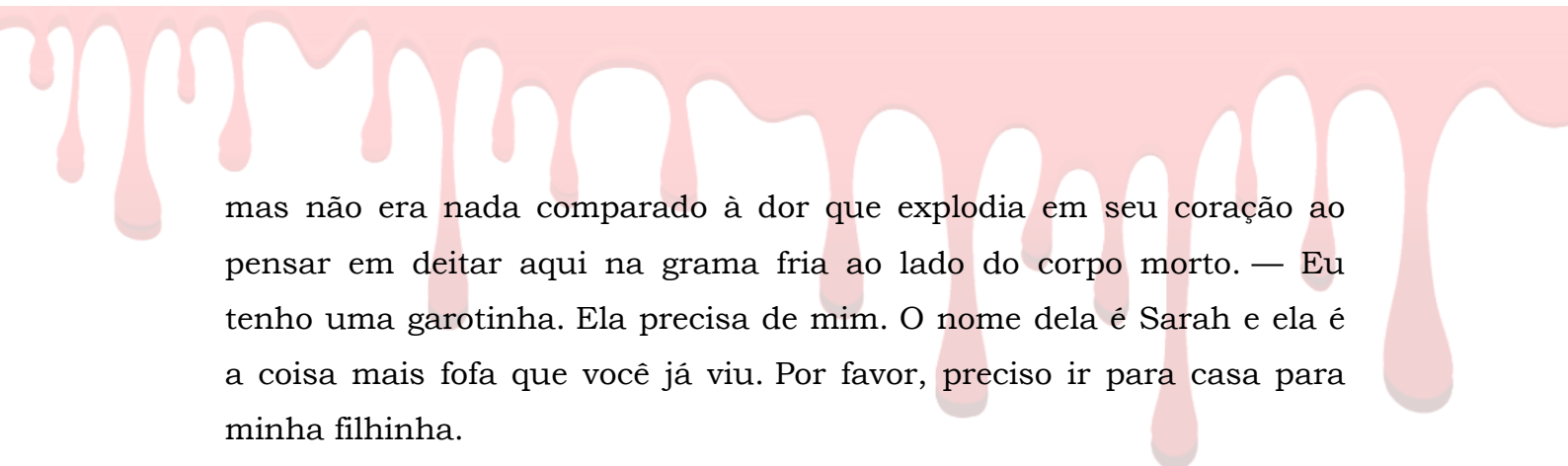
Ambas as mulheres estavam de pé sobre o corpo, olhando para uma vida desperdiçada e deixada para apodrecer. Ousando falar e interromper o silêncio, Patty perguntou: — Eu sou a próxima?

Era uma pergunta estúpida a se fazer, porque convidava a ideia de sua morte. Ela queria retomar as palavras assim que as disse.

A mulher olhou para ela, os olhos azuis estudando a maneira como o corpo de Patty tremia em parte pelo frio lá fora e em parte pela violência que ela testemunhara.

Patty não aguentou mais. Era como se tudo o que estava segurando dentro dela se libertasse em uma inundação de emoções que irromperam à superfície. Ela caiu de joelhos diante da mulher implacável e começou a implorar por sua vida. Ela queria viver como nunca quisera antes, mais do que queria segurar Sarah, mais do que jamais desejara sua próxima dose.

— Por favor, me deixe ir — Patty lamentou e agarrou as mãos da mulher. Sua própria mão ainda latejava onde a mulher a tinha cortado,



mas não era nada comparado à dor que explodia em seu coração ao pensar em deitar aqui na grama fria ao lado do corpo morto. — Eu tenho uma garotinha. Ela precisa de mim. O nome dela é Sarah e ela é a coisa mais fofa que você já viu. Por favor, preciso ir para casa para minha filhinha.

O olhar frio e calculista da mulher subia e descia de Patty como se ela não fosse nada além de uma pilha de lixo. Enquanto Patty implorava, porém, percebeu algo cintilar no rosto da mulher. Patty esperava que fosse empatia, que a assassina amolecesse e a libertasse.

A mulher agarrou o pulso de Patty e a levantou. Ela estreitou os olhos e franziu os lábios.

— Você pode ir — disse a mulher, soltando o pulso de Patty e permitindo que seu braço se soltasse. — Com uma condição.

— Qual? — Patty perguntou, odiando o tremor e hesitação em sua voz. Ela fungou e deixou as lágrimas secarem em suas bochechas.

Os olhos da mulher brilharam com astúcia e ela se inclinou para perto de Patty. Ela franziu os lábios e disse: — Se você contar a alguém sobre o armazém, o homem que capturou você, ou sobre mim, nós vamos te caçar e te fazer ver enquanto matamos a doce Sarah, pouco a pouco. Você entendeu?

— Sim — respondeu Patty em voz baixa.

— Então, eu pessoalmente, te alimentarei com esses pedaços um por um. E você nunca nos verá chegando, nunca saberá quando encontraremos você. Mas abra a porra da sua boca para qualquer um — seu cafetão, seus pais ou a polícia — e a morte do seu bebê será culpa sua. Marque minhas palavras, vamos encontrá-la e a Sarah. Agora vá!

Patty não entendeu bem o que acabara de acontecer, mas não ia fazer perguntas ou discutir.

Ela simplesmente correu, os pés deixando pegadas enlameadas no cimento, desaparecendo na garoa leve que caía do céu nublado como lágrimas brilhantes.

A noite não chorava por Patty, porque Patty estava livre.



Capítulo Dois

Jude

Eu olhei para a minha mãe enquanto ela tagarelava sobre a última rodada de brigas com sua governanta, Beatrice.

— Ela teve a audácia de adicionar o creme ao meu café esta manhã, Jude. Você acredita nisso?

— Por que você não a demite, mãe? Você só teve problemas com ela desde o começo.

Mamãe suspirou e disse: — Não é possível. Não consigo encontrar ninguém para substituí-la. Especialmente não depois... Disso. — Ela acenou com a mão para mim com desdém.

— Sinto muito que minha prisão injusta tenha sido ruim para o pessoal — eu disse com apenas um leve indício de desprezo em minha voz.

Oh, ela teria que perdoar a minha agressividade, já fazia três dias desde que fui detido aqui e isso estava me desgastando.

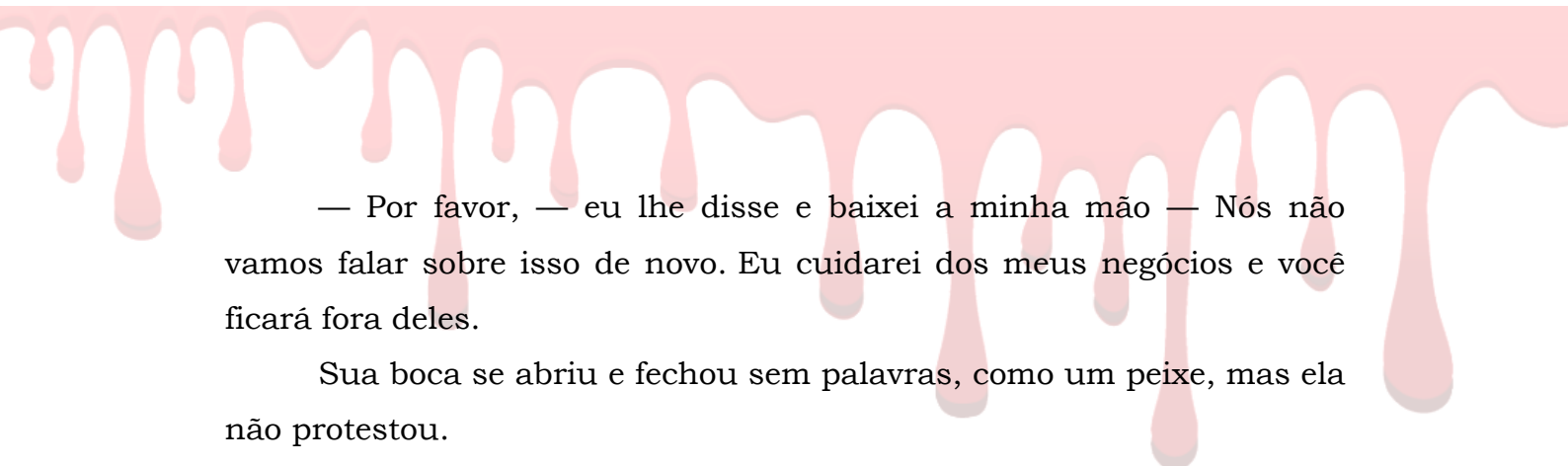
Ela se inclinou para perto, olhou em volta como se fosse cometer um crime e sussurrou: — Você não viu... Sua... *Irmã*, viu?

— Hoje não, — eu respondi e olhei para a janela espelhada. A sala de visita era para ser privada, mas você nunca poderia dizer quem estava à espreita no quarto ao nosso lado, ouvindo cada palavra.

— Jude, me diga que você terminou...

Eu levantei minha mão e ela ficou instantaneamente quieta. Eu acho que pensar... Não... *Saber* que seu filho era um serial killer tinha atingido finalmente. Nada mais neste mundo parecia abalar minha mãe, mas talvez isso significasse que ela me ouviria de agora em diante.

Tenho certeza de que, no fundo, ela sabia o tempo todo, mas era a realidade potencial que ela não podia suportar. O escândalo para acabar com todos os escândalos.



— Por favor, — eu lhe disse e baixei a minha mão — Nós não vamos falar sobre isso de novo. Eu cuidarei dos meus negócios e você ficará fora deles.

Sua boca se abriu e fechou sem palavras, como um peixe, mas ela não protestou.

Se eu soubesse que minhas atividades assassinas a calariam assim, teria lhe revelado isso anos atrás. Isso significaria reuniões familiares muito mais agradáveis, afinal.

Nós terminamos rapidamente depois disso e ela fugiu da sala como se seu cabelo estivesse em chamas. Tive a sensação distinta de que minha mãe estava tentando se distanciar de mim.

Recostei-me no banco, cruzei as mãos sobre a mesa à minha frente e esperei.

Não demorou muito para o Agente Blake voltar à sala. Eu sabia que ele estava me observando através do espelho, e foi por isso que me acalmei e esperei pelo retorno dele.

— Agente — eu sorri quando ele sentou na minha frente com uma pasta na mão. — Que bom que veio me visitar. E eu aqui achando que só minha mãe viria me ver hoje. Alguma notícia da minha querida Pet?

Sua mandíbula apertou com a menção da minha “namorada”, eu tinha uma suspeita de que o Agente Blake havia se apaixonado por ela. Eu me perguntei se ela estava transando com ele esse tempo que eu estava aqui. Por alguma estranha razão, ela não tinha vindo me ver desde nosso último encontro.

Aquele último encontro fatídico. Eu não tinha lhe contado sobre a nossa relação surpreendente, eu não queria que ela recusasse a ideia de estar comigo.

Para mim, não tinha problema. Eu a amava ainda, na verdade eu a amava mais agora que entendia a intensidade de nossa atração.

Semelhante atrai semelhante. Era natural que eu a quisesse, a reivindicasse, possuísse. Ela era eu, uma parte de mim. Ela carregava meu DNA dentro de seu corpo e nossas vidas deveriam se cruzar, como

irmãos ou como amantes. Doente, não é? A verdade angustiante que, independentemente da relação, eu ainda a considerava minha.

Eu estava simplesmente satisfeito por o destino nos considerar amantes. A coisa que mais sentia falta enquanto estava preso era ela. Seu perfume, seu gosto, os sons que ela faz quando mergulho em sua boceta quente. O sangue grosso e vermelho batendo um ritmo frenético em seu pescoço trêmulo enquanto a enchia com a minha porra.

— Ela não quer falar com você — respondeu Donovan rapidamente. Um pouco rápido demais. Eu assumi que ele disse a Ronnie que ela não tinha mais permissão para me visitar, e agora eu sabia que estava certo. Ele era o único nos mantendo separados.

Eu me levantei de repente, o fazendo saltar em pé. Inclinei-me sobre a mesa, o agarrei pelas lapelas do paletó barato e o aproximei.

Sua mandíbula se contraiu e seu pulso acelerou. Seus olhos se arregalaram e vi suas pupilas dilatarem de medo. Ele se forçou a relaxar e ver o que acontecia em seguida.

Eu simplesmente abaixei minha cabeça em direção a ele e inalei, um profundo sopro de ar pelo meu nariz.

Eu a cheirei sobre ele. Seu perfume, seu sabonete, seus produtos de cabelo... E sua boceta.

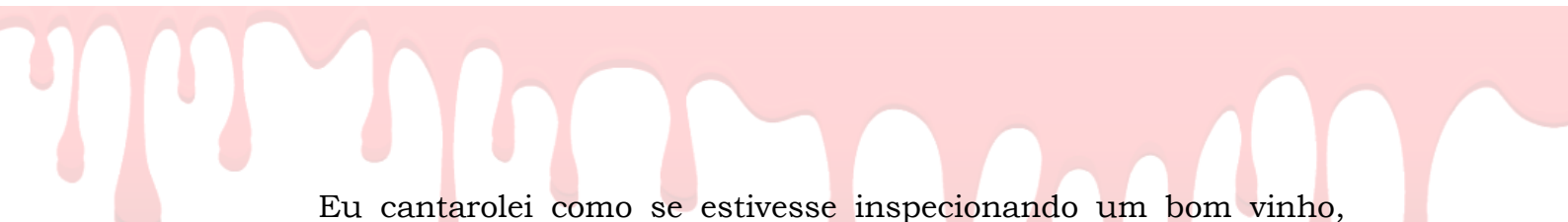
Eu o soltei com um sorriso de satisfação e me sentei novamente, o deixando de pé.

— Eu vejo que você está se aproveitando dela enquanto estou fora — eu disse suavemente — Obrigado por cuidar da minha Pet na minha ausência.

— Eu não sei do que você está falando — respondeu o Agente Blake e se sentou irritado. — Não importa de qualquer maneira, estou aqui para falar com você sobre um assassinato.

— Um assassinato? — Eu perguntei, fingindo escândalo.

— Outra prostituta, como você gosta — disse ele e abriu a pasta. Ele espalhou umas oito ou dez fotos de uma menina morta do outro lado da mesa e me observou atentamente.



Eu cantarolei como se estivesse inspecionando um bom vinho, deslizei as mãos pelas imagens dela, ensanguentada com a garganta aberta como uma segunda boca. O maneirismo da matança era um pouco áspero e faltava o mesmo polimento que eu usava, mas respeitava mesmo assim. Assassinato era assassinato, afinal.

Senti meu pau endurecer com a imagem, seus olhos mortos e vítreos e aquele sangue. Todo o sangue. Eu quase podia fechar meus olhos e senti-lo pulverizando pela minha pele, quente e doce.

Eu olhei para o Agente Blake, levantei minha sobrancelha e disse: — Eu não tenho ideia do que se trata. Eu não sou um assassino. E mesmo se fosse, como teria conseguido isso enquanto estou preso? Presumo que seja recente?

Os olhos de Blake escureceram e ele pareceu derrotado. Ele suspirou pesadamente e juntou as fotos e as colocou de volta na pasta. — Você está correto — respondeu ele.

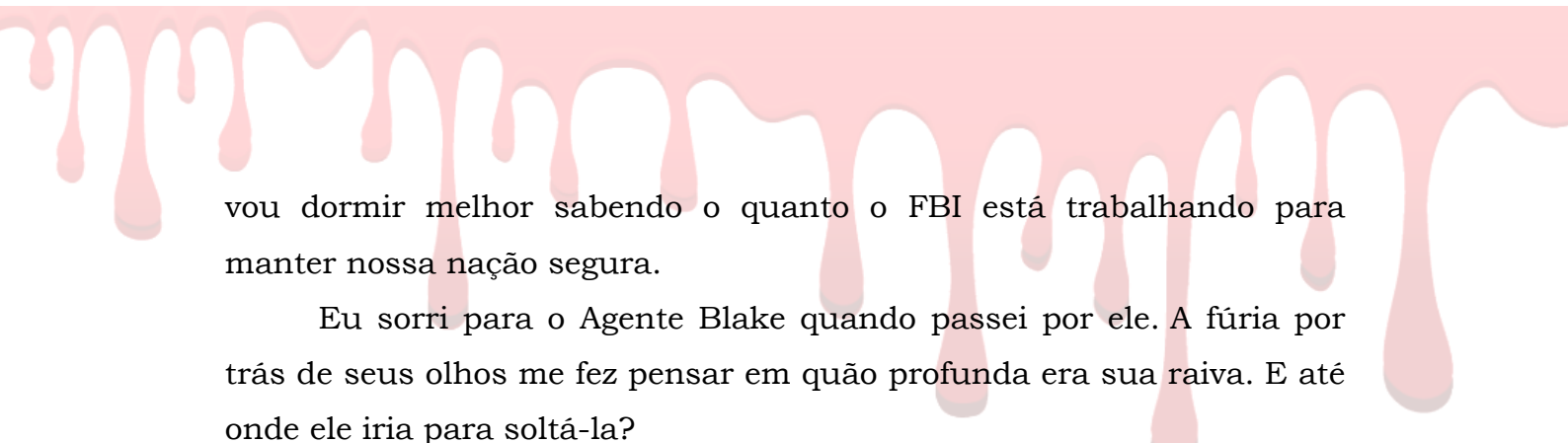
A porta se abriu e um agente sênior interveio, atirou em Blake um olhar ameaçador e disse: — Estamos prontos para encerrar isso? Os advogados do pai dele já vão nos jogar na fogueira. Não vamos prolongar isso.

— Eu não sei como você conseguiu isso — Blake cuspiu enquanto se levantava e enfiava a pasta debaixo do braço — Mas eu sei que foi você. Eu sei que você é CK como também é um doente fodido que corrompeu Veronica para acreditar que ela é especial. Se você tocar uma porra de seu cabelo...

— Então você está admitindo que está fodendo minha namorada — eu disse com firmeza e fiquei de frente para ele — E ela ainda é minha. Isso deve doer, Agente Blake.

— Calma, Blake — o outro agente rosnou. Ele se virou para mim, ofereceu sua mão e disse: — Em nome do FBI, eu gostaria de estender nossas sinceras desculpas.

Eu peguei sua mão, a sacudi, sorri e disse: — Não se preocupe. Vocês estavam apenas fazendo seu trabalho. Eu, pelo menos,



vou dormir melhor sabendo o quanto o FBI está trabalhando para manter nossa nação segura.

Eu sorri para o Agente Blake quando passei por ele. A fúria por trás de seus olhos me fez pensar em quão profunda era sua raiva. E até onde ele iria para soltá-la?

Entrei no meu apartamento e imediatamente soube que tudo estava errado. Todas as minhas coisas estavam espalhadas, e todos os meus quartos foram revirados de cima a baixo.

Agradei a minha boa sorte por ter transferido qualquer evidência de meus hobbies para o depósito, incluindo minha coleção de *troféus*, por assim dizer.

Eu sempre odiei a palavra troféu. Era atribuído a um crime para o que eu considerava como lembranças. Troféus faziam parecer que eu estava competindo em alguma coisa.

No meu caso, não havia competição e eu sempre fui o vencedor claro e óbvio.

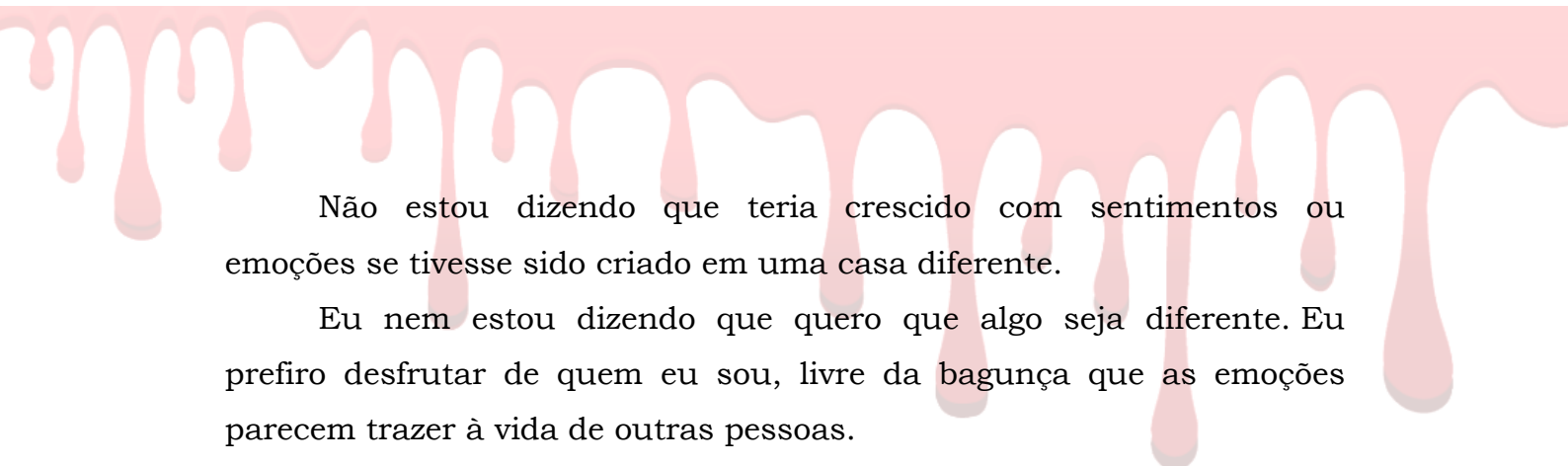
Passei uma boa hora examinando minhas coisas, procurando quaisquer danos ou marcas de risco óbvias para enviar aos advogados do meu pai.

Eu finalmente sentei no meu sofá, com uma cerveja gelada na mão, e aproveitei a sensação de liberdade.

Enquanto estive preso, permiti que minha mente vagasse demais. Eu sempre me convenci de que não sabia por que matava, que tinha uma excelente educação e que tinha um relacionamento amoroso com pais gentis e atenciosos.

Minha mente errante havia revelado muitas coisas para mim, sendo a natureza exata da minha família uma delas.

Meu pai tinha sido um verdadeiro bastardo para minha mãe, para mim e qualquer outra pessoa que tivesse o extremo desprazer de estar em seu domínio geral a maior parte do tempo. Isso vertia bem para os negócios, há mais do que uma gota de sociopata em todos os profissionais de sucesso, mas para minha pequena mente disforme, foi um desastre.



Não estou dizendo que teria crescido com sentimentos ou emoções se tivesse sido criado em uma casa diferente.

Eu nem estou dizendo que quero que algo seja diferente. Eu prefiro desfrutar de quem eu sou, livre da bagunça que as emoções parecem trazer à vida de outras pessoas.

Estou dizendo que o cativado foi um pouco útil para mim. Eu aprendi alguma coisa. Eu fiz conexões e encontrei uma correlação.

E eu não ia fazer nada sobre isso.

Ouvi a fechadura clicar na porta da frente e a voz de Pet chamou no momento em que abriu.

— Jude? Querido? — Ela gritou, uma ponta afiada de desespero em suas palavras. — Você está aqui?

— Na sala de estar — eu respondi, abaixando o resto da minha cerveja e levantando para cumprimentar minha Pet.

Ela correu para mim, seu corpinho pequeno, rígido de excitação e alívio. Ela era quase como um cachorrinho vendo seu dono depois de uma ausência protelada. — Oh meu Deus, Jude, eu pensei que eles nunca me deixariam vê-lo novamente.

Um soluço prendeu sua voz e eu a arrastei em meus braços.

— Oh shh — eu respondi e acariciei o cabelo dela. Eu inalei o seu cheiro e me deleitei com a sensação de seu corpo contra o meu. — Você sabe que isso nunca aconteceria.

— Eu sei que é verdade — ela respondeu lentamente, olhando para mim com um brilho de aço em seus lindos olhos.

— O que é verdade? — Eu perguntei e beijei sua testa, me preparando para suas próximas palavras. Eu estava pronto para explodir, pronto para atacá-la e foder a verdade de nós dois.

Mas eu precisava ouvi-la dizer isso.

— Eu sei que você matou todas aquelas meninas — ela disse lentamente — e sei por que você fez isso.

Ela me deu um sorriso perverso e a garota nas fotos do Agente Blake passou pela minha mente. Eu entendi então como minha linda e perfeita Pet tinha salvado minha bunda.

E eu a amava ainda mais por isso.

— Então, por que eu fiz isso? — Eu perguntei, segurando seus braços e olhando em seus olhos.

— Porque é bom pra caralho — ela respondeu uniformemente, seus olhos brilhando e seu sorriso uma pequena curva perfeita expondo seus pequenos e delicados dentes.

Dentes que tinham arrancado o mamilo de uma mulher, dentes que tinham provado carne e encontrado a glória nisso.

— Foda-se, sim — eu exalei e a puxei contra mim. Eu a beijei, provando sua doçura, imaginando sua boca cheia de sangue, nossas línguas trocando a carne de nossa vítima.

Eu a empurrei contra a parede e a devorei, a beijei de cima a baixo, rasguei suas roupas e me encontrei entre suas coxas trêmulas.

Eu separei sua boceta e ouvi sua ingestão aguda de ar.

— Não, — ela gemeu e tentou afastar minha cabeça — Eu não sabia que você sairia. Donovan e eu... Esta manhã... Estou suja...

— Eu não me importo, — eu respondi, olhando para ela — eu preciso prová-la.

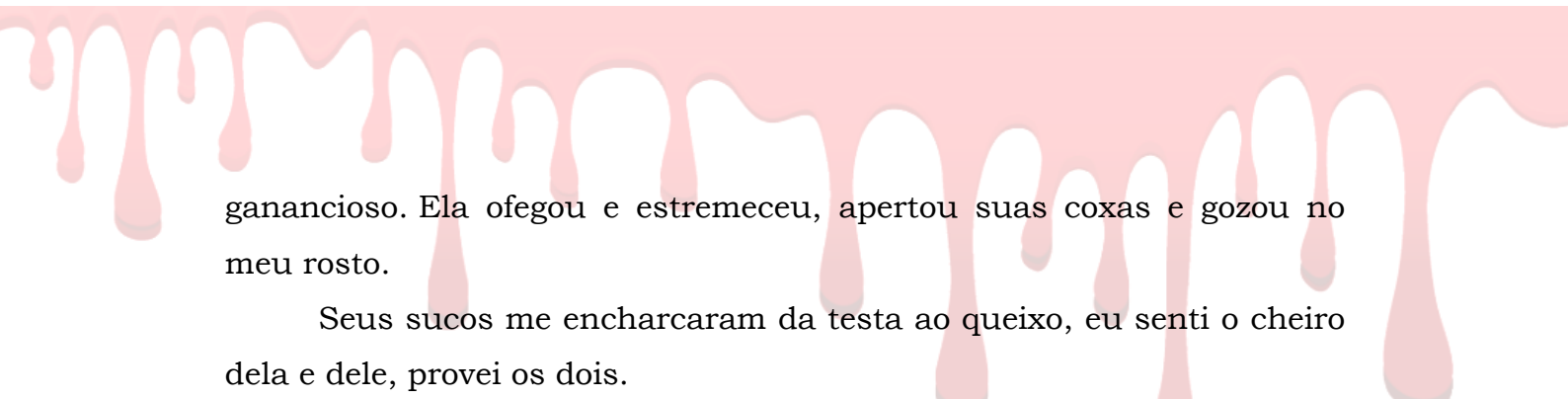
Eu mergulhei minha língua entre os lábios dela e lambi sua boceta molhada. Eu também podia sentir o gosto dele, uma adição salgada pungente à sua própria doçura. Eu queria fodê-la com força, expurgá-lo de seu corpo com a minha semente dominante, mas senti uma estranha compulsão de bebê-lo antes.

Para acabar com meu inimigo, farei dele meu amigo. Havia poder nisso.

Ela gemeu e passou as mãos por toda a minha cabeça, agarrou meu cabelo e enterrou sua boceta no meu rosto.

— Oh Jude, — ela exalou — eu senti falta disso. Eu queria isso toda vez que Donovan estava aí embaixo. Eu via você, querido, eu queria você.

Eu respondi enfiando meu dedo dentro dela, a fodendo com força com três deles enquanto lambia seu clitóris como um cão



ganancioso. Ela ofegou e estremeceu, apertou suas coxas e gozou no meu rosto.

Seus sucos me encharcaram da testa ao queixo, eu senti o cheiro dela e dele, provei os dois.

Quando ela lentamente se recuperou, eu subi pelo seu corpo nu. Eu a beijei profundamente e ela se atrapalhou com o meu cinto, minhas calças.

Eu a ajudei a tirar minhas roupas, a inclinei sobre o sofá e a abri por trás.

— Eu estive pensando nessa boceta — eu disse asperamente e arrastei a cabeça do meu pau até a sua rachadura escorregadia — O tempo todo que estive fora, foi isso que me sustentou.

— É tudo seu, — ela gritou e empurrou de volta contra mim. Eu a provoquei um pouco mais, incitando sua boceta com meu pau latejante.

— É — eu disse em voz baixa e perigosa — E eu vou te foder de forma crua. Mana.

Com isso, voltei para casa e a enchi. Ela puxou e gritou, tentou se virar e entender o que eu havia dito. Eu não tinha certeza de como ela reagiria à verdade da nossa paternidade, mas não estava prestes a arruinar este momento com uma longa conversa sincera.

Eu agarrei um punhado de seu cabelo e a segurei enquanto a golpeava com minha fome reprimida.

Ela finalmente se mexeu o suficiente para que quase fizesse contato visual, sua cabeça inclinada no pescoço.

— Do que você me chamou? — Ela engasgou, seus olhos revirando de prazer quando bati nela novamente.

Talvez eu devesse ter esperado para usar esse nome. Ela não pararia de perguntar até que eu revelasse a verdade. Eu sabia disso agora, então lhe dei a informação que ela queria enquanto continuava usando seu corpo para o que ele foi criado.

— Eu te chamei mana — eu rosnei: — Nós compartilhamos o mesmo pai.

— Somo parentes? — Ela gemeu e relaxou, empurrou de volta contra mim e me levou para dentro dela.

— Nós somos, Pet — eu respondi, minha respiração irregular preenchendo os espaços entre os sons da nossa carne nua batendo uma contra a outra. — Eu sou seu irmão mais velho.

— Oh meu Deus — ela gritou e começou a soluçar. Ela tentou se afastar, nojo colorindo sua pele, mas eu a segurei, meus dedos como garras nas porções grossas e macias de sua pele.

Não parei em resposta a suas objeções. Bati na sua buceta com tudo que eu tinha, fodendo-a até que achei que nós dois iríamos explodir.

E então... Eu gozei, atirando minha carga quente profundamente dentro de sua boceta apertada, senti suas paredes pulsar e seu corpo responder com desejo ganancioso. Ela me ordenhou com sua boceta se contorcendo, tirou cada gota de mim, a enchendo.

Percebi que os barulhos que ela fazia não eram soluços, mas risos. Eu tirei minha mão de seu cabelo e a soltei do sofá. Ela torceu em meus braços e olhou para mim, seu rosto fresco e leve.

— O que é engraçado? — Eu perguntei e a beijei rapidamente.

— Você é meu irmão — ela respondeu com um sorriso.

— E?

— Eu sabia que havia algo que gostava em você. Minha mãe sempre disse que eu era egocêntrica. Gostei que você é parte de mim, acho que ela estava certa.

— Ela estava muito certa — eu respondi e a beijei novamente. Quando nos separamos, eu ri me juntando a ela. — Acho que somos ambos um pouco narcisistas. É como foder a si mesmo, não é?

Nós cambaleamos para o quarto, bêbados do nosso amor e descoberta. Nós éramos perfeitos um para o outro, duas metades de um todo e completamente envolvidos em nossa própria grandeza.

Capítulo Três

Patty Wilson

Patty não sabia ao certo como conseguira encontrar o caminho de casa. Ela conhecia a cidade melhor que a maioria, mas a área onde fora libertada não era familiar.

Andar pelas ruas descalço e coberta de sujeira e sangue não era a melhor das ideias, mas ela não tinha escolha. A escuridão da noite tinha sido um alívio bem-vindo, no entanto, horas vagando para finalmente chegar em sua casa onde sua querida filha dormia.

Do lado de fora da porta, Patty olhou sua aparência, desejando pra caralho que não precisasse entrar coberta de sujeira. Ainda era cedo o suficiente para ousar esperar que sua preciosa filha, Sarah, ainda estivesse dormindo profundamente.

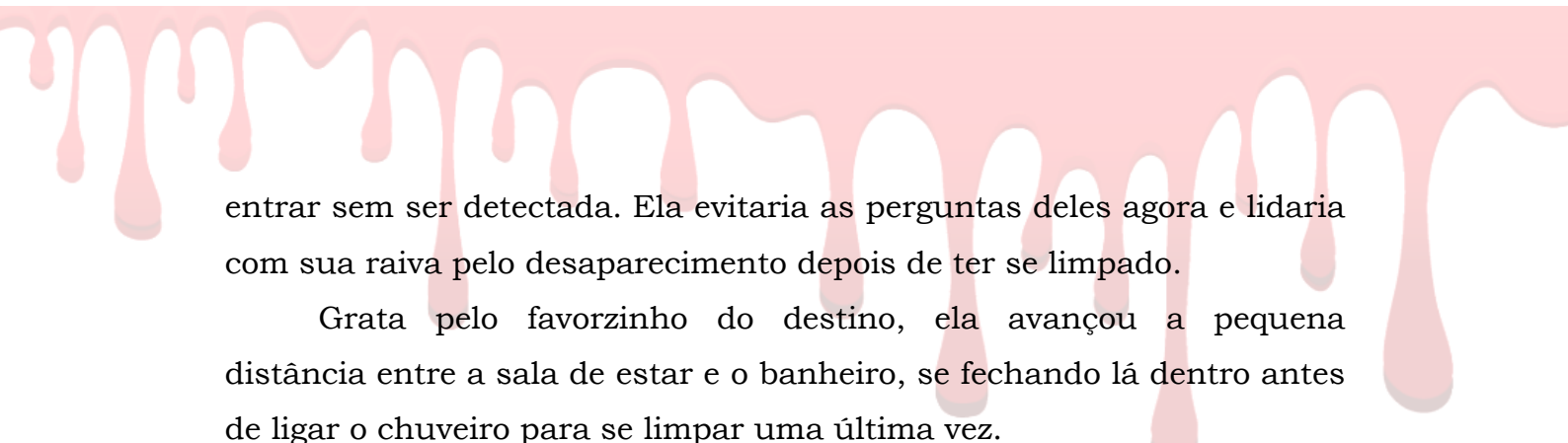
Ela não tocaria a filha com a evidência da ruína salpicando sua pele. Depois de limpa - tanto da sujeira quanto da vida que vivera antes de ser raptada - se permitiria pegar Sarah junto de si com a promessa de que a vida mudaria para as duas agora que Patty recebera uma segunda chance.

Um carro passou enquanto ela estava na calçada, a lenta e grossa trituração de pneus contra o concreto chamando a atenção de Patty. Inclinando o corpo sem se virar completamente, ela captou o olhar do homem dirigindo o veículo, notou o veneno em seu olhar.

O carro era normal, um sedã comum que não estava fora do lugar no casebre que ela chamava de lar.

Ignorando o olhar do homem, ela voltou sua atenção para a casa, respirando fundo, se acalmando, antes de dar os primeiros passos para a filha a sua espera.

Abrindo a porta, ela lutou para fechar a madeira inchada contra o batente, as paredes tremendo com seu esforço e a fazendo se encolher. Sua mãe e John deveriam estar dormindo, então ela poderia



entrar sem ser detectada. Ela evitaria as perguntas deles agora e lidaria com sua raiva pelo desaparecimento depois de ter se limpado.

Grata pelo favorzinho do destino, ela avançou a pequena distância entre a sala de estar e o banheiro, se fechando lá dentro antes de ligar o chuveiro para se limpar uma última vez.

As promessas de uma vida melhor eram sua companhia sob a água quente, suas esperanças absorvidas pelo vapor que carregava cada pesadelo que ela suportara.

Foda-se Jason e suas drogas. Foda-se a vida de prostituta. Se ela tivesse que servir mesas para viver e não ganhasse nada, o faria para dar uma vida honesta a Sarah.

Seu corpo tremeu sob o peso da verdade que ela poderia ter morrido naquele armazém deserto. Seu corpo poderia ter sido aquele deixado nu e ensanguentado em um campo gramado.

Mas não foi ela, e ela levantou o rosto no jato de água para agradecer a Deus por ele ter lhe dado uma chance de compensar seus erros na vida de sua preciosa filha.

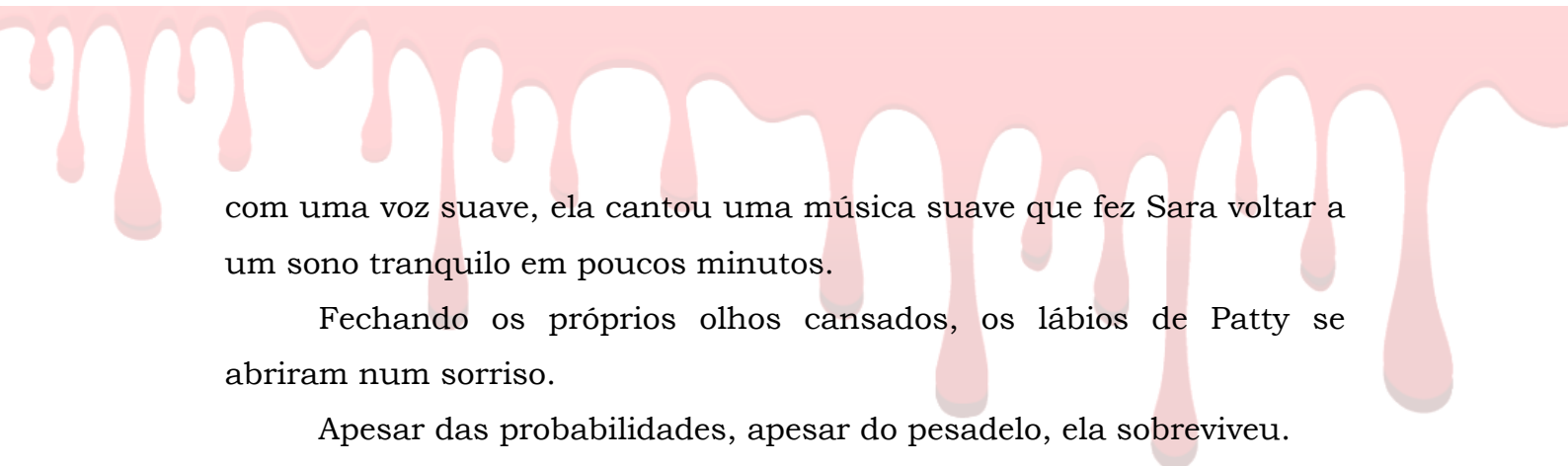
Ela faria melhores escolhas. Escolhas honestas. Ela não se permitiria ser vítima das mesmas complicações que haviam prejudicado sua vida até aquele ponto. Ela fez uma barganha com o próprio diabo e prometeu que faria o que fosse necessário para manter Sarah a salvo. Manter sua parte no acordo. Para ficar em silêncio.

Desligando o chuveiro, ela se enxugou e saiu do banheiro cheio de vapor, indo descalça até o quarto que compartilhava com sua filhinha.

Sarah estava dormindo no berço, o rosto calmo de querubim na luz fraca da manhã que entrava pelas cortinas fechadas.

Colocando roupas rapidamente sobre seu corpo cansado e machucado, ela escolheu itens que cobriam cada centímetro de sua pele, para se aquecer do frio e cobrir as contusões e cortes que desapareceriam enquanto ela forjava um novo caminho na vida.

Tirando Sarah do berço, Patty abraçou o pequeno corpo contra o seu. Deitando na pequena cama em que mal dormira desde que Sarah nasceu, Patty encontrou conforto na criança que se mexia. Arrulhando

A decorative graphic at the top of the page consisting of a solid pink horizontal bar from which numerous vertical drips of varying lengths and thicknesses hang down, resembling paint or blood. The drips are a slightly darker shade of pink.

com uma voz suave, ela cantou uma música suave que fez Sara voltar a um sono tranquilo em poucos minutos.

Fechando os próprios olhos cansados, os lábios de Patty se abriram num sorriso.

Apesar das probabilidades, apesar do pesadelo, ela sobreviveu.

Capítulo Quatro

Ronnie

Jude estava deitado dormindo ao meu lado, seu cabelo grosso um contraste gritante no travesseiro, preto contra branco, noite contra o dia. Eu não conseguia dormir, mesmo que meu corpo estivesse dolorido por ele estar dentro dele me rasgando enquanto de alguma forma me recompunha.

O medo e a ansiedade das últimas noites sumiram assim que o encontrei em casa. Tudo o que eu fizera tinha sido por ele, pelo menos inicialmente.

Balançando a cabeça contra os pensamentos, não pude acreditar na mudança repentina que minha vida tomou nas últimas quarenta e oito horas.

Eu matei.

Eu morri por dentro.

E renasci para uma realidade que nunca soube que existia.

Algo dentro de mim ganhou vida. Todos os anos que passei procurando, me escondendo nas margens da sociedade, nunca entendendo todo o meu potencial, eram uma cicatriz feia que revelava a verdade de que eu estava perdida.

A raiva tomou conta dos meus pensamentos, pesarosa por ter, de alguma forma, errado o alvo, de alguma forma, perdido o caminho que minha vida deveria ter tomado depois de ter nascido da semente de um monstro.

Eu nunca soube a identidade de meu pai até agora, nunca entendi que dentro de minhas veias pulsava o sangue de um homem que, superficialmente, tinha tudo.

O sangue da minha mãe o diluiu um pouco, minha vida com ela me desviou do potencial que nunca pensei que poderia alcançar.



Um irmão e uma irmã apaixonados. O pensamento era nojento, mas eu não via dessa maneira.

Memórias vieram à tona, pedaços desbotados ecoando na minha cabeça de um menino que agia cruelmente comigo. Eu conheci Jude antes de ser vítima de uma vida pobre e infeliz. E o conhecia agora de maneiras que me fizeram brilhar por dentro.

A amargura desapareceu com a percepção, a raiva e ódio da vida que me fora entregue subitamente desaparecendo e substituído pelo profundo entendimento de que era assim que deveria ser.

Se eu soubesse naquela época que ele era meu irmão, se tivesse a chance de conhecê-lo antes que ele me arrancasse do restaurante imundo onde nos encontramos, eu não estaria onde estou nesse momento.

— Por que você não está dormindo, Pet? Eu poderia jurar que tinha te esgotado.

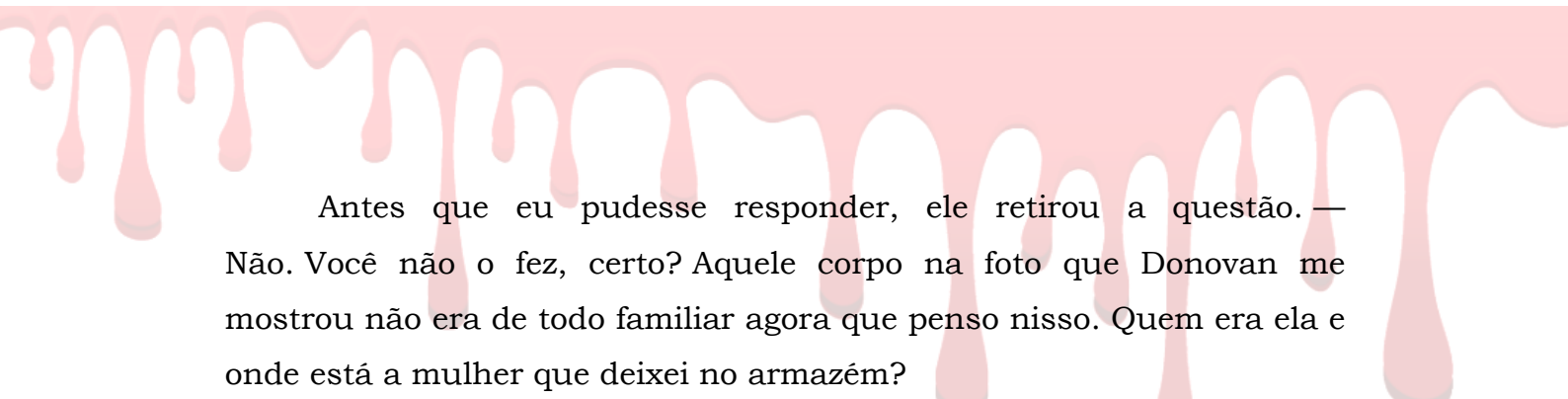
Sua voz era lírica e rouca, espessa com os resquícios de sono. Olhando para a beleza de seu rosto másculo, eu sorri. — Temos trabalho a fazer, sabe? Isso ainda não acabou. Donovan nunca vai parar de nos perseguir.

— Nós poderíamos fugir. Para algum lugar distante onde ele nunca nos encontrará. Eu tenho contas no exterior, dinheiro suficiente para viver pelo resto de nossas vidas e nunca me sentir pressionado. Sorte sua, eu acho.

Estendendo a mão, ele traçou a ponta do dedo ao longo da linha do meu queixo. — Nós poderíamos ir para as montanhas. Ou talvez você prefira uma praia em algum lugar. Inferno, se fugirmos rápido o suficiente, poderemos ir para um algum lugar onde ninguém nunca nos encontrará. Não que precisemos.

Eu olhei para baixo quando sua voz parou, devolvendo o sorriso que ele me dava.

— Você se saiu bem, Pet. Muito bem, na verdade. Eu admito, estou um pouco chocado com o que você fez. Você a matou sozinha?



Antes que eu pudesse responder, ele retirou a questão. — Não. Você não o fez, certo? Aquele corpo na foto que Donovan me mostrou não era de todo familiar agora que penso nisso. Quem era ela e onde está a mulher que deixei no armazém?

Engolindo um suspiro, pisquei e desviei o olhar da beleza assombrosa de seu rosto. — Ela era uma prostituta que encontrei. A que você mantinha presa me ajudou a limpar a cena e desovar o corpo. Eu a deixei ir depois.

Ele disparou na cama, apoiando seu corpo em um cotovelo enquanto segurava meu rosto para virar os olhos em sua direção. — Você a deixou ir?

Raiva rolou na profundidade de seus olhos azuis. — Pet. E aqui estava eu te elogiando. Temos que encontrá-la e...

Colocando um dedo sobre a boca, sorri. — Eu a deixei ir por uma razão, Jude. Você verá. Pela primeira vez na sua vida, deixe alguém assumir o controle. Você precisa de descanso. Temos uma última coisa a fazer antes de dormir.

Seus olhos procuraram os meus antes que ele visivelmente relaxasse. — O que precisamos fazer?

Inclinando-me, coloquei um beijo casto em seus lábios. — Nós temos que queimar aquele armazém.



Capítulo Cinco

Donovan Blake

FBI

Gabinete de Campo da Unidade

Comportamental

Derrotado.

Eu fui derrotado por um idiota em um belo terno preto e a garota que ele chamava de amante e irmã, de acordo com o que sua mãe disse durante a visita.

Uma garota que eu não conseguia tirar da minha cabeça ou do meu sangue.

Apoiando-me na pesada mesa de madeira da sala de conferências, passei a mão no rosto. Papéis estavam espalhados na superfície de madeira, relatórios e fotografias, olhos vazios de cadáveres olhando para mim e me acusando de ter perdido a capacidade de ver esses casos.

Meus ombros caíram com a verdade doentia do meu fracasso. Mas não foi o suficiente para me incitar contra o homem que eu sabia ser responsável por esses crimes.

Um corpo apareceu enquanto ele estava preso. Todos os sinais apontariam para um assassino diferente, mas eu sabia melhor.

Eu estive com a mulher que plantou aquele corpo. Minhas mãos haviam agarrado seus quadris enquanto o fogo e a insanidade queimavam por trás de seus lindos olhos azuis. Ronnie não era a vítima indefesa que todos acreditavam. Ela era esperta. Ela era metódica, e em algum lugar dentro dela havia um monstro doendo para sair, um monstro que espelhava o que eu carregava também.

Minha cabeça caiu para trás enquanto meus olhos se fechavam, minha mandíbula contraia com a fúria e a raiva que eu estava

sentindo. Eu não odiava Jude ou Ronnie por sua habilidade de escapar dos meus esforços para capturá-los - eu os invejava pela liberdade que eles tinham de explorar a escuridão que mantinham escondida do mundo exterior.

Admitir a verdade dos meus sentimentos estava me despedaçando. Sanguinário e carnal, eu ansiava pelo controle e terror que estavam implícitos nos monstros que eu perseguia. Mas cada vez que eu tentava voltar à fachada da minha posição no FBI, meus pensamentos voltavam para uma linda garota com fogo em seus olhos e a liberdade de criar caminhos que eu era contratado para evitar.

As palavras da minha mãe soaram na minha cabeça, o lembrete de que eu andava na linha entre o que era certo e o que era imperdoavelmente errado, ecoando.

Se os policiais não fossem policiais, eles seriam bandidos, Donovan. Você sabe que é verdade. Eu vejo isso em seus olhos tão facilmente quanto vi em seu pai... Você segue a lei porque prestou juramento para esse caminho, mas o que você seria se não tivesse aceitado o distintivo? Um assassino, é isso. Você é um assassino agora. A única diferença é que você tem uma licença para se safar.

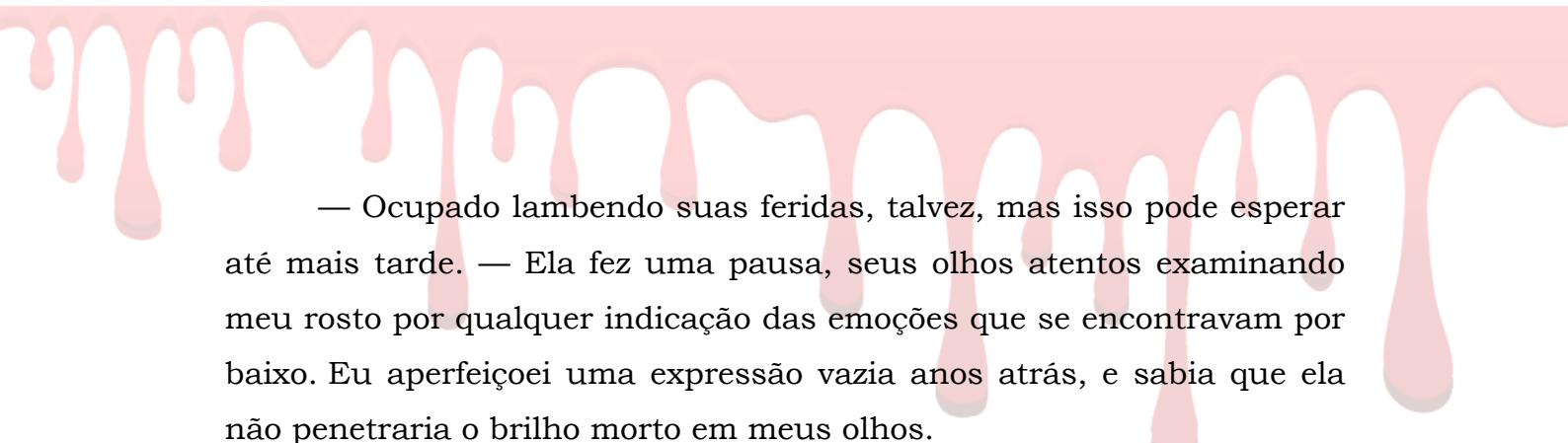
Eu neguei sua declaração na época... Mas não podia negar agora. Eu provei a liberdade da língua de um assassino, e tudo que eu queria era mais.

— Aí está você, Agente Blake — a porta se fechou atrás de Emily quando ela entrou na sala. — Eu estive procurando por você.

Seu passo confiante era marcado pelo clique de seus sapatos conservadores de couro preto e salto alto. Sua saia era passada a perfeição, montando as coxas cobertas de meias que brilhavam sob as luzes da sala de conferências vazia.

A imagem da perfeição, como de costume, Emily usava uma camisa preta modesta, os botões superiores abertos apenas o suficiente para dar uma sugestão de seus seios por baixo do tecido.

— O que você quer, Agente Chase? Você não vê que estou ocupado?



— Ocupado lambendo suas feridas, talvez, mas isso pode esperar até mais tarde. — Ela fez uma pausa, seus olhos atentos examinando meu rosto por qualquer indicação das emoções que se encontravam por baixo. Eu aperfeiçoei uma expressão vazia anos atrás, e sabia que ela não penetraria o brilho morto em meus olhos.

— Temos novidades no caso — ela admitiu, seus olhos ainda procurando por uma reação que não receberia. — Talvez você possa deixar esta sala por algumas horas para que possamos investigar. É promissor.

Minha coluna se endireitou quando meus ombros rolaram para trás. Três dias atrás e uma novidade teria sido uma oração respondida, mas agora, sabendo quem estava por trás do último corpo, a última coisa que eu queria fazer era resolver este caso.

— O que sabemos? — Relutância sombreava a minha pergunta, mas eu precisava saber quão perto eles estavam de declarar Veronica como suspeita dos crimes.

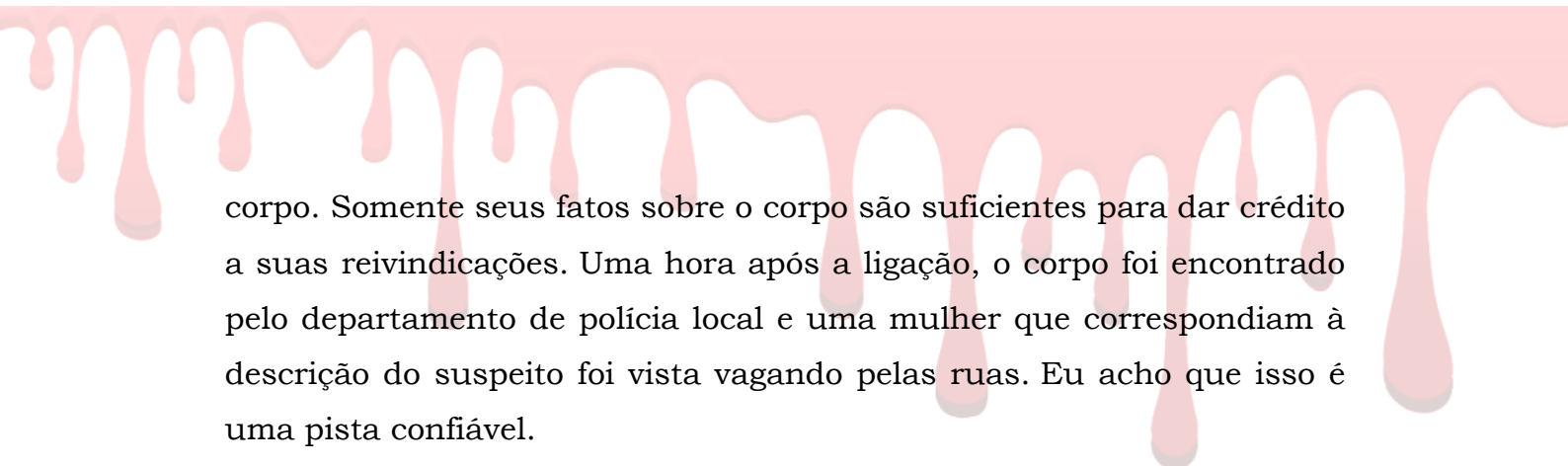
— Um homem viu um corpo sendo despejado, o mesmo corpo que a polícia encontrou ontem. Ele descreveu uma mulher no local. Acho que estamos perseguindo o assassino errado.

— Uma mulher não caberia no perfil — a lembrei, desesperado para tirar a investigação do curso para proteger uma mulher que eu não conseguia esquecer.

Emily não respondeu imediatamente, suas palavras lentas quando ela finalmente respondeu: — Os perfis podem estar errados, Blake.

Nossos olhos se encontraram em resposta a sua declaração. — Raramente estão errados — argumentei. — Você sabe disso tão bem quanto eu.

Afastando-se de mim, ela se inclinou contra outra mesa, seus olhos nunca deixando os meus. — A ligação chegou às 3 horas da manhã. Pelo que podemos dizer pela análise forense, o corpo teria sido despejado dentro de uma ou duas horas depois. O homem que ligou conseguiu identificar características do suspeito e do próprio



corpo. Somente seus fatos sobre o corpo são suficientes para dar crédito a suas reivindicações. Uma hora após a ligação, o corpo foi encontrado pelo departamento de polícia local e uma mulher que correspondiam à descrição do suspeito foi vista vagando pelas ruas. Eu acho que isso é uma pista confiável.

— A mulher foi presa?

— Não, — ela admitiu. — Devido à nossa atuação, a polícia a seguiu até o onde eles acreditam ser sua casa e nos contatou imediatamente. — Ela fez outra pausa para permitir que a informação fosse absorvida. — A casa fica no mesmo bairro onde algumas prostitutas desapareceram, Donovan. Precisamos seguir em frente agora antes que ela fuja.

Raiva brilhou através de mim. — Por que eu não fui informado deste fato até agora?

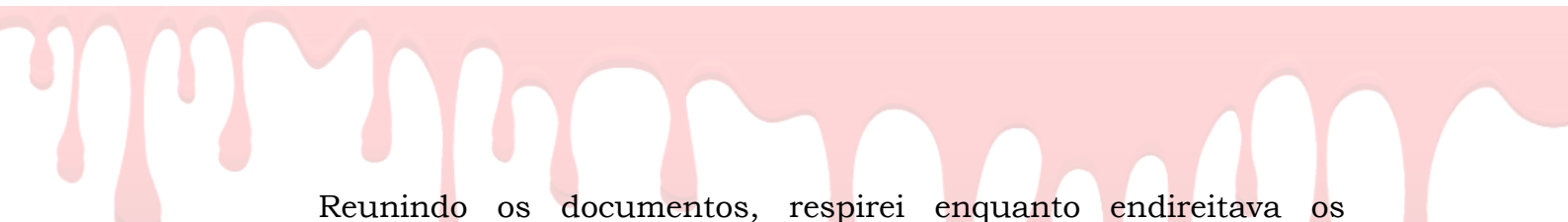
— Você estava ocupado. Vigilância foi colocada na casa em questão e não parece haver alguém indo ou vindo. Mantivemos isso conosco até que Jude Hollister fosse libertado. Teria sido um pesadelo político pegar um suspeito dos mesmos crimes pelos quais mantínhamos um homem inocente ainda detido na cadeia. Você não concorda?

Assentindo, passei as mãos pelo meu rosto novamente. — Qual é a descrição do suspeito?

Alívio tomou conta de mim quando ela respondeu à pergunta. Não era Veronica, as características não combinavam. Mas mais perguntas encheram minha cabeça com cada palavra que Emily falou. Quantas pessoas estavam envolvidas neste jogo que Jude e Veronica estavam jogando?

— Bem. Deixe-me guardar esses documentos de volta nos arquivos e vamos conversar com esse novo suspeito. Dê-me um minuto e eu te encontrarei no carro.

Dando-me um breve aceno de cabeça, Emily deixou a sala silenciosamente, exceto pelo clique incessante de seus sapatos de salto alto. A porta se fechou com um tom definitivo.



Reunindo os documentos, respirei enquanto endireitava os papéis, os colocando dentro de pastas que não significavam mais nada para mim.

Eu não dava a mínima para quem era esse novo suspeito ou que informação ela poderia nos dar. Se ela estava envolvida, não estava agindo sozinha e eu sabia melhor do que qualquer outra pessoa a identidade de seus cúmplices.

Veronica não iria para a cadeia se houvesse algo que eu pudesse fazer para evitar isso.

Ela não perderia seus monstros ao longo do tempo dentro de paredes de cimento forradas com barras de aço.

Eu libertaria seus monstros apenas para que eles continuassem chamando pelos meus.

Capítulo Seis

Patty Wilson

— Sarah parece maior, não é? — Patty disse para sua mãe no café da manhã, dois dias depois de voltar do inferno que ela suportou.

— Bem, ela deveria, você sumiu por tempo suficiente — sua mãe estalou e olhou de volta para o aparelho de televisão precariamente no balcão perto do micro-ondas. A mãe de Patty adorava seus shows, desde programas diurnos até o tribunal de pequenas causas, se passava durante o dia, a mãe de Patty assistia. — Espero que o idiota do Jason, esteja finalmente fora de sua vida.

Patty aconchegou Sarah contra ela e lhe deu mais purê de maçã. Patty não podia acreditar o quanto ela havia crescido durante seu tempo... Longe.

Mesmo agora ela não podia dizer a si mesma que era cativo. Ela colocou em termos que se distanciavam do horror e da repugnância brutal que sentia toda vez que se permitia pensar naquela outra mulher.

A mulher que poderia ter sido como Patty com uma menina em casa esperando por sua mãe.

Patty sentiu as lágrimas queimar seus olhos e passou a mão pelo nariz para abafar um soluço. Chorar não ia ajudar. Concentrar-se em Sarah e ser a melhor pessoa que poderia ser era a única coisa que a faria passar por isso.

Sua mão ainda ardia, um latejar maçante que a lembrava constantemente daquele corpo quebrado que elas tinham deixado na grama.

Forçando-se a se concentrar nas coisas boas, como Sarah, Patty respirou fundo e fechou os olhos.

— Você não vai fazê-la comer assim — disse John por trás dela. Ela olhou para cima e ele sorriu para Sarah enquanto fazia

cócegas no queixo da menina. — Você tem que abrir bem os olhos e fingir que a colher é um avião ou algo assim.

— Você quer fazer isso? — Ela perguntou a John. Ele parecia um pouco triste desde que ela voltou. Ele assumiu o cargo como único provedor de Sarah no tempo em que ela esteve... ausente.

— Claro, você vai a algum lugar? — Ele perguntou e Sarah riu quando ele a pegou em seus braços grandes e sentou com ela na mesa de frente para ele.

— Talvez possa ir ver se me contratam novamente no Wal-Mart — disse ela. Era mentira. Patty só precisava sair de casa por um tempo. No pouco tempo que voltou, ela se sentia cada vez mais cheia de auto aversão pelas coisas que tinha feito. Mesmo respirar fundo e fechar os olhos não impedia que as paredes se fechassem sobre ela.

Como ela podia segurar sua doce menina nas mãos que ajudaram a matar outra mulher? Como ela podia brincar com sua filhinha quando possivelmente privou os filhos de alguém da mãe deles?

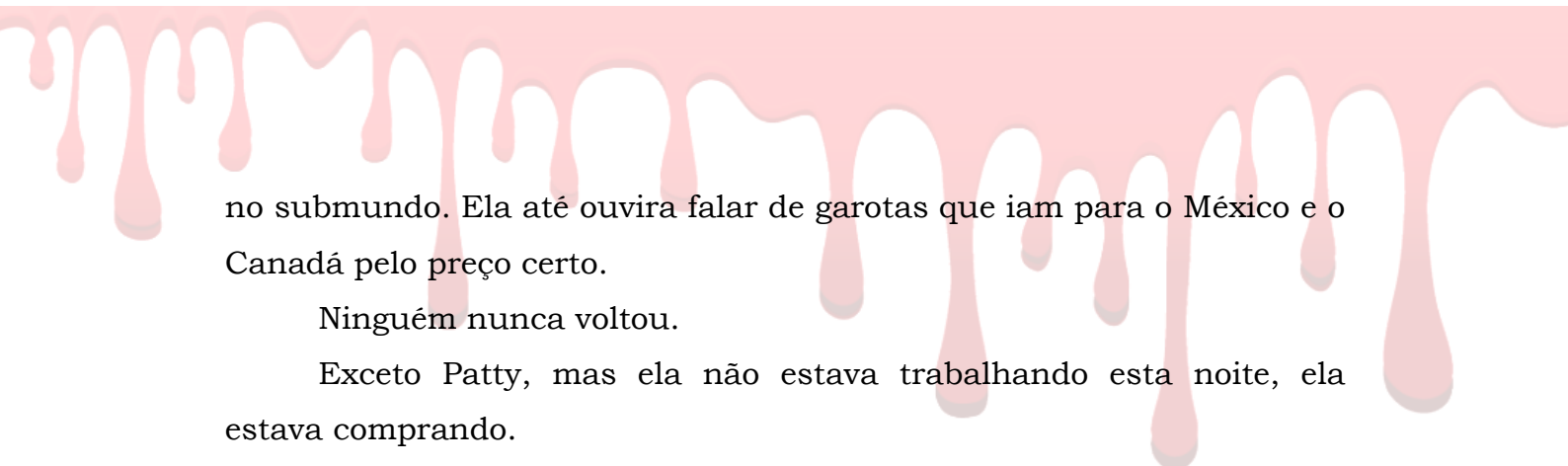
Ela era um maldito monstro e nenhuma quantidade de álcool ou drogas iria ajudá-la a superar isso.

Mas ela tinha que tentar.

Por mais que ela quisesse ficar limpa por Sarah, tinha manchas de sangue em suas mãos agora e não importava o que fizesse, ela não era digna de ser a mãe de Sarah.

Ela mandou uma mensagem a John para dizer-lhe para colocar Sarah na cama sem ela. Ela estava em uma missão esta noite e precisava de ajuda para chegar lá. Ela tinha que esquecer e ia fazer o que fosse necessário para apagar os últimos momentos da vida daquela pobre mulher de sua memória.

Andando pela rua, Patty não reconheceu metade das garotas trabalhando hoje à noite. Era alarmante a rapidez da taxa de rotatividade. Patty gostava de pensar que era devido às meninas se ajeitar e sair dessa vida, mas ela conhecia a verdade dura e fria. As meninas daqui acabavam mortas em matagais, vendidas por metanfetamina para diferentes cafetões, ou simplesmente desapareciam



no submundo. Ela até ouvira falar de garotas que iam para o México e o Canadá pelo preço certo.

Ninguém nunca voltou.

Exceto Patty, mas ela não estava trabalhando esta noite, ela estava comprando.

Finalmente, ela viu um vestido de bolinha rosa néon familiar agarrado firmemente a um corpo atlético masculino.

Nancy. Certamente teria algo esta noite.

— Merda, garota, eu achei que você tivesse saído. Eu estava orgulhosa de você — Nancy disse quando Patty se aproximou dela.

— Não uso por um tempo, mas não saí — disse Patty, tremendo e envolvendo os braços finos em torno de sua estrutura óssea. Ela havia perdido muito peso quando estava ausente.

— Onde você estava? — Perguntou Nancy. — Jason veio procurar por você alguns dias atrás. Disse que está na cidade e te queria amarrada a ele novamente.

— Nunca mais — respondeu Patty, olhando para os pés de Nancy. Seus pés eram enormes, mas os dedos estavam pintados de vermelho vivo e seus sapatos eram lindos. De repente, ocorreu a Patty que Nancy já fora homem. Ela não sabia por que nunca notou antes. Muito confusa, talvez, talvez ela não se importasse. Não que se importasse agora, Nancy era boa gente. — Você tem alguma coisa para mim?

— Oh querida, você não precisa disso — disse Nancy. — Vá para casa e descanse um pouco. Você parece confusa.

— Estou confusa — disse Patty olhando para o rosto de Nancy, o desespero agarrado a ela como uma máscara. — Por favor, pode ser qualquer coisa.

Nancy olhou para ela e suavizou. Ela suspirou e enfiou a mão no bolso, pegando um pequeno saco de pó branco. — Não é a melhor metanfetamina que já provei, mas deve levar você aonde precisa ir.

— Quanto eu te devo? — Patty perguntou, pegando o saquinho em seus dedos trêmulos.

— Você tem algum dinheiro? — Nancy perguntou ceticamente.

— Não, — admitiu Patty.

— Merda, cortesia da casa. Apenas tenha cuidado, você está tão magra quanto um trilho e bastará pouco para te foder.

— Obrigada — disse Patty e se virou para sair. Ela precisava encontrar um lugar privado para fazer isso e se perder por algumas horas. Enquanto caminhava, ela hesitou, se virou e disse: — Nancy?

A mulher mais velha se virou e respondeu: — Sim?

— Você é muito bonita, sabe. Nunca deixe ninguém te dizer o contrário.

— Oh querida, eu sei disso — disse Nancy, mas seu sorriso era radiante pelo elogio inesperado.

Patty estremeceu mais enquanto caminhava até um pequeno parque a alguns quarteirões de distância. Ela se aconchegou em uma mesa de piquenique perto de alguns arbustos altos fora da luz e abriu o saquinho.

Ela pegou um pouco do pó com a unha e aspirou na narina direita. Ela fez o mesmo com a esquerda e repetiu o ritual todo algumas vezes.

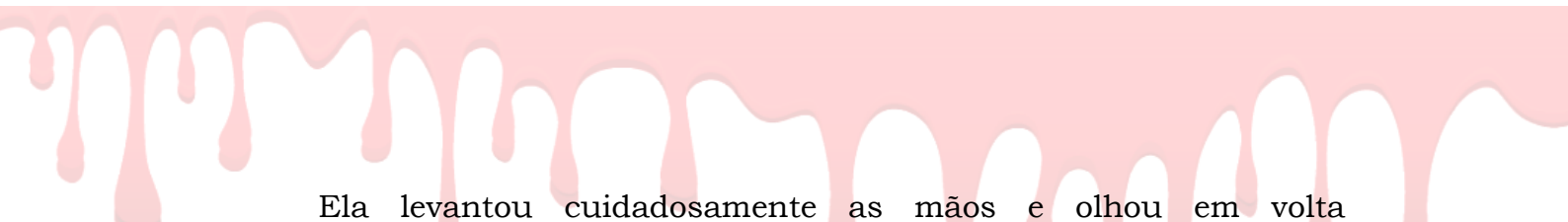
Ela se sentiu melhor imediatamente. Ela riu, olhou para as árvores parecendo se curvar sobre ela e caindo sobre a mesa. Ela não conseguia tirar o largo sorriso do rosto.

Ela fez sua parte, ajudou e sobreviveu. Ela estava aqui, estava livre e a pequena Sarah estaria a salvo do monstro que fez aquelas coisas àquela mulher.

Patty quase podia pensar nela agora sem sentir dor. As drogas deixaram tudo bem e a ajudaram a ver claramente que não foi culpa dela.

Patty sentiu paz pela primeira vez em muito tempo.

— Coloque as mãos para cima, onde eu possa vê-las! — Uma voz estridente atravessou a noite. Luzes brilhantes se acenderam em torno de Patty momentaneamente a cegando enquanto sentava.



Ela levantou cuidadosamente as mãos e olhou em volta procurando a fonte da ordem.

Fora do brilho, uma figura escura apareceu. Ele estava vestido todo de preto e quando se aproximou, Patty pôde ver que estava usando algum tipo de colete à prova de balas que dizia FBI.

— Sinto muito, eu não sabia o que era. Eu nunca farei isso de novo — Patty começou a balbuciar, presumindo que eles a pararam pela posse de drogas.

— Patricia Marie Wilson, você está presa pelo assassinato de Crystal Kasch — gritou o homem.

— Quem? — Patty fungou e arregalou os olhos.

— Mantenha as mãos onde eu possa vê-las — foi tudo o que o homem disse antes de empurrar Patty sobre a mesa e algemar seus pulsos apertados o suficiente para trazer lágrimas aos olhos de Patty.

Novamente.

— Crystal Kasch — Agente Chase disse com um sorriso de escárnio. — Uma garota como você, ela trabalhava nas ruas. Quem te colocou nisso? Com quem você estava trabalhando? Seu cafetão?

— Jason se foi — respondeu Patty. As drogas ainda estavam percorrendo seu sistema, mas os limites da realidade estavam voltando. — Espere, ele não é meu cafetão. Ele não era. Ele era meu namorado. E não, ninguém me obrigou a fazer nada.

— Então você fez tudo sozinha? — Agente Blake perguntou quase ansiosamente, se inclinando sobre a mesa para olhar Patty diretamente nos olhos.

Ele deixava Patty nervosa, como se quisesse que ela confessasse ou algo assim, mas ela nem sabia ao certo para que estava ali ou por que o FBI estaria envolvido.

— Eu não fiz nada, ainda não sei do que você está falando — disse Patty quando a conscientização rastejou ainda mais em sua mente viciada em drogas. Eles não a pegaram por um saco de metanfetamina, eles estavam falando sobre uma garota morta.



Um choque de compreensão atravessou Patty. Eles estavam falando sobre a garota morta. A que ela ajudou a desovar, aquela que era igual a ela.

— Ela sabe de alguma coisa — a Agente Chase disse em um tom amargo. — Essa idiotinha sabe de algo e não vai nos dizer. Provavelmente protegendo o seu cafetão. Não há como ela ter lidado com tudo aquilo sozinha.

— Você ficaria surpresa — disse o Agente Blake, pensativo. — Esses viciados são muito fortes. Faz sentido, porém, todas as garotas conhecem umas as outras. Talvez ela não conseguisse aguentar a concorrência. Ela é como o Wal-Mart, tem que se livrar das menores antes de se instalar.

— Não é hora de brincar, Agente Blake — a Agente Chase disse em um tom baixo. — E defendo minha afirmação de que não há absolutamente nenhuma maneira de essa pequena drogada ter matado e descartado todas aquelas garotas sozinha. Ela tem que estar trabalhando para CK.

Patty não tinha nada a dizer. Qualquer coisa que ela pudesse acrescentar à conversa colocaria a vida de Sarah em risco e a droga já vazara de seu corpo o suficiente para fazê-la perceber a conexão maior.

Ela foi raptada por CK. Ela sobreviveu para contar a história, mas se quisesse que seu bebê vivesse, não havia mais nada que pudesse dizer.

Capítulo Sete

Jude

Eu rastreei um feixe de luz matinal ao longo da coxa de Pet e o segui até a planície macia onde sua perna encontrava seu quadril. Pensei na complexidade pouco abaixo da carne, nos ossos, nos músculos e nos tendões espreitando entre vasos sanguíneos e artérias. Como seria fácil enfiar uma faca em sua artéria femoral enquanto cochilava pacificamente, mas como seria difícil cortá-la e tirá-la do meu apartamento.

Eu não podia evitar, essas coisas se escondiam nas partes calmas da minha mente o tempo todo. Esses pensamentos sombrios se agachavam nos cantos até surgirem espontaneamente e sem arreios.

Às vezes, eu precisava de toda a minha força para não matar Pet. Minha irmã, minha amante e minha metade.

E como tudo mais na minha vida, eu queria destruí-la.

Ela gemeu em seu sono e um sorriso ondulou em seus lábios. Eu me perguntava se era a fonte desse sorriso, se mesmo em seus sonhos ela me adorava e me servia como fazia quando acordada.

Ou era Blake lá com ela agora? Agente Blake que claramente se apaixonou pelo minha Pet e a tomou para si.

Ou assim ele pensava...

O tempo todo, ela só se entregou a ele para tirar vantagem. Para negociar minha liberdade. E que excelente trabalho ela fez naquele momento.

Eu a puxei para perto de mim, beijei a carne macia de seu pescoço. Coloquei meus lábios na pulsação vibrando logo abaixo da pele e tive um desejo intenso de rasgá-la com meus dentes, sentir o sangue quente me borrifando, me cobrindo e me pintando com sua força vital.

Eu precisava matar.

Estive preso por muito tempo.

Eu precisava da morte como precisava de ar para respirar.

— Jude? Baby, o que você está fazendo? — Ela perguntou em sua voz sonolenta.

— Eu estou esperando que você acorde — eu disse a ela e a empurrei de costas.

— Por quê? — Ela perguntou com um meio sorriso no rosto.

— Eu acho que você sabe — eu rosnei e afastei suas pernas.

Era assim todas as manhãs. Minha necessidade era maior quando acordava. Minha necessidade de matar e foder, quebrar e destruir.

Por agora me contentei em foder a boceta quente da minha irmã para aliviar os impulsos crescendo na base do meu crânio.

Ela gemeu e me agarrou com as unhas compridas. Ela se arqueou em minha direção e forçou meu comprimento inteiro dentro dela.

Nós nos contorcemos juntos, nossos corpos entrelaçados e nossos corações se chocando novamente.

Eu nunca conseguia o suficiente.

— Ficaré muito óbvio se o queimarmos — eu disse a Pet no café da manhã mais tarde. Após meu breve encarceramento, decidi não voltar à minha aparência de vida normal. Eu não tinha voltado ao trabalho e não havia retornado nenhum telefonema dos caras. Luka desistiu primeiro, depois Tony e finalmente Marcus.

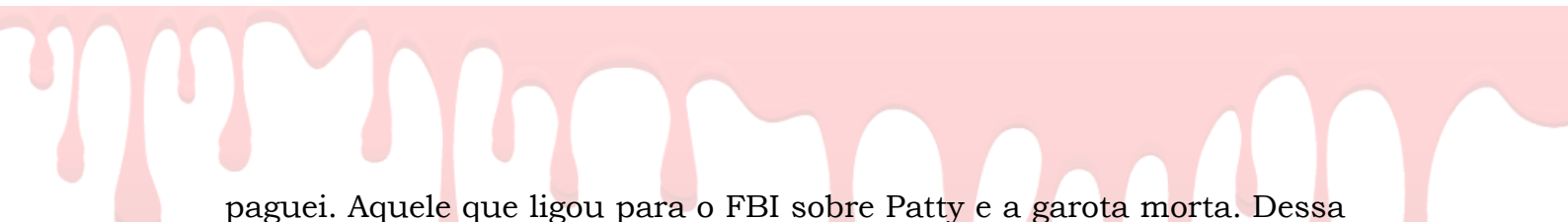
Foi libertador finalmente deixar tudo para trás. Além disso, quem gostaria que um suspeito a serial killer aparecesse em seu casamento?

Era deselegante e desviaria a atenção da noiva. Foda-se vestir branco para o casamento, tente ser um assassino notório para roubar os holofotes.

Suposto assassino.

Eles não tinham nada contra mim, mas teriam se o armazém fosse descoberto.

— Essa é a beleza — Pet respondeu com uma fatia de laranja em sua mão perfeita e elegante. — Nós vamos encontrar aquele viciado que



paguei. Aquele que ligou para o FBI sobre Patty e a garota morta. Dessa forma, amarramos duas pontas soltas com um movimento simples.

— E Patty? Ela precisa morrer, ela sabe demais — eu respondi de maneira uniforme. Eu estava animado, mas não queria deixar transparecer. Pet estava superando qualquer expectativa que já tive sobre ela e eu estava muito orgulhoso.

Meu pai gerou sociopatas eficientes, supus.

— Patty precisa levar a culpa, querido — Pet respondeu e envolveu seus lindos lábios ao redor da laranja e sugou o suco e a carne para longe da casca.

— Então, nós culpamos Patty, matamos o drogado, destruímos as provas e partimos? — Perguntei devagar.

— Exatamente — disse ela com um sorriso. Eu podia ver pedaços de laranja presos em seus dentes.

Ela me impressionava e me irritava. Eu a amava e a desprezava.

Eu não podia imaginar uma vida sem ela, mas aqui no auge do meu período como CK, não conseguia imaginar uma vida longa sem ela.

Somente ela.

— Parece que você fez sua lição de casa — eu respondi e sorri para ela antes de tomar meu café.

— É tudo por você, querido — disse ela e pegou outra fatia de laranja. — Eu não posso imaginar minha vida sem você.

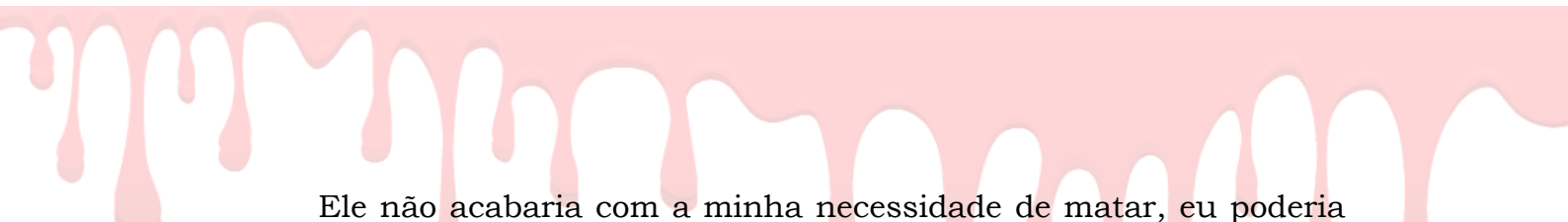
— Nem eu, Pet — respondi e a vi comer com partes iguais de luxúria e nojo dentro da minha cabeça.

Eu precisava matar.

Eu esperava que o viciado fosse o suficiente.

Eu me encolhi com o cheiro que saía da parte de trás do Range Rover. Pet tinha encontrado o cara cambaleando pela rua em uma das partes mais agitadas da cidade. Perto de seu antigo bairro, na verdade.

Ele entrou e disparou imediatamente quando viu a agulha no assento ao lado dele. Ele foi informado que era sua recompensa por fazer o telefonema.



Ele não acabaria com a minha necessidade de matar, eu poderia dizer isso daqui. Estava crescendo como um coice na parte de trás da minha cabeça. Eu não podia ignorar, mas não podia ceder.

Parte de mim ansiava pela época em que eu era um simples assassino. Eu caçava, alimentava a necessidade, desovava os corpos e me deliciava com a coleção que tinha. Eu vivia minha vida e tinha toda a aparência de normalidade.

Se eu estivesse satisfeito com isso, não estaria indo em direção ao meu armazém queimar tudo pelo que trabalhei.

Estacionei a certa distância do prédio e ajudamos o drogado a meio andar, meio tropeçar. Ele murmurou incoerentemente, resistindo a avançar e Pet garantiu que ele ia ser bem cuidado. Sua voz calma pareceu relaxá-lo e ele nos seguiu sem questionar.

Pet já tinha vindo e arrumado algumas coisas. Ela quebrou algumas cadeiras para uma fogueira e dispôs latas de gasolina ao redor do grande espaço aberto.

— Você esteve ocupada — eu disse com admiração.

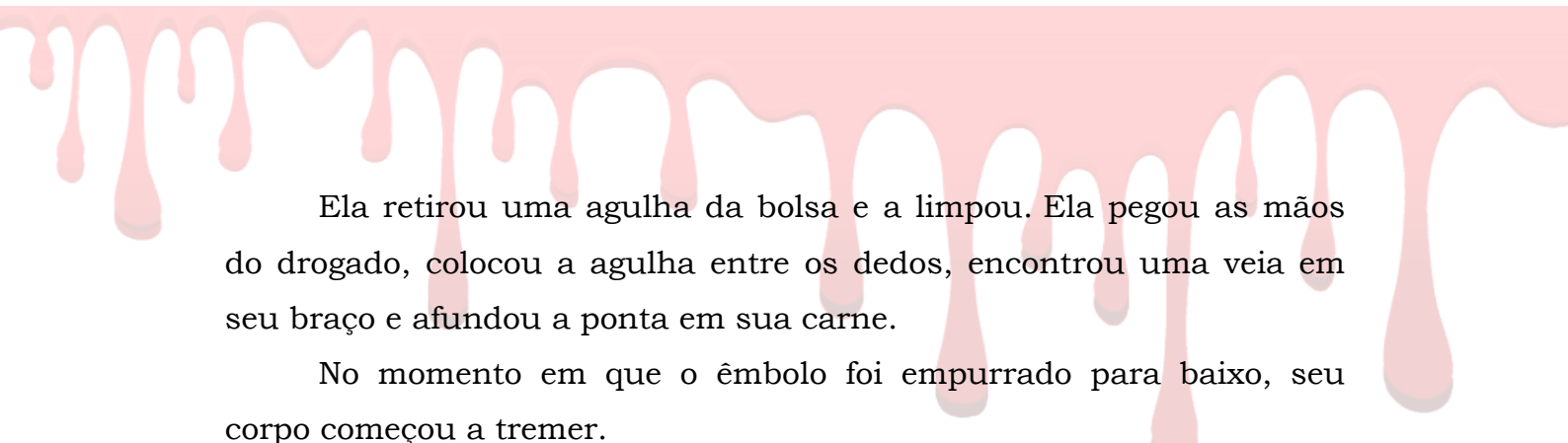
— Eu fiz isso quando você saiu para passar o controle da empresa — disse ela com um sorriso. — Eu sei o quão difícil foi para você, então quis fazer algo especial.

— Está perfeito — eu respondi e deixei cair o viciado no chão para que pudesse puxá-la para um beijo.

Seus lábios cheios estavam frios ao toque e eu endureci instantaneamente no momento em que corri minhas mãos pelas suas costas e segurei sua perfeita bunda em forma de coração. Beije-i-a com força e mordi seu lábio inferior, tirando sangue. Minha necessidade estava aumentando novamente e eu queria fodê-la nesse momento.

— Espere — ela exalou e se afastou. — Vamos cuidar disso primeiro. Por favor, me deixe fazer isso por você. Eu quero ajudar.

Eu relutantemente a deixei ir e a observei trabalhar. Ela se ajoelhou ao lado do viciado e falou baixinho com ele. Ela arrumou sua mochila imunda debaixo da cabeça e puxou um suéter velho de pano sobre ele como um cobertor.



Ela retirou uma agulha da bolsa e a limpou. Ela pegou as mãos do drogado, colocou a agulha entre os dedos, encontrou uma veia em seu braço e afundou a ponta em sua carne.

No momento em que o êmbolo foi empurrado para baixo, seu corpo começou a tremer.

Meu pau já latejante ficou mais duro quando sua vida chegou ao fim. Ele espumava pela boca e cuspiu enquanto tinha uma overdose da heroína que Pet havia injetado em seu sistema.

— É uma merda de alta qualidade — disse ela e acariciou sua cabeça quase carinhosamente. — Meu antigo colega de trabalho conhecia um cara.

— Você é magnífica — eu disse e ela olhou para mim com um sorriso no rosto.

— Obrigada — ela respondeu. — Eu quero ser como você, Jude. Eu quero fazer o que você faz.

— Você está quase lá, mana — eu disse a ela.

Ela colocou fogo na madeira quebrada e arrumou as panelas de lata do viciado em volta como um acampamento. Ela era brilhante, se algum dia encontrassem o corpo dele, assumiriam que ele teve uma overdose e incendiou o local com seu descuido.

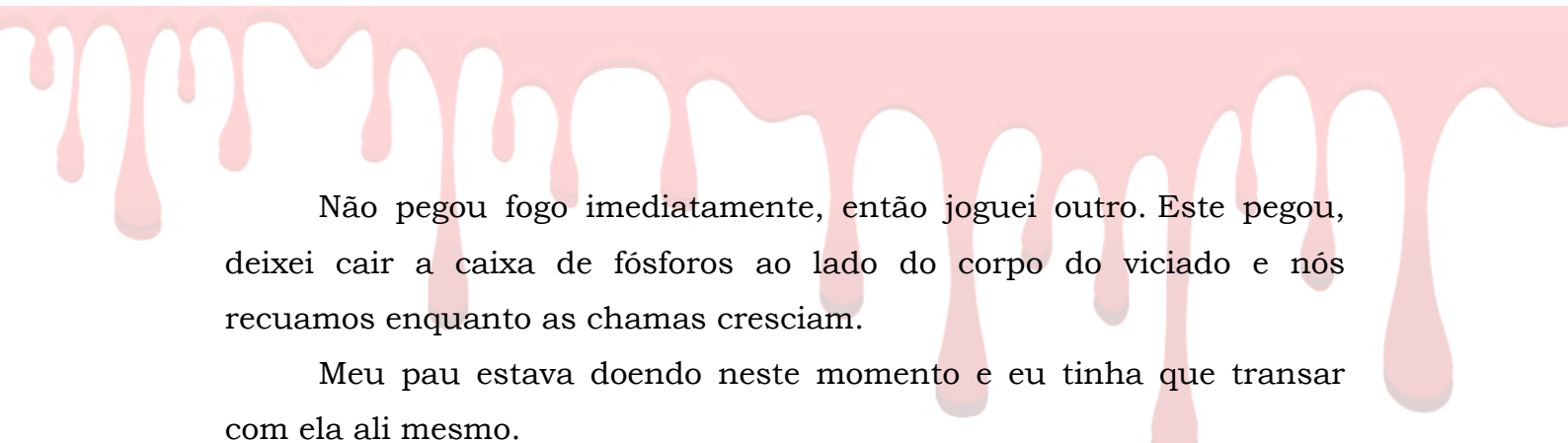
Era a configuração perfeita.

Ela derramou gasolina levando do fogo para os recipientes empilhados ao acaso. — A maioria deles já estava aqui — disse orgulhosa. — Eu os encontrei perto das docas de carga na parte de trás.

Ela estava ao meu lado e eu disse: — Você quer ter a honra?

— Eu quero que você faça — ela respondeu e me entregou a caixa de fósforos esfarrapada do drogado. Como anunciava uma universidade on-line no verso, você poderia aprender tudo de conserto de micro-onda a administração empresarial.

Eu ri com a ideia de aprender gestão de negócios on-line, deslizei o palito e joguei. Eu observei a chama acender, olhei para ela por um momento e deixei cair na pilha de cadeiras quebradas.



Não pegou fogo imediatamente, então joguei outro. Este pegou, deixei cair a caixa de fósforos ao lado do corpo do viciado e nós recuamos enquanto as chamas cresciam.

Meu pau estava doendo neste momento e eu tinha que transar com ela ali mesmo.

Eu agarrei seu braço e ela gritou: — Jude, o que você está fazendo?

— Eu preciso disso — eu disse em um tom severo. — É a única maneira de evitar matá-la.

— Nós temos que sair, o prédio vai pegar fogo — ela choramingou e tentou se afastar de mim.

Eu a empurrei rudemente contra uma pilha velha de paletes a poucos metros do fogo. Ela gritou novamente e tentou se afastar de mim, mas eu estava decidido. Meus impulsos estavam no controle total e eu tinha que fazer isso ou enlouqueceria e cortaria sua garganta.

Eu precisava dessa adrenalina, desse perigo. Eu precisava disso por nós dois.

— Apenas cale a boca que vou te foder — eu rosnei em uma voz quase desumana. — Deixe-me fazer isso.

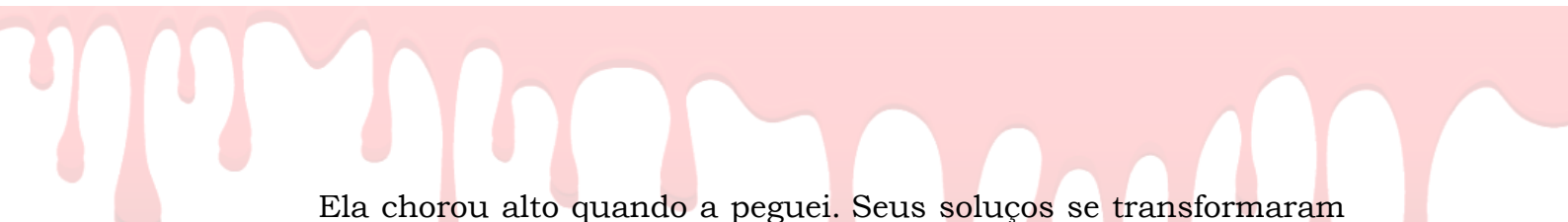
Eu empurrei seu moletom e rasguei suas calças. Ela resistiu e chutou de volta contra mim, ainda protestando e me implorando para soltá-la.

Era o fogo que a assustava. Estava crescendo e serpenteava pelo chão até a parede de contêineres. Eles estavam começando a queimar e explodiriam em breve, razão pela qual eu precisava fodê-la rápido.

— Fique parada — eu pedi e a empurrei com mais força, a prendendo contra a madeira.

Com meus joelhos abri suas pernas. Abri o zíper e segurei meu pau rígido em uma mão enquanto a mantinha presa com força.

Ela estava chorando enquanto eu empurrava dentro dela. Ela resistiu novamente, tentando apertar suas pernas para me bloquear, mas eu empurrei mais forte.



Ela chorou alto quando a peguei. Seus soluços se transformaram de medo em êxtase quando bati em sua boceta e vi o fogo queimar, observei o corpo do viciado queimar.

Eu a fodi duro e ainda não conseguia gozar, eu precisava de mais. Eu precisava de sangue no fogo, precisava de morte e destruição.

O fogo lambeu o primeiro recipiente e ouvi um estalo. Uma das latas de gasolina explodiu em chamas e plástico vermelho.

— Jude, oh meu Deus — ela gritou e empurrou de volta contra mim.

Seu medo e o perigo me levaram lá. Eu fechei meus olhos no corpo em chamas do viciado, as chamas saltando ao longo de sua jaqueta esfarrapada e alcançando seu rosto.

E eu explodi. Senti meus impulsos recuar e libertei minha fome reprimida através do meu pau. Pet empurrou contra mim e gritou novamente, sua boceta apertando ao meu redor em vibrações e ela gritou um som animalesco que me deixou saber que ela estava bem ali comigo.

Eu lentamente a puxei contra mim, ainda dentro dela, e segurei seu rosto com a minha mão por trás. — Olhe para ele. Você o matou, Pet. Você sacrificou a vida dele pela minha.

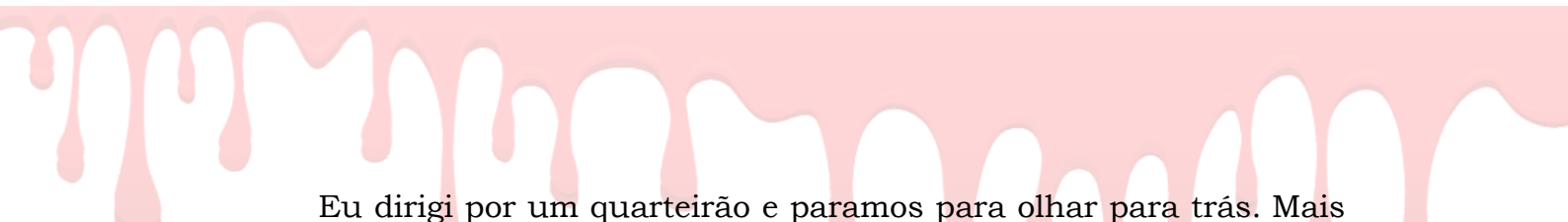
— Eu faria isso de novo um milhão de vezes — ela gemeu e se inclinou para trás — mas poderíamos, por favor, sair daqui antes de explodirmos com o lugar?

Eu ri e beijei sua orelha, a senti tremer toda a extensão de seus ombros a sua boceta, e deslizei fora dela quando outro recipiente pegou fogo e explodiu nas proximidades.

— Sim, minha Pet. Sim, minha irmã. Sim, minha parceira no crime — eu concordei.

Nós corremos do armazém de mãos dadas, sua calça rasgada era quase cômico enquanto corríamos para o Range Rover.

Uma enorme erupção de fogo e barulho sacudiu o SUV quando chegamos ao estacionamento de cascalho.



Eu dirigi por um quarteirão e paramos para olhar para trás. Mais da metade do armazém estava em chamas, a madeira seca pegando e espalhando chamas rapidamente.

— E é isso — disse Pet, estendendo a mão para pegar a minha.

— E é isso — eu concordei e sorri quando voltamos para casa.

— Eu não posso acreditar que você rasgou minha calça, sua besta imunda — ela disse com mais do que uma sugestão de prazer em sua voz.

— Eu vou rasgar tudo o que você possui, se isso significa chegar à sua boceta mais rápido — eu disse e ela apertou minha mão em felicidade.

— Eu sei — ela suspirou e sorriu. — Eu sei.

Capítulo Oito

Donovan Blake

FBI

Gabinete de Campo da Unidade

Comportamental

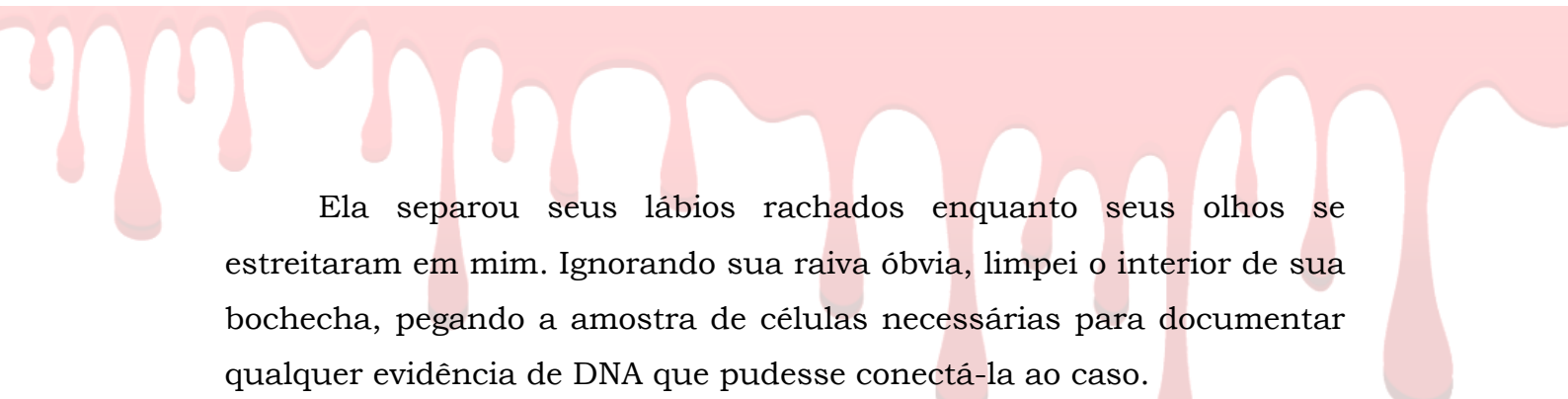
— Abra sua boca, Sra. Wilson, e vamos libertá-la assim que este processo terminar.

Patty me olhou com desconfiança, a pele entre as sobrancelhas franzindo em confusão e desconfiança. Eu tinha tantas perguntas a lhe fazer, mas não podia com Emily pairando ao redor.

Com dentes cerrados, Patty continuou olhando na minha direção. — Por que você está fazendo isso mesmo? — O efeito da metanfetamina havia passado horas atrás e as bolsas sob seus olhos traíam a exaustão que ela estava sentindo. Minha paciência tinha acabado, mas expliquei de novo por que estava tirando amostras de cabelo e saliva.

— Estamos pegando uma amostra do seu DNA para comparar com a cena do crime e com o corpo da Srta. Kasch. Se nada combinar, nunca mais vamos incomodá-la. E, dada a sua insistência de que não teve nada a ver com a morte prematura da Srta. Kasch, você não deve ter nada com que se preocupar. No entanto, não vou liberá-la sem a amostra.

Emily olhou na minha direção, balançando a cabeça ligeiramente em descrença. Suspeitei que ela não acreditasse que a Srta. Wilson fosse capaz dos crimes cometidos contra as outras prostitutas, mas para mim, a Srta. Wilson serviria como o perfeito bode expiatório. Rezando para que houvesse uma correspondência de DNA, coloquei o cotonete em seus lábios e sorri. — Abra se você quiser sair.



Ela separou seus lábios rachados enquanto seus olhos se estreitaram em mim. Ignorando sua raiva óbvia, limpei o interior de sua bochecha, pegando a amostra de células necessárias para documentar qualquer evidência de DNA que pudesse conectá-la ao caso.

Depois de fechar o cotonete em um saco de provas, recostei-me a cadeira, silenciosamente me retirando de seu espaço pessoal.

— Você está livre para ir, Srta. Wilson. Se houver alguma informação adicional que possa ser relevante para a investigação, peço que ligue para o número listado no meu cartão.

Emily se aproximou para oferecer seu cartão de visita, sua expressão facial vazia e despretensiosa. No entanto, eu podia sentir a raiva saindo da minha parceira enquanto ela esperava que a Srta. Wilson se levantasse para que pudesse escoltá-la da sala.

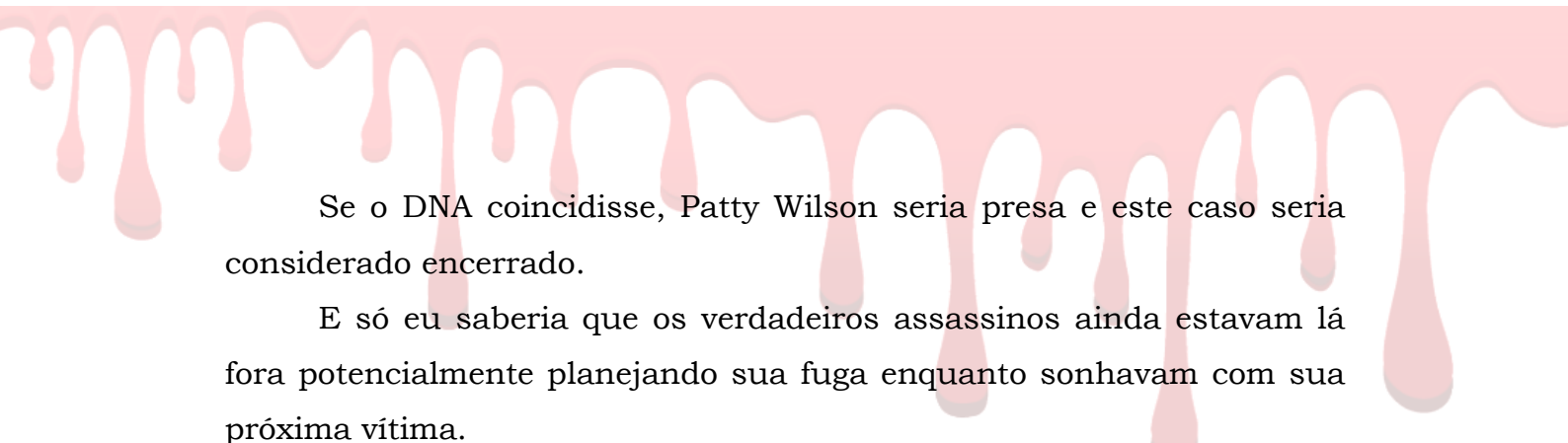
Depois que as duas mulheres saíram pela porta, me levantei da cadeira e olhei para a parede espelhada. Eu sabia que os outros membros da minha equipe estavam esperando e assistindo do outro lado. Eu não tinha nada para oferecer, então simplesmente dei de ombros e saí da sala.

Deram-me um escritório temporário na delegacia de polícia que eu estava usando desde que cheguei à cidade. Indo na direção da sala, ignorei os estranhos olhares dos oficiais passavam pelos corredores.

Eu sabia o que eles estavam pensando: que uma prostituta drogada tinha de alguma forma escapado do agente federal, que todo esse tempo me concentrei no homem errado nesse crime, que meu perfil estava errado o tempo todo e como resultado, mais mulheres perderam suas vidas para o CK.

Essa mesma prostituta estava saindo da estação, e estava indo embora porque decidi não prendê-la.

Ela não iria longe, disso eu tinha certeza. Eu vi a casa em ruínas onde ela morava, vi os rostos degradados de sua família quando ela foi detida. Eles nunca teriam acesso à quantidade de dinheiro que seria necessário para esconder Patty se as amostras de DNA provassem que ela tinha qualquer envolvimento na morte de Crystal Kasch.



Se o DNA coincidissem, Patty Wilson seria presa e este caso seria considerado encerrado.

E só eu sabia que os verdadeiros assassinos ainda estavam lá fora potencialmente planejando sua fuga enquanto sonhavam com sua próxima vítima.

Ciúme me atravessou com o pensamento, minhas mãos levantando para esfregar meu rosto enquanto deixei cair o meu peso na cadeira executiva de couro atrás da mesa de madeira escura no meu escritório emprestado.

Eu odiava a fera dentro de mim, e odiava a sensação de que nunca seria verdadeiramente livre a menos que explorasse a profundidade da escuridão que se escondia logo abaixo da superfície da minha pele.

Pensamentos rasgaram minha mente, principalmente de Ronnie e os sons que ela fazia quando empurrava meu pau dentro de seu corpo firme. Tudo sobre ela me chamava, chamava a besta que permanecia, não mais silenciosa para mim, mas ainda escondida do mundo.

— Ela não fez aquilo.

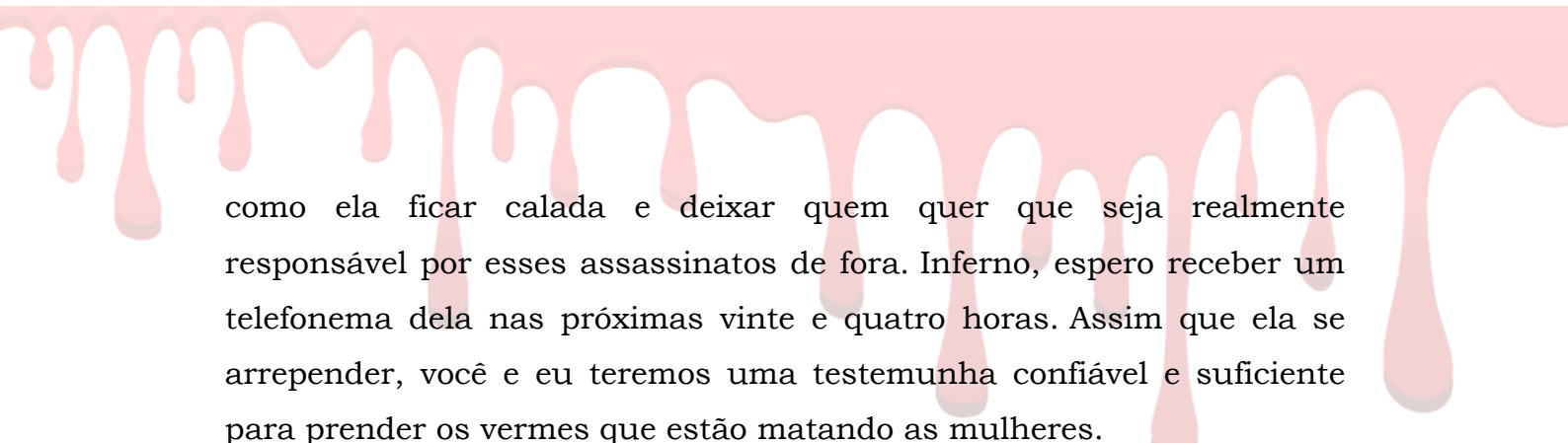
A voz estridente de Emily invadiu meus pensamentos, meus olhos se abriram para vê-la entrar decidida em meu escritório. — O que você quer dizer? Você não acha que ela mentiu o tempo todo que estivemos lá?

— É claro que ela estava mentindo, a pergunta que devemos fazer é sobre o que.

Olhando Emily, balancei a cabeça em descrença. — Não era você a pessoa que estava pressionando a pobre mulher, usando palavrões e colocando a culpa por cada maldito assassinato em seus ombros?

Emily se sentou na cadeira em frente a minha mesa. Correu seus dedos pelo cabelo, afastando as madeixas grossas de seu rosto.

— Eu estava agredindo-a verbalmente, claro, mas só para assustá-la. Você e eu sabemos que, se ela achar que pagará por todos os crimes, vai cantar como um canário sobre o verdadeiro responsável. Ela é uma garota trabalhadora com uma criança. Não há



como ela ficar calada e deixar quem quer que seja realmente responsável por esses assassinatos de fora. Inferno, espero receber um telefonema dela nas próximas vinte e quatro horas. Assim que ela se arrepender, você e eu teremos uma testemunha confiável e suficiente para prender os vermes que estão matando as mulheres.

— Vermes? — Eu não gostava dela usar a referência no plural. Quanto Emily havia descoberto sobre toda a situação? Se Ronnie corresse perigo de ser pega...

— Sim, vermes. Plural. Esta não é uma operação de uma pessoa e você sabe disso. Eu ainda acho que Jude Hollister tem algo a ver com isso e tenho a impressão de que sua pequena namorada também está envolvida. De que outra forma esse corpo apareceria magicamente enquanto ele estava preso. Parece muita coincidência, se você me perguntar.

Minha mandíbula enrijeceu, meus dentes cerraram com tanta força que fiquei surpreso por não terem quebrado. Eu não dava a mínima para o que acontecesse com Jude, mas Ronnie... Eu tinha que proteger Ronnie.

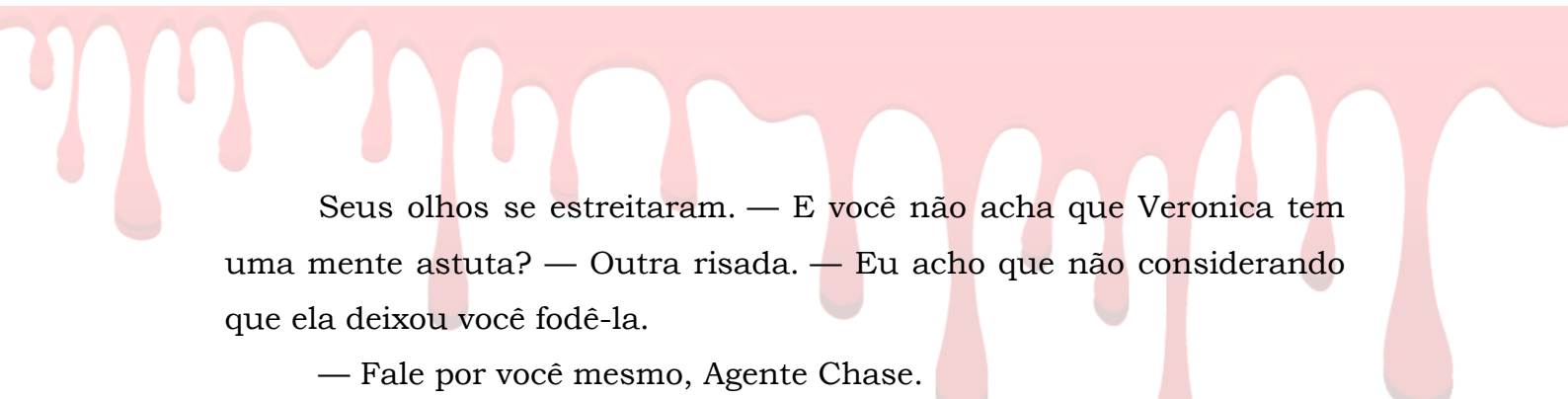
— O que você está dizendo, Agente Chase?

Ela me olhou, desgosto rolando por trás de seus lindos olhos. — Estou dizendo que finalmente temos nosso encerramento, Donovan. Estou surpresa que você não tenha percebido isso também... Ou você estava muito ocupado fodendo Veronica para se importar.

Engessando minha expressão, permaneci neutro apesar de sua acusação precisa. — Eu não tenho ideia do que você está falando. Este é outro dos seus ataques?

Ela riu, o tom zombeteiro. — Eu esqueci você no minuto em que tirou o seu pequeno pau do meu corpo.

Claro que sim, a raiva em sua expressão dizia tudo. Sentado na minha cadeira, continuei fingindo desinteresse por seu desprezo. — Jude pode estar envolvido, sim. Eu também acredito, mas Veronica é muito mole, vulnerável e delicada demais para fazer algo assim. É preciso uma mente astuta, Agente Chase. Você sabe disso.



Seus olhos se estreitaram. — E você não acha que Veronica tem uma mente astuta? — Outra risada. — Eu acho que não considerando que ela deixou você fodê-la.

— Fale por você mesmo, Agente Chase.

Seu olhar era aguçado, a mulher atirava adagas com apenas um simples olhar impactando contra o meu corpo.

Ignorando as farpas silenciosas, admiti: — Você pode estar certa sobre uma segunda pessoa, Emily. Mas acho que ela acabou de sair desta delegacia. Deixe o DNA falar por si.

Sua expressão endureceu, seus lábios uma linha fina contra a raiva vermelha que coloria seu rosto. — Oh, eu vou, Agente Blake. Eu também prenderei sua nova namorada assim que meu pássaro cantar. Tenho certeza de que ela terá uma história infernal para mim quando perceber que, ao ficar em silêncio, levará a culpa.

Levantando de sua cadeira, Emily saiu do escritório, nem mesmo me olhando antes que a porta se fechasse atrás dela.

Minha cadeira guinchou em protesto quando me inclinei para trás, meus olhos cerrados enquanto me perguntava o que diabos eu faria para proteger a mulher que chamou cada parte escura da minha alma que precisava da euforia da liberação abençoada.

Capítulo Nove

Ronnie

— O que devemos levar? — Virando-me para olhar Jude, admirei a forma de seu corpo sob sua calça e camisa sob medida. Sempre me impressionou como ele parecia tão calmo quando por dentro havia algo que brilhava como o mais mortal dos incêndios. — Para onde estamos indo de qualquer maneira? Eu quero ter certeza de fazer as malas de acordo.

Olhando por cima de seu tablet, ele sorriu para mim, a expressão não encontrando seus olhos. Ele estava infeliz com alguma coisa, mas eu não sabia o que. Desde que saímos do armazém, algo o estava incomodando, mas ele se recusou a admitir o que era. Ele tinha matado hoje - teve o lançamento que precisava para passar por essa tempestade fodida - mas ainda assim, eu podia ver o monstro dentro dele implorando por mais.

— Realmente importa para onde estamos indo? Não há nada que você tenha que seja adequado. Nós teremos que comprar roupas novas assim que decidir onde vamos viver.

Olhando as roupas na minha mão, não entendi o que havia de errado com as roupas que eu tinha. Jude me fez jogar fora tudo que eu possuía antes de conhecê-lo. Ele mesmo escolheu essas roupas, me presenteou com elas porque alegou que pareciam melhores apenas por estarem envolvidas no meu corpo. Por que ele parecia odiar tudo sobre elas agora?

Sua raiva me assustou, mas eu estava muito envolvida para recuar agora. Mesmo se tivesse algum lugar para ir se o deixasse, eu sabia que Jude nunca me deixaria escapar.

Colocando as roupas de volta na gaveta, a fechei com o meu quadril, me virando para ele e percebendo que ele estava olhando para o seu tablet novamente, completamente alheio ao meu olhar.

— Está tudo bem, Jude? Você parece tenso.

Deixando de lado minhas preocupações, eu brinquei, o provocando com a minha voz enquanto me arrastava na cama em direção a ele. — Talvez eu possa ajudá-lo a descobrir o que está incomodando. Eu te deixarei me amarrar. Eu sei o quanto você gosta disso.

Sua expressão não mudou, exceto por uma ligeira ondulação no canto de sua linda boca. — Você *deixará*?

Sua mão estava no meu cabelo antes que eu percebesse que ele se mexeu. A dor disparou ao longo do meu couro cabeludo quando ele torceu os dedos nos fios, quase arrancando da minha cabeça. Fixando-me para trás no colchão com meus joelhos dobrados e minhas pernas presas embaixo de mim, ele pairou acima de mim, seu rosto apenas a centímetros do meu. A dor queimava meus músculos, mas não gritei e nem reclamei, isso só o excitaria mais.

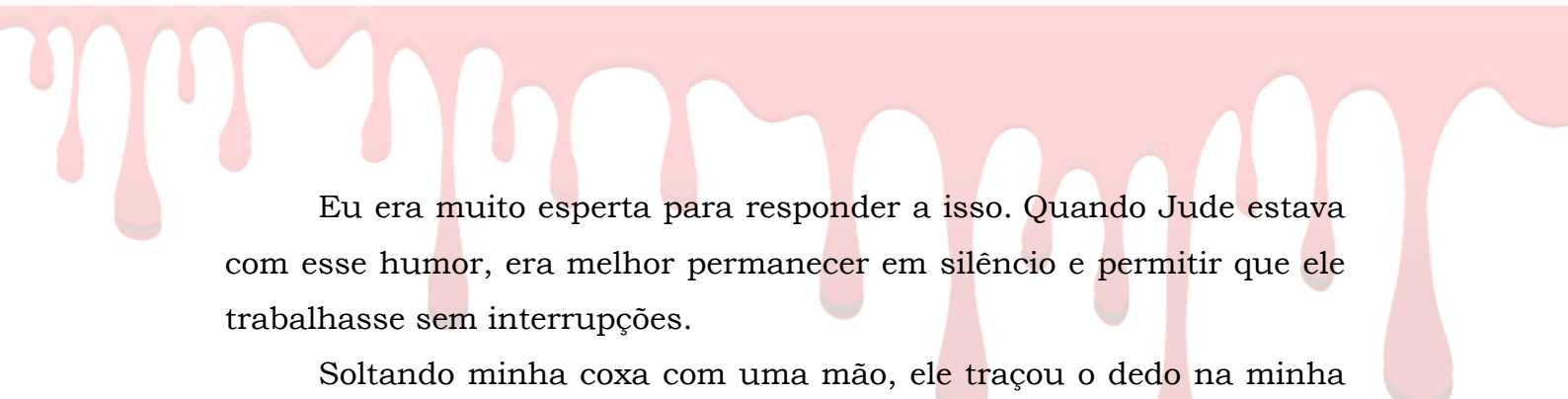
Eu não entendia suas mudanças de humor, apesar de agora reconhecer o monstro que espreitava dentro dele.

— Jude — eu implorei — Você está me assustando.

Ele sorriu, a expressão mais desdenhosa do que amigável. Com uma voz controlada, ele perguntou: — O que faz você pensar que tem o direito de me *deixar* fazer qualquer coisa. Eu te possuo, Pet. Você ainda não percebeu isso? Se eu quisesse cortar suas orelhas fodidas e alimentar você com elas no café da manhã, farei isso independentemente de você ter um problema com isso ou não.

Sua mão soltou meu cabelo, mas só para que ele pudesse passar a palma pelo meu corpo e apertar minhas coxas, onde os músculos ainda queimavam da posição das minhas pernas. Eu gritei em resposta, fazendo com que seu sorriso aumentasse.

Sua voz estava tão baixa que era mal um sussurro, ele abaixou mais o rosto até que sua boca roçou a minha quando perguntou: — Você me *deixará* machucá-la agora?



Eu era muito esperta para responder a isso. Quando Jude estava com esse humor, era melhor permanecer em silêncio e permitir que ele trabalhasse sem interrupções.

Soltando minha coxa com uma mão, ele traçou o dedo na minha saia, puxando o material para longe da pele firme e queimada das minhas coxas. Com a outra mão, segurou meu cabelo, mais fraco que antes, mas ainda forte o suficiente para manter minha cabeça presa ao colchão.

A ponta do seu dedo correu ao longo da minha perna, finalmente, contra a minha calcinha, sem pressão suficiente para rasgar, mas o suficiente para fazer meu coração martelar no meu peito.

Uma expressão divertida apertou seus lábios, seus olhos brilhando em resposta ao medo que era óbvio em mim.

— Você está molhada. Mesmo com dor, mesmo que esteja com medo, você ainda responde a mim, pronta e disposta a me deixar levá-la aonde eu quiser ir. — Seus lábios se arrastaram sobre minha bochecha até que descansaram em meu ouvido. Em um sussurro ele brincou: — Você é tão fraca, Pet. Mesmo depois de tudo o que fez, a morte que causou, o pesadelo que se tornou, você ainda é muito fraca.

Ousando falar, eu respondi: — Eu sou sua. Essa é a única coisa que importa.

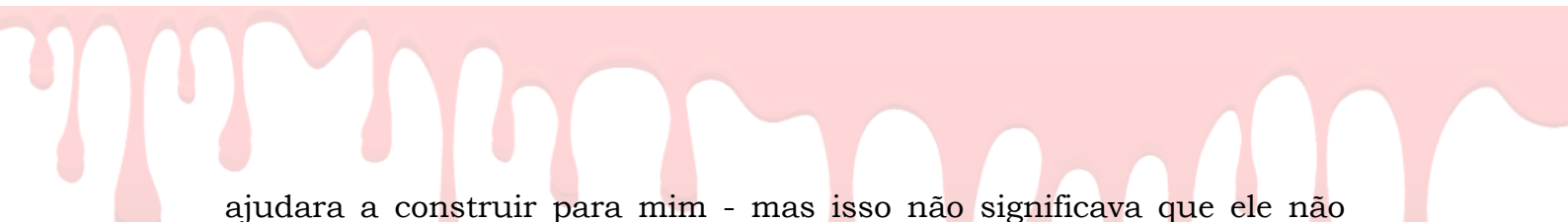
Seus dedos soltaram meu cabelo enquanto ele se erguia acima de mim, minhas pernas ainda presas, sua mão ainda pressionada entre as minhas pernas - seu dedo passando sobre a carne sensível que estava encharcada em um convite apenas para ele.

— Se você é minha, então farei o que quiser. Você não me *deixará* fazer nada. Estamos entendidos?

Assentindo uma vez, o observei, presa sob o perigoso e agitado predador.

Seus olhos encontraram os meus. — Nunca acredite que você é igual a mim. A suposição só te matará.

Um nó de pânico me sufocou, mas forcei minha garganta a engolir. Ele nunca me machucaria - nunca extinguiria a vida que



ajudara a construir para mim - mas isso não significava que ele não seria criativo nas punições com as quais costumava me atormentar.

Afastando seu olhar do meu, ele se inclinou para empurrar minha camisa para cima do meu corpo com o nariz, seus lábios arrastando sobre a minha pele até que meus seios foram expostos ao calor de sua respiração.

— Alguma vez você já se perguntou o que as minhas vítimas sentiram no momento em que encontram a morte?

Fechando meus olhos com força, não respondi, tinha mais juízo do que alimentar o monstro que estava lentamente rastejando sob sua pele.

Uma dor aguda estourou na pele do meu peito quando ele mordeu o mamilo firme. Eu gritei, minha voz cortando o silêncio dentro do quarto quando o medo que ele perfurasse e rasgasse a pele delicada floresceu. Esta era sua marca registrada, o troféu que ele guardava em um saco plástico que lembrava cada mulher que ele teve antes de mim... Durante... E continuaria tendo até que sua besta estivesse mais uma vez calma.

Enquanto meu corpo tremia de medo e dor, ele arrancou a calcinha do meu corpo, empurrando dois dedos dentro de mim quando soltou o mamilo apenas para morder a plenitude do meu peito. Eu gritei de novo, mas o prazer misturado com o medo e a dor enchiam o som da minha voz.

Sete... Oito... Mais nove mordidas, marcando minha pele antes que ele sussurrasse: — Eu vou fodê-la, Pet, você deixando ou não.

Tirando a mão do meu corpo, ele sabotou sua calça, liberando seu pênis e abrindo minhas pernas, sem permitir que eu as desdobrasse sob o peso de nossos corpos.

Posicionando a ponta do seu pênis na minha abertura, ele trancou os olhos nos meus, mas o som da campainha quebrou a raiva em sua concentração.

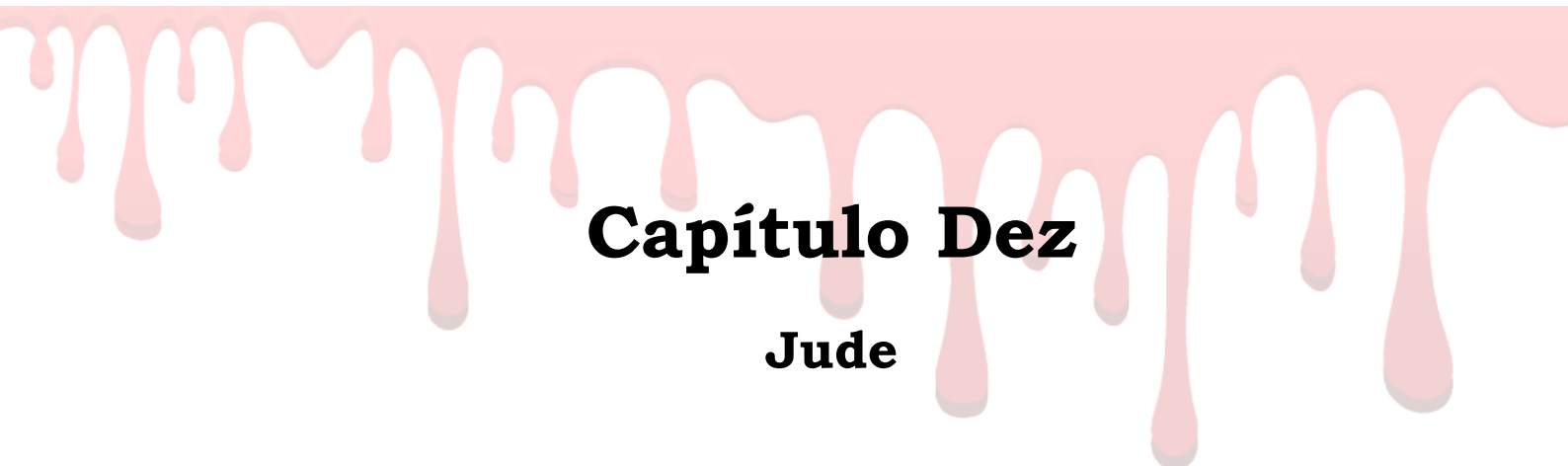


Sua cabeça caiu para frente, seus dentes rangendo com tanta força que sua mandíbula se contraiu em agitação. — Quem diabos poderia ser?

Afastando-se de mim, ele olhou em minha direção, deixando claro que eu não deveria sair da posição que estava no colchão. Jude pegou o tablet no travesseiro onde o havia deixado, deslizando o dedo pela tela para abrir o aplicativo conectado ao sistema de segurança da casa.

Seus lábios puxaram em um sorriso feroz. — Parece que temos companhia, Pet. — Ele virou o tablet para mim para que eu pudesse ver quem estava na porta. — Parece que seu namorado veio se juntar à festa. Que maravilha!

Meus olhos se conectaram à tela e eu engoli novamente quando vi o rosto de Donovan olhando diretamente para a câmera.



Capítulo Dez

Jude

Pet tinha me irritado, mas isso me fez desejá-la ainda mais. Era um tipo de amor doentio o que tínhamos, essa semelhança em nossa composição parecendo levar ao atrito que me fez querer envolver minha mão em torno de sua garganta e sufocar a vida dela.

Ou acariciá-la e lamber sua boceta até que ela gozasse no meu rosto gritando meu nome. Poderia ser de qualquer maneira realmente.

Eu estava tão cheio de necessidade, aquela necessidade vermelha e irada que só era saciada pela morte. O sem-teto do armazém nem chegara perto de me acalmar, só desencadeara meu anseio por sangue e destruição.

Eu estava prestes a mergulhar na minha Pet para evitar envolver meus dedos em torno de sua garganta macia e preencher essa necessidade quando a campainha tocou.

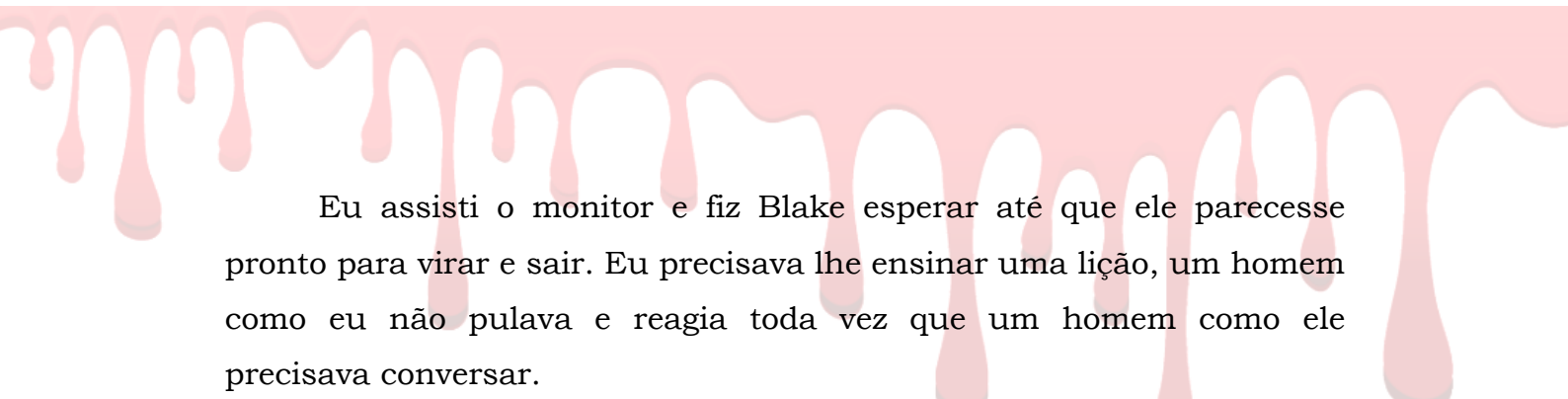
Eu chequei a câmera de segurança na porta da frente e encontrei o Agente Blake parado ali, parecendo orgulhoso e desajeitado ao mesmo tempo, como uma criança mimada. Que bonitinho.

Eu pulei de pé, sorri para Pet e lhe disse para ficar quieta.

Ela caiu de costas nos quadris como um cão fiel e meu coração se encheu de orgulho por ela. Ela estava ficando tão bem treinada, apesar de sua hesitação e lembretes ocasionais de que ela nunca estaria no meu nível. Ela não nasceu com meu dinheiro e sempre manteria essa borda de pobreza desesperada.

Eu coloquei minha camisa e calça de volta e as alisei. A campainha da porta soou novamente e senti um pouco de raiva cortando meu exterior frio.

Por que o Agente Blake estava sendo tão insistente? Ele ainda sentia o cheiro da boceta de Pet ao vento? Ele a estava farejando como um cão de caça?



Eu assisti o monitor e fiz Blake esperar até que ele parecesse pronto para virar e sair. Eu precisava lhe ensinar uma lição, um homem como eu não pulava e reagia toda vez que um homem como ele precisava conversar.

Quando ele se virou e deu dois passos para fora da minha porta da frente eu abri e fiquei esperando que ele voltasse.

Ele parou, tenso e se virou, um olhar desafiador no rosto. — Senhor Hollister — disse ele com os dentes cerrados. — Você está sozinho em casa?

— Por quê? Você está aqui para convidar minha Pet para sair?

— Não, eu quero dizer que se ela estiver aqui eu gostaria de vê-la, mas não para isso.

— Então por que você está aqui?

— Eu preciso falar com você.

— Você deveria ter me chamado até a delegacia — eu disse e estreitei os olhos, o observando com cuidado. Ele parecia nervoso, havia uma veia pulsando no seu pescoço, as pupilas dilatadas e a boca seca.

— Isso não é algo que podemos falar na frente de qualquer outra pessoa — disse ele e seus olhos se moveram nervosamente para a parte de trás do apartamento. Ele sabia onde ficava o quarto principal, ele assumiu corretamente que Pet estava lá atrás.

— Pet! — Eu chamei sem tirar os olhos dele. — Venha aqui!

Eu ouvi o sussurro silencioso de seus passos no chão do corredor de mármore e ela se juntou a mim obedientemente.

— Boa menina — eu disse sem olhar para ela. — Parece que seu namorado aqui está atrás de um pouco mais de sua boceta doce.

— Não há necessidade de ser vulgar — disse Blake, estremecendo.

— Desculpe, você prefere que eu chame de vagina?

— Por favor, ela é uma dama.

Eu zombei disso. — Minha Pet pode ser muitas, muitas coisas, mas nenhuma delas é uma dama.

Ela fez beicinho, mas o que ela esperava quando se vestia como uma prostituta barata e usava sua boceta como sua arma?

— Me deixa desconfortável vê-lo a tratando assim — Blake murmurou e olhou para Pet para tranquilizá-la. Ela visivelmente se iluminou sob o apoio dele e isso me irritou.

— Não é? — Eu perguntei com a sobrancelha arqueada. — Deixa você desconfortável quando faço isso?

Eu agarrei o cabelo de Pet e a puxei para mim. Ela ofegou e estremeceu, mas caiu contra mim em submissão. Eu puxei o pequeno roupão de renda que ela estava vestindo e segurei seu traseiro nu e liso.

— Isso te deixa desconfortável? — Eu perguntei, olhando diretamente para ele enquanto puxava Pet para ficar na minha frente, o encarando. Eu corri minha mão ao longo de sua linda bochecha, deslizei entre suas coxas e encontrei sua boceta molhada, encharcada. Eu coloquei um dedo dentro dela e esfreguei-a devagar, deliberadamente, sem quebrar o contato visual.

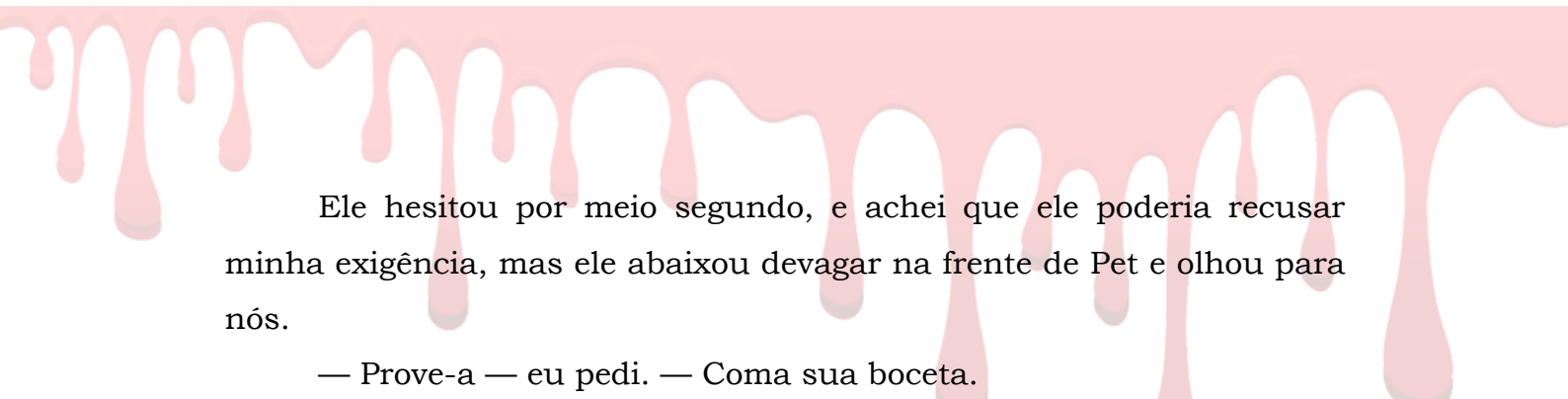
Ele engoliu em seco e sussurrou: — De modo nenhum.

Como se na sugestão, Pet gemeu e sua cabeça descansou em meu ombro quando ela começou a ficar mole de prazer.

— Você está desconfortável agora? — Eu perguntei e abri o zíper da minha calça, puxei meu pau e o coloquei entre as coxas de Pet, ao longo de sua fenda encharcada, e parei em sua entrada. Eu encarei o Agente Blake e empurrei para frente, empalando Pet em mim. — Que tal agora? — Eu perguntei uniformemente.

— Não, — ele exalou e seus olhos correram para baixo para seios perfeitos de Pet, ele assistiu eles saltarem enquanto eu empurrava dentro dela, um movimento curto e duro após o outro.

— Venha — eu pedi e ele deu um passo em nossa direção, uma pergunta em seu rosto como se estivesse lutando com o comando. — De joelhos, prove sua boceta — eu disse, minha voz um pouco rouca quando a peguei mais forte.



Ele hesitou por meio segundo, e achei que ele poderia recusar minha exigência, mas ele abaixou devagar na frente de Pet e olhou para nós.

— Prove-a — eu pedi. — Coma sua boceta.

Ele baixou o rosto em direção a sua boceta suave e raspada. Ele parou novamente na frente, inalou profundamente e mergulhou, beijando e lambendo como um homem faminto em sua última refeição.

Eu a fodi com força e com cada movimento isso dirigia seu clitóris contra ele, batendo em seu rosto e a fazendo gemer de prazer.

Eu levei a mão e o agarrei pela parte de trás da cabeça para que ele não pudesse se afastar e mergulhasse mais fundo dentro dela.

Ele lutou contra a boceta moendo contra sua boca e eu empurrei mais fundo, mais forte, forçando seu corpo contra ele.

Eu podia ouvi-lo grunhir e lutar comigo, mas se ele quisesse, teria se libertado. Ele queria isso tanto quanto eu, o que fazia dele um fodido doente.

Eu espasmei e empurrei uma última vez, esvaziando minhas bolas doloridas dentro da minha Pet. Senti sua boceta vibrar e apertar em torno de mim enquanto ela gritava seu orgasmo, gritava meu nome e o dele.

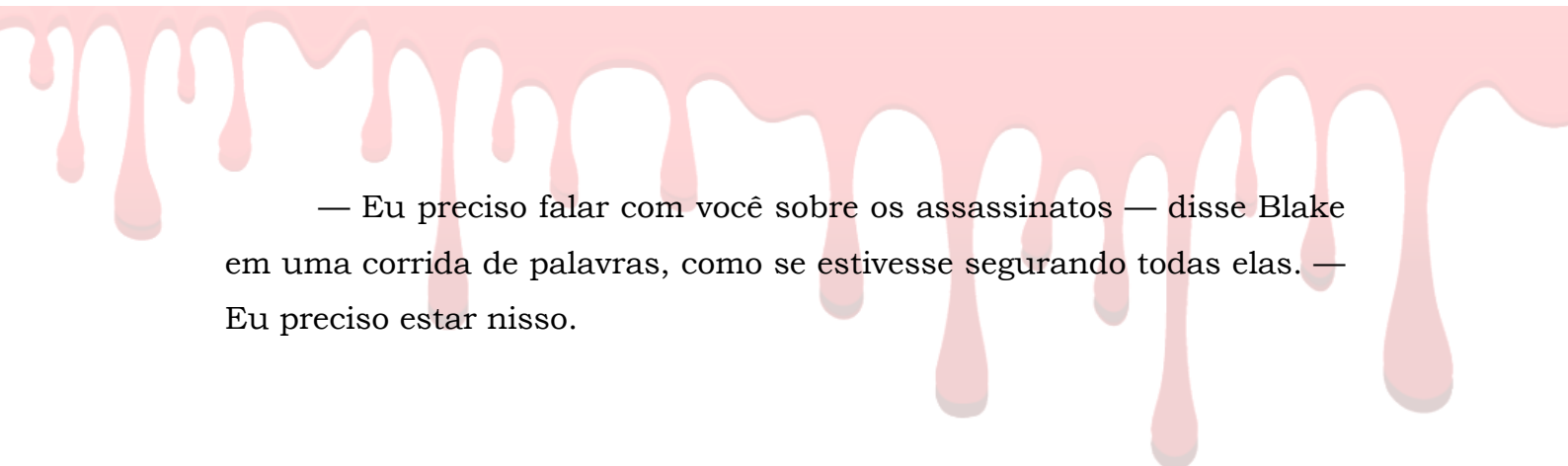
Ele relaxou com isso, sua aceitação... E a minha. Não me incomodou que Pet o quisesse por perto ou que estivesse excitada por ele. Divertia-me, a maioria das pessoas tinha mais de um cachorro, Pet precisava de companhia.

Ela se recostou contra mim e senti seu corpo ficar mole, como sempre fazia depois que ela gozava. Eu a peguei em meus braços e libertei o Agente Blake ao mesmo tempo.

Ele recuou, respirou profundamente e levantou.

Eu levantei Pet e a aninhei, a beijei e falei baixinho com ela, a deixei descer da intensidade antes que a fodesse novamente.

— Então o que você queria falar? — Perguntei ao Agente Blake enquanto colocava Pet de pé. Eu enfiei meu pau de volta na minha calça e levantei uma sobrancelha.



— Eu preciso falar com você sobre os assassinatos — disse Blake em uma corrida de palavras, como se estivesse segurando todas elas. — Eu preciso estar nisso.

Capítulo Onze

Jude

— Nisso o quê? Você gostou do nosso sexo a três? — Eu perguntei em um tom confuso. Pet recuou, puxou a camisola para baixo e ficou de pé contra mim. Eu coloquei meu braço em volta dela para mantê-la perto.

— Não o trio, não o sexo. Eu quero estar envolvido. Eu sei que você é o CK e quero entrar.

— Por quê? — Eu perguntei. — Qual é o ponto?

— O ponto é que estou farto do que está acontecendo. Eu quero me libertar e encontrar meu verdadeiro lugar no mundo.

— De joelhos na minha frente?

— Se é isso que for preciso. Ouça, minha parceira não acredita que a última vítima tenha sido de CK. Ela acha que ele teve ajuda. — Com isso, seus olhos se voltaram para Pet. — Eu acho que sei quem fez isso, e não foi você, Jude.

— Então somos amigos agora, Donovan?

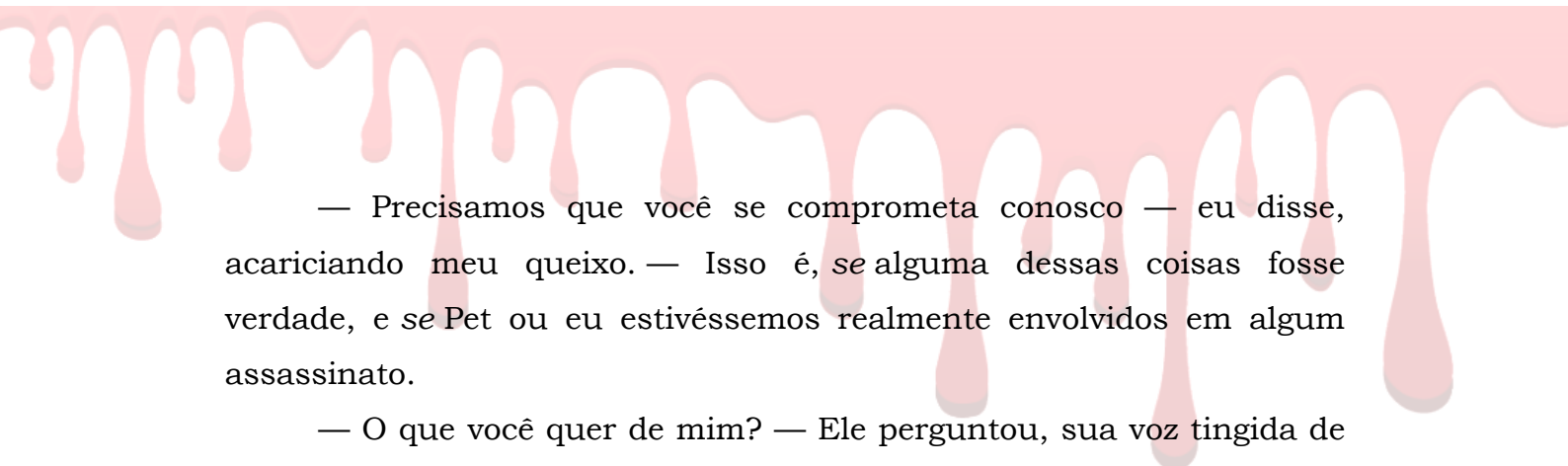
— Não amigos, eu não sei. Eu só sei que não quero que você afunde. Eu quero ver isso até o fim.

— Como eu afundaria? — Eu perguntei com uma risada. — Eu estava preso durante o último assassinato. Além disso, li no jornal hoje que você já pegou a garota que fez isso.

— Esse é o meu ponto, a Agente Chase não acredita que Patricia tenha algo a ver com isso. Ela é uma excelente agente e acha que é você. Ela não vai parar até provar isso.

Eu inalei lentamente, quase provei o cheiro da boceta de Pet no ar e olhei para Blake de cima a baixo. — Então você quer nos ajudar? Nós dois? O que você ganha com isso?

— Liberdade. Liberdade simples.



— Precisamos que você se comprometa conosco — eu disse, acariciando meu queixo. — Isso é, se alguma dessas coisas fosse verdade, e se Pet ou eu estivéssemos realmente envolvidos em algum assassinato.

— O que você quer de mim? — Ele perguntou, sua voz tingida de desespero.

Eu pensei por um momento e uma ideia surgiu. Uma que provaria sua lealdade e me ofereceria uma fuga dos tormentos que assombravam minha mente. Uma saída para meus desejos demoníacos.

— Eu preciso da sua parceira. Agente Chase. Ela é aquela garota adorável que você estava fodendo, não é?

— É — disse Blake, estreitando os olhos em pensamento. — Mas não sei se posso fazer isso... Pensei que talvez pudéssemos fugir juntos ou algo assim.

— Não, precisamos de um compromisso de sangue — insisti. — Traga-a para mim e discutiremos a natureza do nosso relacionamento depois disso.

Ele considerou minha proposta por um período tão curto que eu sabia que ele estava pensando nisso antes mesmo de chegar aqui. Ele queria me trazer a Agente Chase desde o começo.

— Ok — disse ele e estendeu a mão. Eu apertei e ele sorriu. — Eu acho que isso significa que estou oficialmente a bordo.

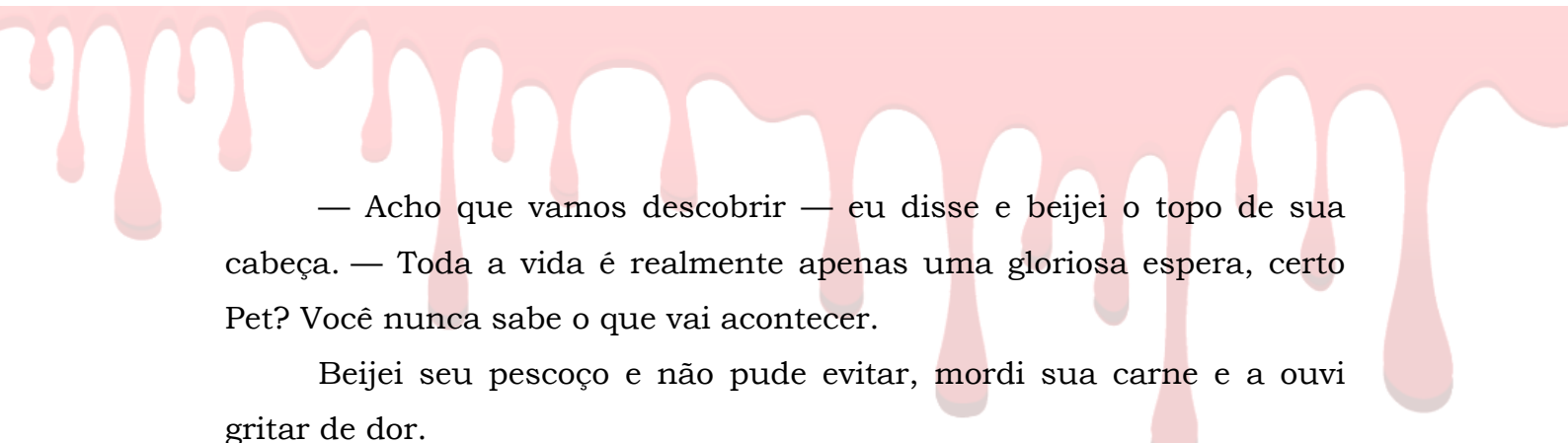
— Você está no time — disse Pet com entusiasmo ofegante.

— Sim, sim, você é um de nós. Se conseguir isso.

A dúvida cintilou em seu rosto e desapareceu em um instante, quando ele mais uma vez se decidiu. Trazer-me sua pequena parceira desejável para que eu pudesse saciar minha sede e amarrá-lo a nós com seu sangue e destruição.

Ele saiu do apartamento e se fez silêncio por alguns momentos depois, enquanto Pet e eu ouvíamos os sons de seus passos no corredor do lado de fora.

— É uma boa ideia? — Ela perguntou. — Podemos confiar nele?



— Acho que vamos descobrir — eu disse e beijei o topo de sua cabeça. — Toda a vida é realmente apenas uma gloriosa espera, certo Pet? Você nunca sabe o que vai acontecer.

Beijei seu pescoço e não pude evitar, mordi sua carne e a ouvi gritar de dor.

Eu mordi mais e provei sangue, senti-a lutar contra mim, mas a segurei firme. Ela nunca fugiria e sabia disso, aceitava isso.

Ela ficou mole em meus braços novamente e a carreguei de volta para o nosso quarto para fodê-la novamente até que ela reconheceu meu domínio sobre ela e parou de lutar contra isso.

A coceira estava de volta e eu não podia mais ignorá-la.

Eu precisava matar. Eu precisava matar alguém que conhecia, alguém que eu queria... Talvez até alguém que eu amava.

Era uma sensação profunda, camadas sob a minha pele, atadas em músculos e ossos e intocável até que eu saciasse minha sede de sangue.

Nós estávamos dirigindo para o meu antigo terreno para encontrar os Agentes Chase e Blake, Pet no banco do passageiro falando incessantemente em sua pequena voz cantada sobre os assuntos mais mundanos.

Eu mal podia suportar.

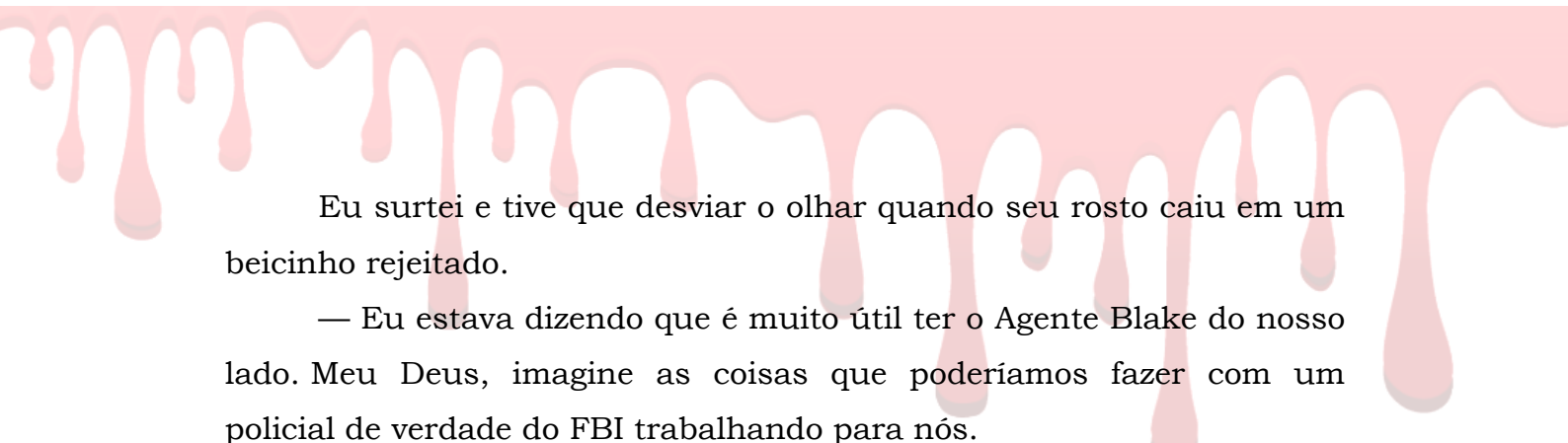
Nós queríamos fugir juntos, mas eu me perguntava se essa tinha sido a minha intenção o tempo todo. Eu pretendia fugir com ela ou estava planejando deixá-la sozinha e destruí-la para saciar minha necessidade interminável?

O amor era tão irritantemente complicado, mas era ainda mais emaranhado quando você queria matar quem você fodia.

— Você não acha, Jude? Querido?

A voz de Pet invadiu meus pensamentos particulares. Parecia que eu só tinha um lugar para fugir dela ultimamente, e mesmo assim ela conseguiu irromper como uma vizinha intrusiva.

— O quê?



Eu surtei e tive que desviar o olhar quando seu rosto caiu em um beicinho rejeitado.

— Eu estava dizendo que é muito útil ter o Agente Blake do nosso lado. Meu Deus, imagine as coisas que poderíamos fazer com um policial de verdade do FBI trabalhando para nós.

Suspirei e agarrei o volante, pisei no freio para ir com calma no tráfego e planejei cuidadosamente minhas palavras. Eu queria que ela calasse a boca, mas não queria aborrecê-la.

Se suas emoções fossem desencadeadas, ela nunca pararia de tagarelar.

— Você está tão certa — eu respondi, sem olhar para ela. Eu cliquei no controle de volume no volante e aumentei o volume da música para abafa-la.

Se ela soubesse o que eu estava fazendo, ela estava dançando ao longo de uma linha perigosa, cantando em voz alta as músicas que reconhecia. Isso me deixava nervoso e senti a tensão em meus ombros quando eles enrijeceram em irritação.

— Oh meu Deus, aumente isso — ela gritou quando algo alegre da cultura pop começou. Ela aumentou o volume no console e eu empurrei sua mão, toquei na tela e desliguei completamente.

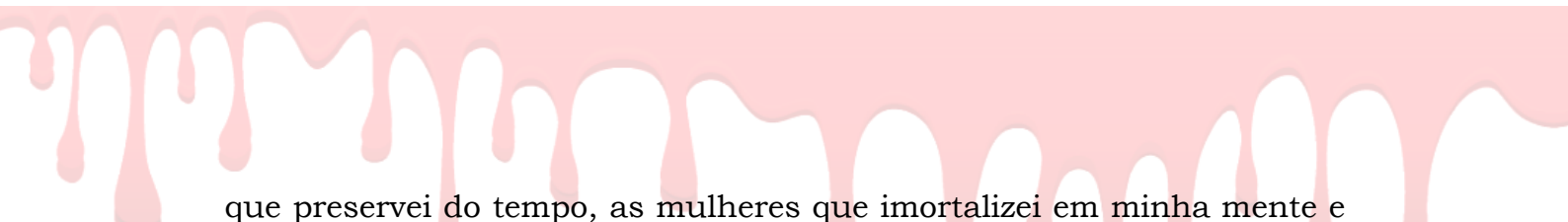
Ela recuou, mas se encolheu em seu lado do banco da frente como eu queria, ficando em silêncio finalmente.

Se ela não sabia o que eu estava sentindo, sabia agora.

Saí da rodovia em uma estrada lateral e dirigi em silêncio abençoado até o asfalto terminar.

Atingimos o cascalho e o Range Rover amorteceu os buracos, mas a poeira subia ao nosso redor. Eu não estava perturbado por isso, embora a sujeira e o caos geralmente me incomodassem. Eu estava animado com isso.

Isso indicava que eu estava a uma curta distância dos meus depósitos de lixo, dos corpos que deixei aqui ao longo dos anos, os que o FBI ainda não havia encontrado. Eles estavam lá fora, as mulheres



que preservei do tempo, as mulheres que imortalizei em minha mente e em seus troféus.

Eu estava duro e pronto para gozar quando chegamos ao ponto combinado. Um grande SUV preto do FBI já estava estacionado e os agentes Blake e Chase estavam esperando ao lado dele, pilares perfeitos em seus elegantes ternos pretos e óculos escuros espelhados.

— Eu me pergunto se eles recebem um desconto em massa — eu murmurei e cabeça de Pet girou para olhar para mim.

— O que foi, amor? — Ela perguntou naquele tom cantarolado que costumava divertir, mas recentemente me incomodava, enviando ondas de irritação ao longo da minha espinha como areia no meu olho.

Eu olhei para ela, desliguei o motor e saí. Ela me seguiu, batendo a porta com força demais no silêncio da floresta. Isso ecoou.

Eu não conseguia entender como estava tão apaixonado por ela antes de conhecê-la.

— Agente Blake — eu disse quando nos aproximamos deles. Eu estendi minha mão para apertar a dele e deliberadamente não cumprimentei a Agente Chase. Ela franziu a testa, eu podia ver pelo canto do meu olho. Ela franziu os lábios e olhou para mim com um olhar sombrio e encapuzado.

— Você está pronto para vir conosco?

Sua voz era exigente e autoritária, como se ela estivesse acostumada a homens pulando as suas ordens. Ela era o tipo de mulher que foi ensinada que assumir a responsabilidade era a única maneira de fazer algo.

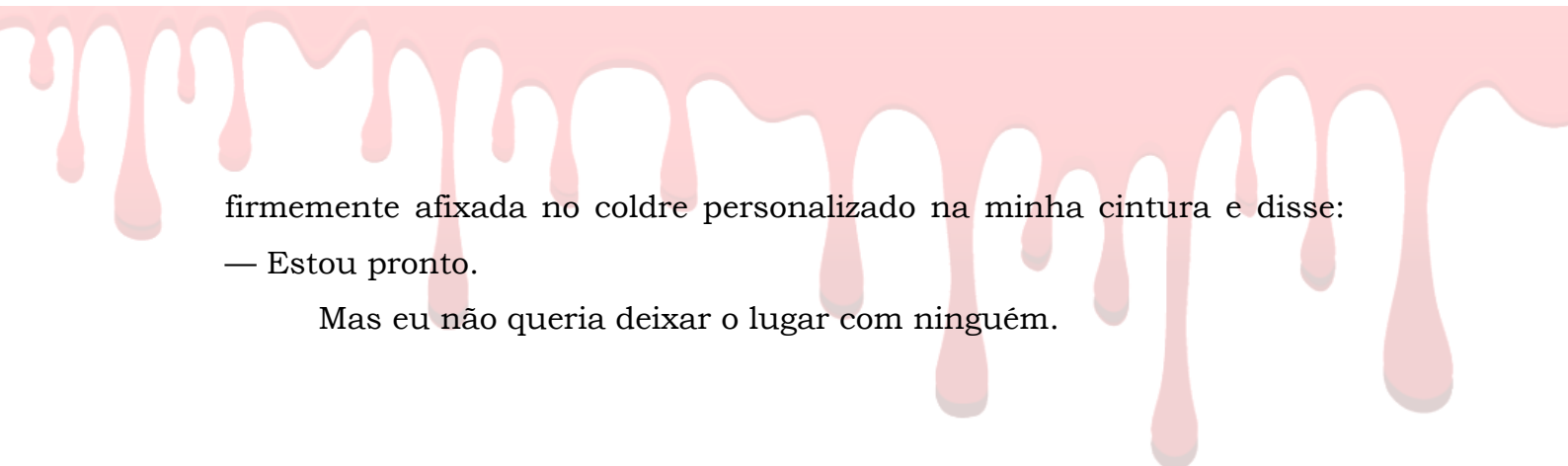
Ela não tinha refinamento e isso me irritava. Deixava-me eriçado.

Eu olhei para os três naquele momento e sabia o que tinha que fazer.

Eu tinha que me salvar. E minha sanidade.

Eu tinha que saciar a sede.

Ofereci a Agente Chase um sorriso modesto, passei a mão pela minha coxa para me assegurar de que minha faca ainda estava



firmemente afixada no coldre personalizado na minha cintura e disse:

— Estou pronto.

Mas eu não queria deixar o lugar com ninguém.

Capítulo Doze

Jude

Porque afinal, é sempre sobre o Jude

A Agente Chase era meu primeiro alvo porque Blake e Pet ainda desconheciam meus verdadeiros motivos.

Eu me virei um pouco como se para me despedir de Pet, tranquei meus olhos com Blake e ele me entendeu. Ele passou por mim, pegou o braço de Chase e disse: — Podemos fazer isso como adultos civilizados, Emily.

Ela estava pegando suas algemas, elas ainda estavam em suas mãos quando seu rosto se transformou em choque quando Blake rapidamente as colocou em seus pulsos.

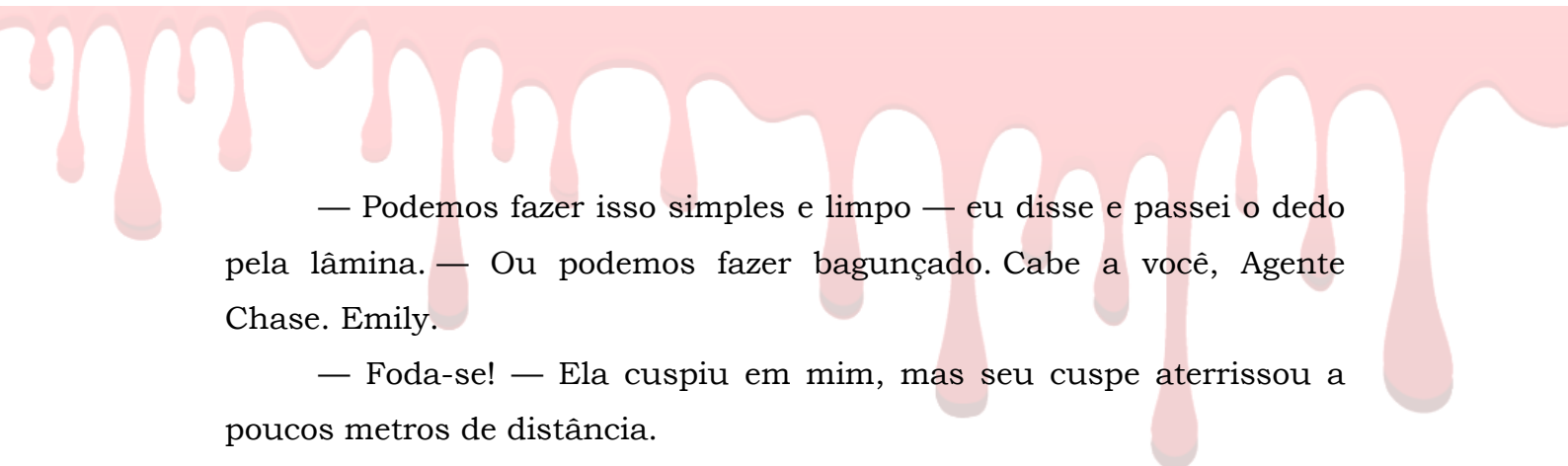
— Que porra é essa? — Sua surpresa se transformou em raiva em um piscar de olhos.

Eu gostei disso nela. Ela lutaria.

— Sinto muito, Em, é assim que tem que acabar. Eu estou com eles agora — Blake disse, seus olhos se voltando para Pet que estava sorrindo como uma vilã de desenho animado. Eu nunca percebi o quão fora de controle ela estava, ela tinha zero autocontrole. Minha mãe estava certa e não apenas porque era minha meia-irmã, mas porque não era boa o suficiente para mim.

— Então você fodeu a putinha e agora seu pau está nas mãos dela? — Chase cuspiu. Ela torceu as algemas, tentando alcançar sua lateral. Pet correu e tirou o coldre de seu quadril.

Eu puxei a faca da minha calça e a acariciei com carinho, meus olhos encontraram os de Chase e ela soube. Como um coelho na cara de uma raposa, seus olhos traíram sua confiança enquanto ela lutava com o fato de que iria morrer.



— Podemos fazer isso simples e limpo — eu disse e passei o dedo pela lâmina. — Ou podemos fazer bagunçado. Cabe a você, Agente Chase. Emily.

— Foda-se! — Ela cuspiu em mim, mas seu cuspe aterrissou a poucos metros de distância.

Blake pisou atrás dela e colocou o braço em volta do seu pescoço, sufocando o ar e a segurando com força. — Eu gosto de você, Em, eu te fodi. Eu sei que você se apaixonou por mim, então vamos manter isso simples. Fácil. Eu não quero vê-la sofrer.

Lágrimas saltaram dos olhos de Chase e eu assisti com fascinação enquanto os protagonistas representavam a performance na minha frente.

Eu entreguei a faca a Pet, ela pegou com um sorriso malicioso e ficou na ponta dos pés para me beijar.

Eu a beijei de volta ferozmente, mesmo aqui no final de tudo, ela ainda era minha. Eu ainda afirmei meu domínio sobre ela.

Eu peguei o olhar de Blake enquanto nos beijávamos e ele também sabia disso, ela era minha, mesmo se o deixasse usar o seu corpo por um tempo aqui e ali, mesmo que ele fosse permitido deslizar dentro dela e fingir que ela era dele.

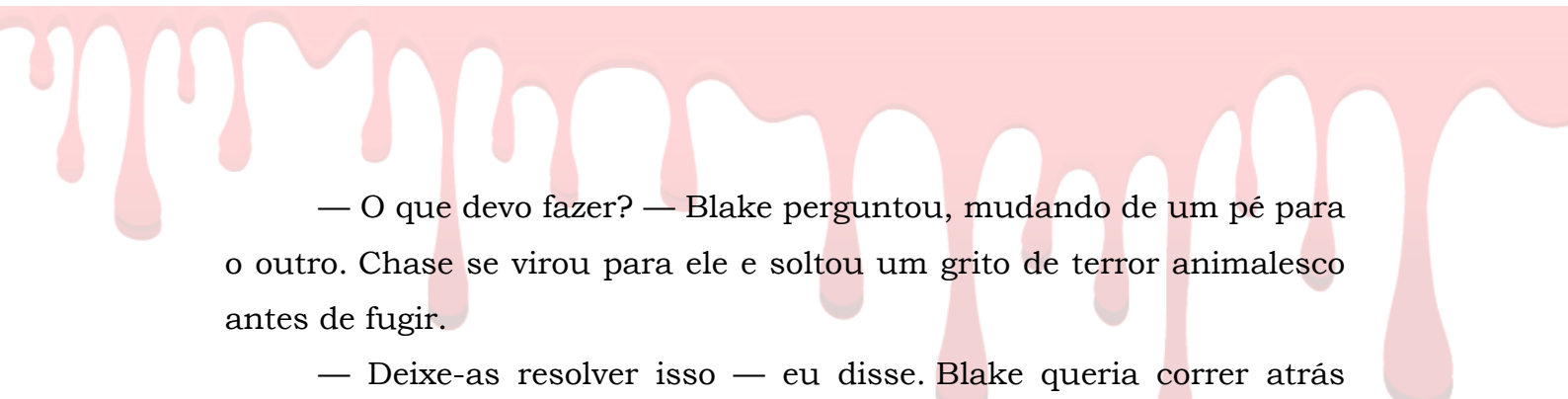
Ela nunca seria. Não depois de hoje.

Pet se soltou e girou ao redor, a luz acendeu em seus olhos e ela levantou a faca, ficou na frente da Agente Chase e a olhou com uma intensidade que me deixou duro e latejando.

— Faça isso, Pet — eu disse e estendi a mão para desabotoar minhas calças. Eu puxei meu pau e deslizei minha mão ao longo do calor familiar enquanto Pet avaliava a situação.

— Deixe-a fazer isso — eu disse a Blake quando ele moveu Chase para Pet. — Liberte a Chase, deixe-a ir e deixe Pet se divertir.

Eu estava desapegado e ainda envolvido, cada um dos meus sentidos elevado a níveis quase dolorosos enquanto observava tudo se desenrolar, com o pau na mão, o coração batendo como um homem encontrando seu primeiro amor.



— O que devo fazer? — Blake perguntou, mudando de um pé para o outro. Chase se virou para ele e soltou um grito de terror animalesco antes de fugir.

— Deixe-as resolver isso — eu disse. Blake queria correr atrás delas, seu corpo ficou tenso, mas ele ficou no lugar. Na verdade, ele olhou para baixo, viu o que eu estava fazendo e se aproximou até parar ao meu lado.

As mulheres contornaram o SUV preto antes de Pet pegar Emily e puxá-la para trás, gritando com o cabelo enrolado nas mãos de Pet.

Pet era forte para uma criatura tão ágil e delicada.

Eu sentiria falta dela. Às vezes.

Mas você não pode desejar algo a menos que deixe ir.

— Pegue-a! — Blake gritou, batendo palmas. Ele estava perdendo o foco, ficando muito envolvido na luta entre as duas mulheres.

Eu o ignorei, me acariciei e observei.

Pet empurrou Chase de joelhos e chutou a agente no rosto. Sangue jorrou de seu nariz, que parecia ter quebrado. Emily soluçou, suas lágrimas se misturando com coágulos de sangue e ranho agora, mas ela ainda puxava e empurrava dignamente enquanto eu observava.

Eu quase preendi a respiração quando Pet puxou a faca para trás, arrastou a cabeça de Emily para baixo pelos cabelos, e baixou a mão rapidamente.

A faca era afiada e fez o seu trabalho rapidamente.

Pet hesitou quando a lâmina atingiu a cartilagem na garganta de Chase e ficou pendurada por um segundo ou dois, mas eu a deixei trabalhar e deslizá-la.

O sangue de Emily pintou Pet e o lado do SUV. Eu ri quando Blake sufocou ao meu lado, o banho de sangue provando ser um pouco demais para ele lidar.

Pet segurou Emily enquanto ela sangrava e afundava lentamente no chão, suas pernas finalmente se curvando e cedendo por baixo dela.

— Excelente — eu disse, minha admiração momentaneamente eclipsando a irritação que eu estava sentindo por ela. — Muito bem, Pet. Não foi uma perfeição absoluta, agente Blake?

— Sim — disse Blake, com o rosto vazio e pálido e sua concordância totalmente inconvincente.

— Pet, venha aqui, — eu disse, o pau ainda na mão. — Quero que você recompense Blake por seu primeiro auxílio a um assassinato, é um grande dia para ele.

Ela se virou, fogo ardendo em seus olhos e seus dentes aparecendo enquanto seu sorriso se alargava. — Isso foi incrível. Você viu a aparência dela no final? Quando a vida deixou o corpo dela? Deus, o contato visual, ela fez contato visual. Não pude aproveitar o último assassinato, mas este... Jude, eu te amo tanto por me dar esse sentimento.

Revirei os olhos interiormente pelo seu desempenho dramático e decidi acelerar as coisas um pouco mais.

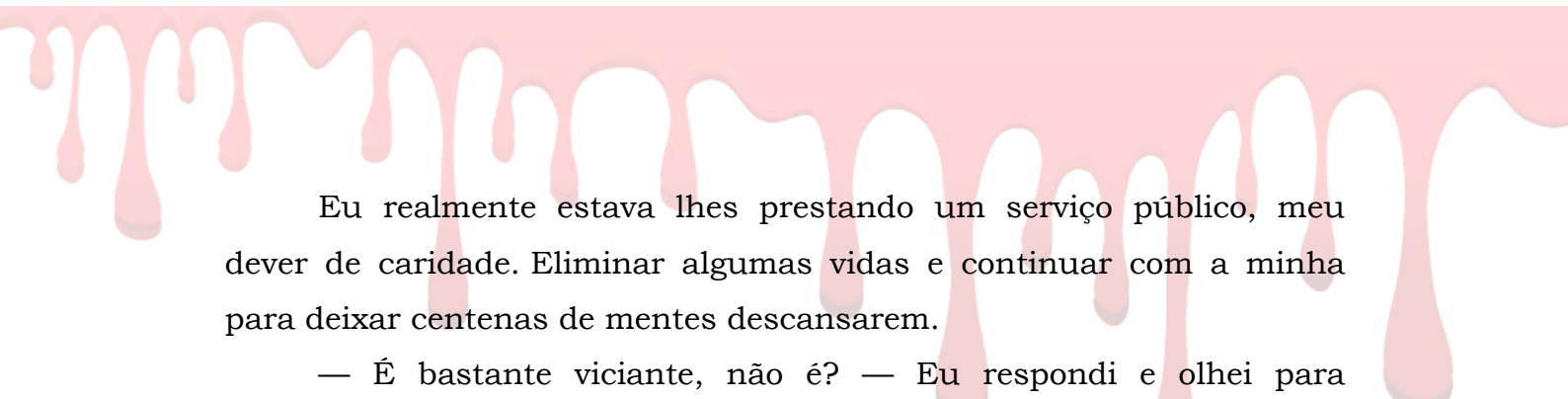
Eu tinha coisas a fazer, corpos a descartar, pessoas para incriminar e uma reunião de negócios de manhã cedo que percebi não sentiria falta.

Agora não. Não que eu fosse absolvido e meu nome fosse limpo e todos ao meu redor pudessem voltar à segurança de saber que eu era um homem que trabalhava, festejava com seus amigos e cujo único vício era dirigir seus carros caros um pouco rápido demais nos fins de semana.

Eu deixaria suas mentes à vontade, meus pais e amigos. Meus colegas de trabalho e funcionários. Até o cara que me vendia o jornal do lado de fora do nosso prédio de escritórios.

Todos ficariam muito gratos por este alívio, pelo desgosto que devem ter sentido, sabendo que estavam interagindo com o CK durante todo esse tempo.

As dúvidas enquanto passavam por todas as interações comigo, imaginando se haviam perdido algo.



Eu realmente estava lhes prestando um serviço público, meu dever de caridade. Eliminar algumas vidas e continuar com a minha para deixar centenas de mentes descansarem.

— É bastante viciante, não é? — Eu respondi e olhei para Blake. Nós o perderíamos se tivéssemos seguido como planejado. Ele se viraria contra nós em algum momento, eu podia ver em seus olhos.

Ele não tinha estômago para o assassinato.

Eu ia acabar com o seu sofrimento.

— Agora lhe dê sua recompensa, Pet. Ele está esperando.

Blake parecia querer protestar, mas não foi capaz no momento em que Pet envolveu seus longos braços ao redor de seu pescoço e o puxou para um beijo.

Seu rosto estava manchado de sangue pegajoso, seus lábios cheios e exuberantes, mas Blake não recusou seu beijo. Ele era incapaz disso. Ele era indefeso com minha Pet.

— É isso aí, agora lhe dê o que ele quer. Tudo o que ele quiser.

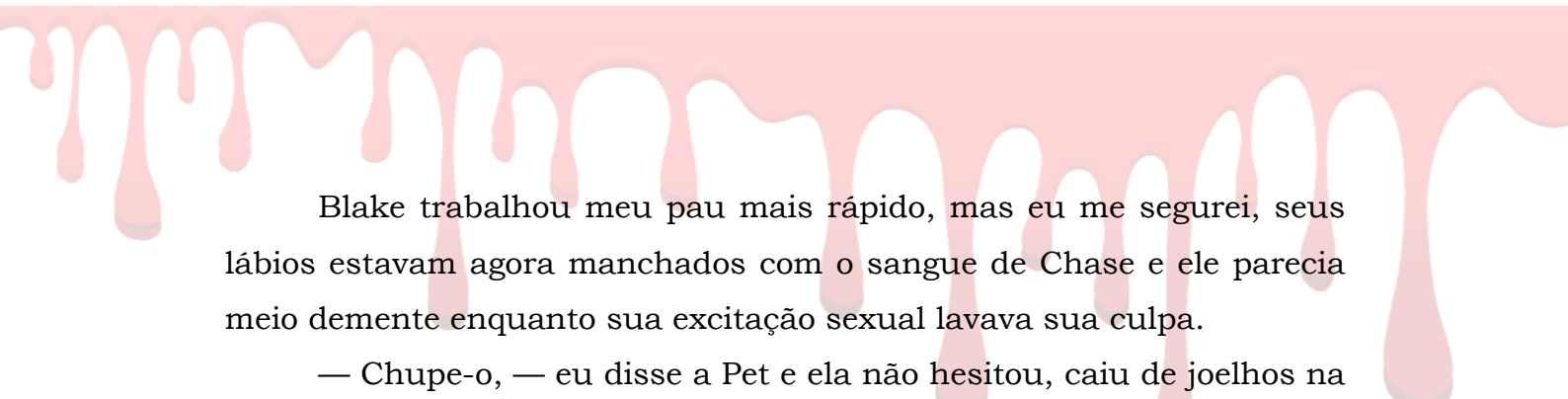
Pet respondeu à minha voz, segurando a mão dele e me dando a faca para que ela pudesse passar as mãos pela frente da camisa branca de Blake, a manchando de vermelho.

Ela se atrapalhou com o cinto dele, então eu ajudei. Meu próprio pau ainda estava duro e totalmente ereto na minha frente. Blake me surpreendeu, estendendo a mão o agarrando, me masturbando quando Pet começou a brincar com o dele.

— Oh, eu gosto disso. Isso é tão sujo — Pet disse, olhando para baixo. — Oh, tão quente. Donovan, você é cheio de surpresas.

— Eu achei que você aprovaria — Blake respondeu, travando os olhos com Pet, mas deslizando a mão mais rápido ao longo do meu pau. Era bom, ambos os meus bodes expiatórios trabalhando duro para me agradar.

Eu precisava de mais, no entanto, precisava de ambos abertos antes de gozar. Eu sabia exatamente o que era necessário, então trabalhei em direção ao meu objetivo.



Blake trabalhou meu pau mais rápido, mas eu me segurei, seus lábios estavam agora manchados com o sangue de Chase e ele parecia meio demente enquanto sua excitação sexual lavava sua culpa.

— Chupe-o, — eu disse a Pet e ela não hesitou, caiu de joelhos na frente dele e começou a chupar forte e choramingar no fundo de sua garganta para nos deixar saber o quanto estava gostando.

— Então, eu sou parte de sua gangue agora? — Blake perguntou, com os olhos fixos nos meus. Ele deu a meu pau um pequeno aperto que me ofendeu de alguma forma pela sua familiaridade. Eu não estava interessado nele sexualmente, por si só, e ele inserindo sua presença no meu prazer desencadeou aquela familiar lavagem vermelha de raiva que vivia em algum lugar na parte de trás da minha cabeça.

Era uma parte de mim ou era algo estranho que aparecia em momentos como este, assumindo o controle para que eu pudesse relaxar e aproveitar o show.

E, finalmente, isso importava?

A cabeça de Pet subia e descia pelo eixo de Blake, e sua mão estava presa na minha. Eu sabia que estava correndo um risco, mas a vida era toda sobre assumir riscos.

Então levantei a faca em um movimento rápido e deslizei por seu pescoço. Sua surpresa foi tão satisfatória que quase gozei. Sua mão tremeu e contraiu ao redor do meu pau, tornando quase impossível me conter, e seu sangue me atingiu em um spray vermelho quente, tornando o autocontrole quase estranho.

Mas eu consegui.

Pet nem percebeu, ela continuou chupando até perceber que o sangue dele estava pulverizado na minha frente e atingindo o topo de sua cabeça. Ela olhou para cima, a boca ainda cheia e fechou os olhos como se quisesse receber a comunhão.

Eu aliviei seu corpo enquanto a vida escoava, sua mão escorregou de mim e seu pênis caiu da boca de Pet. Ela parecia chateada com isso, ainda estava duro.

— Seria estranho se eu o montasse? — Ela perguntou, olhando para o seu eixo rígido.

— Alguma coisa seria estranha agora?

— Provavelmente não. Mas não sei se gosto de cadáveres.

— Só há uma maneira de descobrir.

Eu o deitei de costas e o soltei finalmente. Seu corpo estava em repouso, como se ele estivesse dormindo, sua mão ainda curvada naquele estilo de ação GI Joe, seu pênis ainda estava duro.

Luxúria de anjo, eu acredito que é chamado. Muitos homens têm quando partem do planeta violentamente. A morte não é tão digna quanto a nossa cultura gostaria que você acreditasse.

Eu observei quando Pet puxou sua saia curta até os quadris, tirou sua calcinha e a jogou em mim. Ela montou o cadáver de Blake, olhou para baixo por tempo suficiente que achei que ela tivesse segundas intenções, mas ela finalmente desceu em sua ereção da morte.

Eu agarrei meu pau e o masturbei enquanto ela deslizava para cima e para baixo de Blake. Sua cabeça caída e a ferida aberta na garganta brilhava em vermelho e preto. Pet gemeu e estendeu a mão tocando seu clitóris enquanto cavalgava o cadáver de Blake.

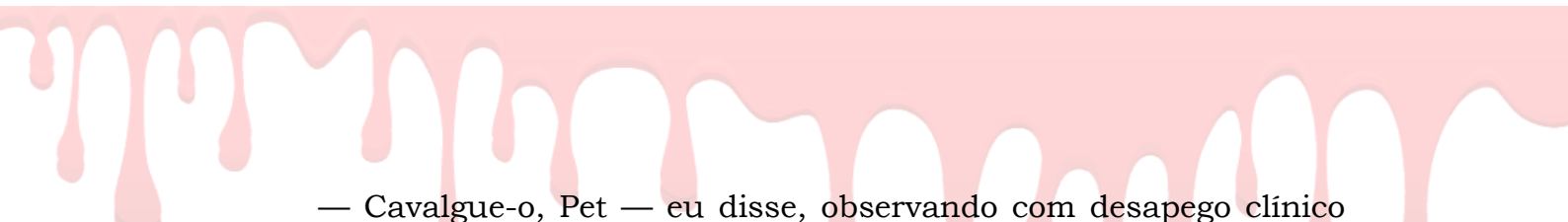
— Você gosta disso, querido? — Ela perguntou, se voltando para olhar para mim. — Você gosta da sua Pet fodendo um homem morto?

Eu queria incorporar Sylvia Plath¹ e explicar que éramos essencialmente cadáveres ambulantes, então todo homem que ela já fodeu era um homem morto.

Incluindo eu. Mas eu estava ciente disso, então em algum nível era mais evoluído do que qualquer outra pessoa que tivesse fodido sua boceta.

Mas não expliquei isso. Não me incomodei, seria perdido para ela.

¹ Sylvia Plath foi uma poetisa americana, romancista e escritora de contos. Ela é creditada com o avanço do gênero de poesia confessional e é mais conhecida por duas de suas coleções publicadas, *The Colossus e Outros Poemas* e *Ariel*, além de *The Bell Jar*, um romance semi-autobiográfico publicado pouco antes de sua morte.



— Cavalgue-o, Pet — eu disse, observando com desapego clínico enquanto sua boceta quente e inchada devorava o pênis rígido do homem morto. — Foda-o, meu amor.

— Eu estou fazendo isso por você — disse ela e fez um pequeno ruído de irritação, como se estivesse chateada por eu não estar olhando seu rosto enquanto ela montava o corpo frio de Blake.

O sangue da ferida na garganta de Blake estava começando a coagular e ficar pegajoso, e eu me senti febril, como se estivesse superaquecido pela luz do sol e pela onda vermelha que ainda pairava na parte de trás da minha cabeça.

— Eu sei disso — eu respondi e me aproximei dela, de frente para ela. Eu olhei para o seu corpo longo e magro enquanto o pênis de Blake desaparecia dentro dela. Estava começando a parecer menos vivo, o corpo estava esfriando e a lividez cadavérica começava a aparecer, escoando o sangue das extremidades de Blake para se estabelecer nos pontos mais baixos.

Pet tinha que acabar com isso.

Eu tinha que acabar com isso.

Eu ainda estava segurando a faca quando pisei sobre o corpo de Blake e fiquei acima dela, olhei para baixo e levantei para cortar enquanto sua cabeça caía para trás em êxtase.

Seus olhos se abriram quando algum instinto animal entrou em ação e ela sentiu minha presença.

— Você não pode — ela exalou e parou de pular na ereção do homem morto. — Estou grávida, Jude. Eu estou carregando seu bebê.

Capítulo Treze

Jude

Ninguém mais importa

Hesitei por um momento enquanto minha mente corria pela informação que ela acabara de me dar.

Grávida. Minha semente havia encontrado um solo fértil no útero da minha meia-irmã. Meu legado familiar poderia continuar, meu filho poderia continuar o nome Hollister e levar o império para a próxima geração.

Por um momento me projetei no futuro como pai, Pet como mãe.

Meio irmãos criando seus filhos incestuosos, fingindo para o mundo exterior que éramos uma família normal com assuntos normais e hobbies normais.

Mas nunca poderia ser.

Em minha imaginação rápida, também visualizei um jovem Jude Junior em pé na minha cama, com a faca na mão e um brilho assassino em seus olhos.

Eu nunca poderia baixar a guarda em torno de uma criança que gerei.

Eu nunca estaria seguro com algo que criei.

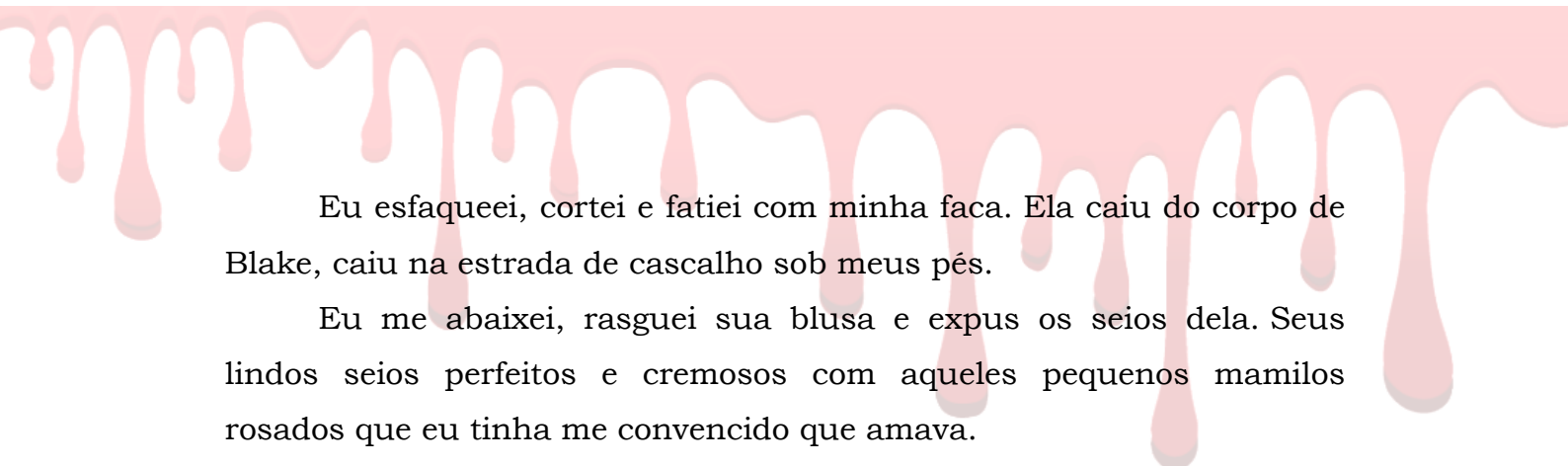
Eu franzi a testa, olhei para o seu rosto expectante e orgulhoso, e disse: — Mais uma razão para isso acontecer.

E eu cortei, a faca pegou o lado do rosto dela e a rasgou.

Ela estendeu a mão, agarrou meus antebraços em suas mãos e me implorou. — Não, Jude, por favor... Eu te amo

Eu golpeei novamente, cortando o outro lado do rosto dela e empurrei suas mãos. Eu me desapeguei completamente e entrei no modo automático, sentei no banco do passageiro e saboreei a visão.

E foda-se... Eu a cortei.



Eu esfaqueei, cortei e fatiei com minha faca. Ela caiu do corpo de Blake, caiu na estrada de cascalho sob meus pés.

Eu me abaixei, rasguei sua blusa e expus os seios dela. Seus lindos seios perfeitos e cremosos com aqueles pequenos mamilos rosados que eu tinha me convencido que amava.

Amor. Como se um monstro como eu pudesse amar qualquer outra coisa senão isso, o momento da execução perfeita.

Sua boca ainda se movia e ouvi um gargarejo fraco em sua garganta, um som cru e úmido que borbulhava enquanto ela lutava para permanecer viva.

Suas mãos ainda seguravam meus antebraços, embora estivessem lentamente caindo enquanto eu pairava sobre o corpo que afundava.

— Jude.

Eu jurei que ela disse meu nome, mas fisicamente não achei que seria possível naquele momento.

— Pet.

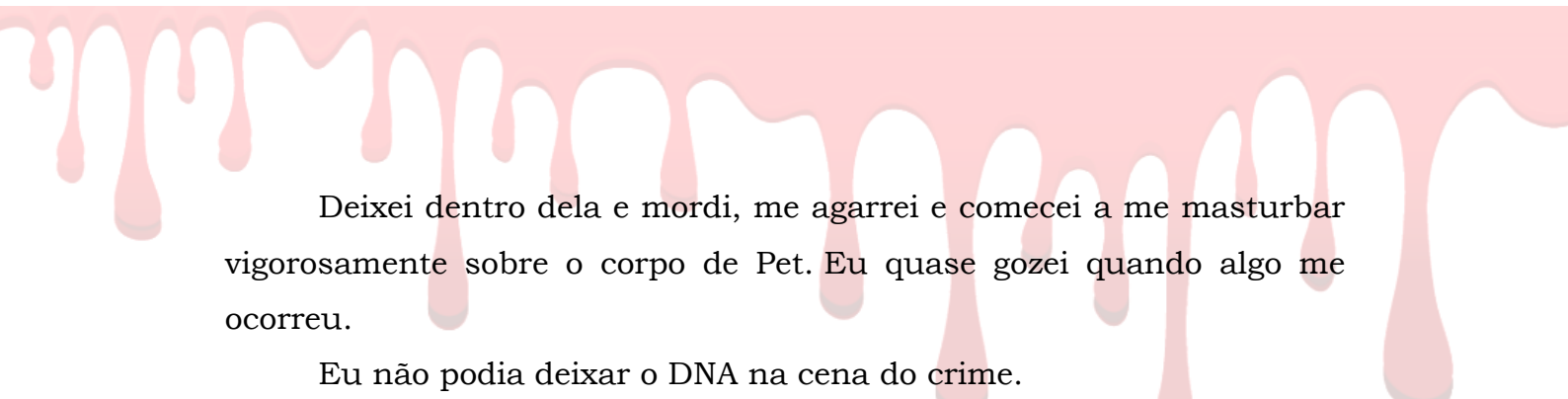
Eu olhei em seus olhos e caí em cima dela. Beije seus lábios e ouvi o silvo de ar escapando de seu pulmão perfurado através de seu peito. Eu movi minha boca para baixo, cobri o buraco com os meus lábios e inalei a respiração de sua vida quando ela deixou seu corpo.

— Pet.

Meus lábios estavam encharcados com o sangue dela e coloquei a mão entre suas pernas onde o pênis de Blake esteve, momentos antes. Eu queria fodê-la, mas o corpo dela parecia estar perdendo o fogo da vida rapidamente.

Eu nem tinha certeza se ela estava completamente morta, mas foder uma boceta gelada não estava exatamente no topo da minha lista de coisas a fazer antes de morrer, então optei por usar minha faca nela.

Eu a destruí com isso, e não pude evitar... Eu tive que mordê-la quando a deslizei para dentro, a fodendo com meu vibrador improvisado, minha faca.



Deixei dentro dela e mordi, me agarrei e comecei a me masturbar vigorosamente sobre o corpo de Pet. Eu quase gozei quando algo me ocorreu.

Eu não podia deixar o DNA na cena do crime.

Não que eu tivesse pensado muito antes disso e provavelmente havia mais do que suficiente para me condenar se alguma vez me encontrassem, mas gozar sobre seu corpo me levaria a uma sentença de morte.

E se alguém estivesse no controle da minha morte, seria eu e somente eu. Eu escolheria quando e onde aconteceria.

Eu soltei um longo e frustrado grunhido, rasguei sua carne e soltei a faca, deixando minha raiva não liberada, reprimida e girando em algum lugar no fundo da minha mente.

Eu cortei um pedaço de Pet e me levantei, deslizei a faca de volta na bainha em minhas calças, embalei o mamilo e fechei minha calça.

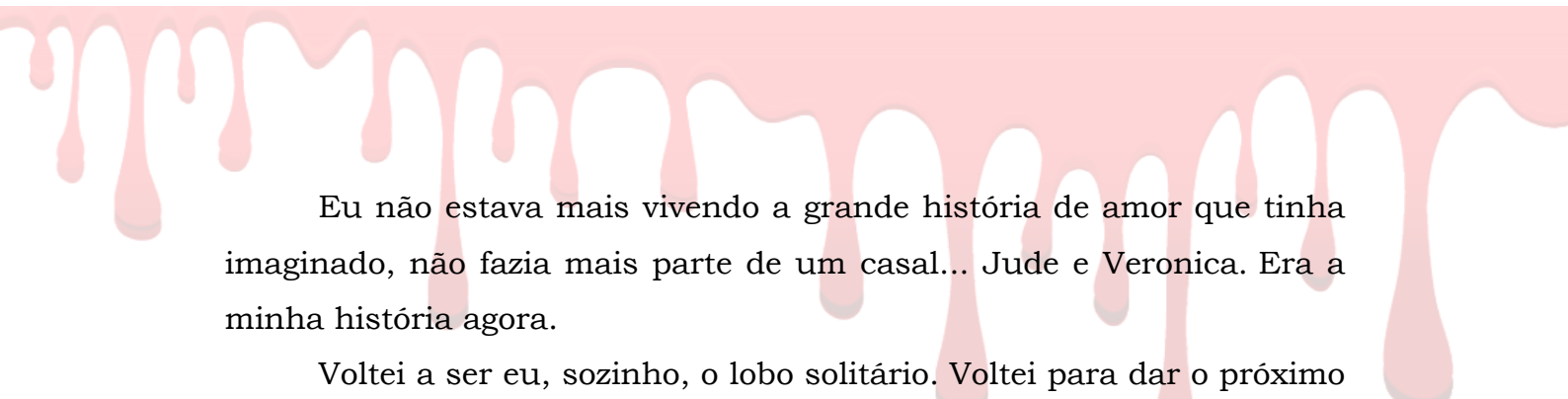
Eu tinha trabalho a fazer, muitos quilômetros antes de descansar e tudo mais.

Mais tarde, eu desfrutaria os frutos do meu trabalho no conforto da minha própria casa, até então limparia a cena e deixaria provas suficientes para convencer o FBI de que o Agente Blake e Pet eram o Cascades Killer, Agente Chase tinha descoberto seu desonesto companheiro e foi morta como resultado.

Eu estaria fora do radar, livre de todas as acusações, e todos poderiam afastar o alerta vermelho em seus cérebros. Eu voltaria a ser aquele garoto charmoso e rico, o babaca com um sorriso encantador e um fundo fiduciário que permitia que ele fosse caridoso e bondoso.

Fiz uma pausa quando comecei a limpar a cena e inalei profundamente. O cheiro de pinheiro misturado com sangue e merda flutuou em minha direção, se misturando como resíduos perfumados.

Eu me senti vivo novamente, como se meu tempo com Pet tivesse entorpecido meus sentidos. Ouvi o canto dos pássaros e o som de um riacho distante borbulhando ao longo das rochas. As árvores eram mais verdes que o normal e o céu, mais azul.



Eu não estava mais vivendo a grande história de amor que tinha imaginado, não fazia mais parte de um casal... Jude e Veronica. Era a minha história agora.

Voltei a ser eu, sozinho, o lobo solitário. Voltei para dar o próximo passo na escada da evolução e dizer foda-se toda vez que meus pais me pressionassem para reproduzir. Deixe os outros Hollisters se espalhar e lentamente tomar o país, eu tinha hábitos para retomar e mulheres para matar.

Além disso, depois de foder minha meia-irmã, duvido que meus pais me pressionassem para ficar com alguém neste momento.

Voltei a trabalhar limpando os corpos. Blake me repugnou na morte, mas Pet voltou a ser do jeito que eu a imaginara naquela primeira vez em The Waffle House. Ela era nobre e elegante, uma linda menina, meu par perfeito.

Foi realmente uma tragédia que eu só encontrava a perfeição na morte. Que eu só poderia verdadeiramente me apaixonar por garotas mortas.

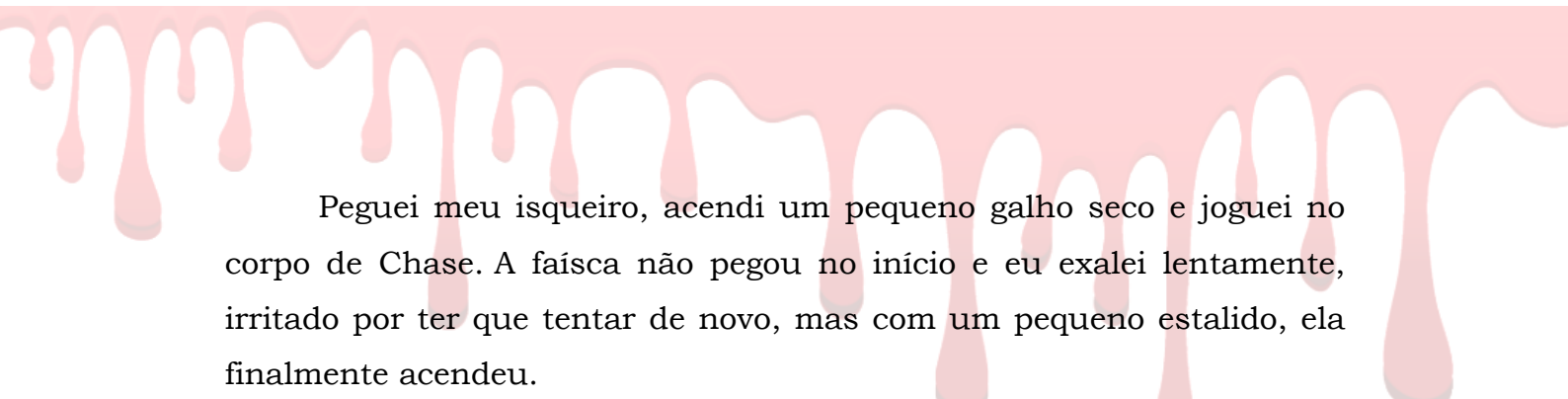
Levei-os para a parte de trás do meu Range Rover, tirei um pedaço de plástico filme, enrolei cada um deles cuidadosamente e os coloquei dentro.

Fora isso, não havia muito no local que indicasse seus assassinatos, uma vez que eu incendiasse tudo.

Eu arrastei o corpo de Chase para a traseira do SUV do FBI, apoiei contra o para-choque e abri a porta traseira. Eu encontrei um pequeno galão de gasolina lá, Blake estava mais do que paranoico sobre acabar preso e sem combustível aqui nas montanhas. Isso veio a calhar para mim no final.

Eu joguei na Agente Chase e segui em direção a cena dos assassinatos não muito longe.

Joguei a lata de gasolina contra o corpo de Chase e me afastei admirando minha obra. Eu me safaria disso, eu poderia sentir na minha medula.



Peguei meu isqueiro, acendi um pequeno galho seco e joguei no corpo de Chase. A faísca não pegou no início e eu exalei lentamente, irritado por ter que tentar de novo, mas com um pequeno estalido, ela finalmente acendeu.

Chamas lambiam seu corpo e ficavam mais altas a cada momento que passava. Elas ganharam força e dispararam ao longo da trilha de gasolina que deixei, consumindo provas e obscurecendo a cena dos meus crimes.

Eu sorri quando o fogo rugiu, destruindo o corpo da Agente Chase e eventualmente o SUV.

Quando entrei no carro e me afastei, fui abalado por uma pequena explosão. O fogo deve ter atingido o tanque de combustível e saí da cena bem a tempo.

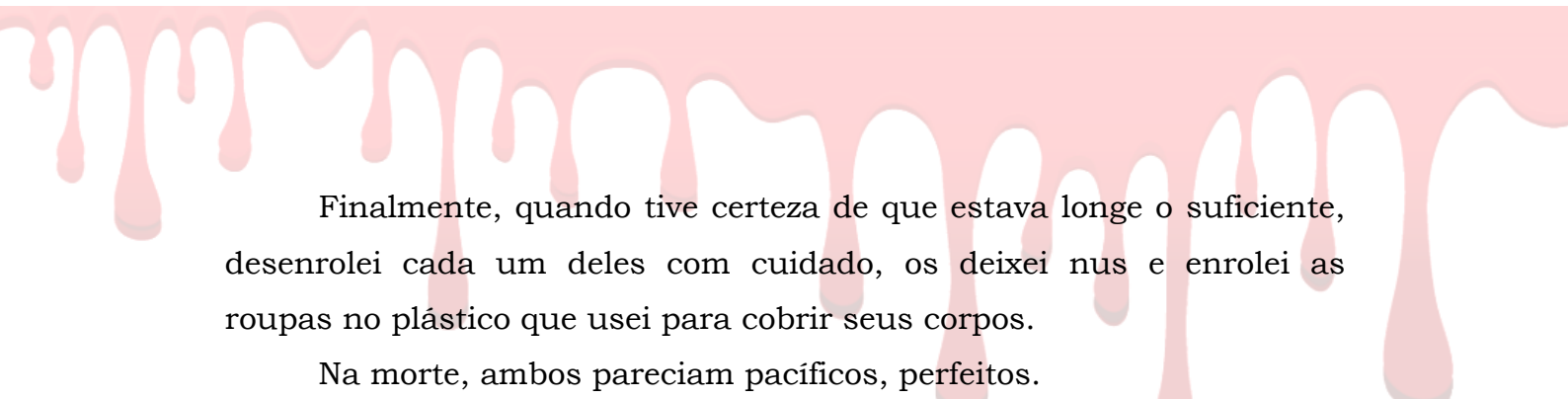
Eu dirigi de volta para a cidade, levando meu tempo para apreciar o brilho suave dos assassinatos e do incêndio. Era bom ser eu novamente, singular em meus pensamentos e sozinho em minhas ações.

Na metade do caminho de volta para casa encostei em uma parada de descanso ao longo da rodovia e estacionei por um tempo. Era a única que não tinha uma câmera em funcionamento, então eu poderia descartar alguns corpos sem muito barulho. O mato era extremamente denso aqui, e era despovoado. A vida selvagem e os elementos acabariam com eles dentro de pouco tempo.

O estacionamento estava limpo e dei ré no meu Range Rover até o ponto mais distante contra a floresta. Esperei até que o sol se pusesse atrás do horizonte e os zumbidos das lâmpadas de sódio piscassem perto da frente, junto ao prédio que abrigava o banheiro e algumas máquinas de venda automática.

Eu estava sozinho, estava ficando escuro, e eu podia concluir isso e estar em casa a tempo para uma refeição e algum alívio sexual.

Abri a porta traseira e os arrastei um a um. Eu os puxei para a floresta a certa distância, o plástico agindo como uma espécie de trenó. Ele prendeu algumas vezes nos galhos, mas eu o libertei.



Finalmente, quando tive certeza de que estava longe o suficiente, desenrolei cada um deles com cuidado, os deixei nus e enrolei as roupas no plástico que usei para cobrir seus corpos.

Na morte, ambos pareciam pacíficos, perfeitos.

Até o Agente Blake estava lindo no crepúsculo, seu corpo nu vulnerável e exposto, seu pênis finalmente flácido quando o sangue foi puxado pela gravidade, drenado para o traseiro.

Eu quase senti vontade de beijá-lo naquele momento, apesar de nunca ter tido nenhuma tendência homossexual, a morte parecia ser a grande niveladora, afinal. Ele era simplesmente um cadáver perfeito, eternamente capturado nesse estado de beleza pela minha obra.

Ele se tornou minha arte, e eu senti o amor surgir através do meu corpo por ele.

E Pet, Pet delicada e perfeita. A minha irmã mais nova.

Era estranho, na vida, eu não ter visto qualquer semelhança com o lado Hollister de sua equação, mas na morte ela conseguiu o que procurava. A marca da sofisticação, genética elegante e reprodução superior.

Eu olhei para sua barriga e notei um leve inchaço lá, ela não estava morta o suficiente para estar inchada, então ela deve ter dito a verdade depois de tudo.

Ela estava carregando meu filho.

Nossa criança.

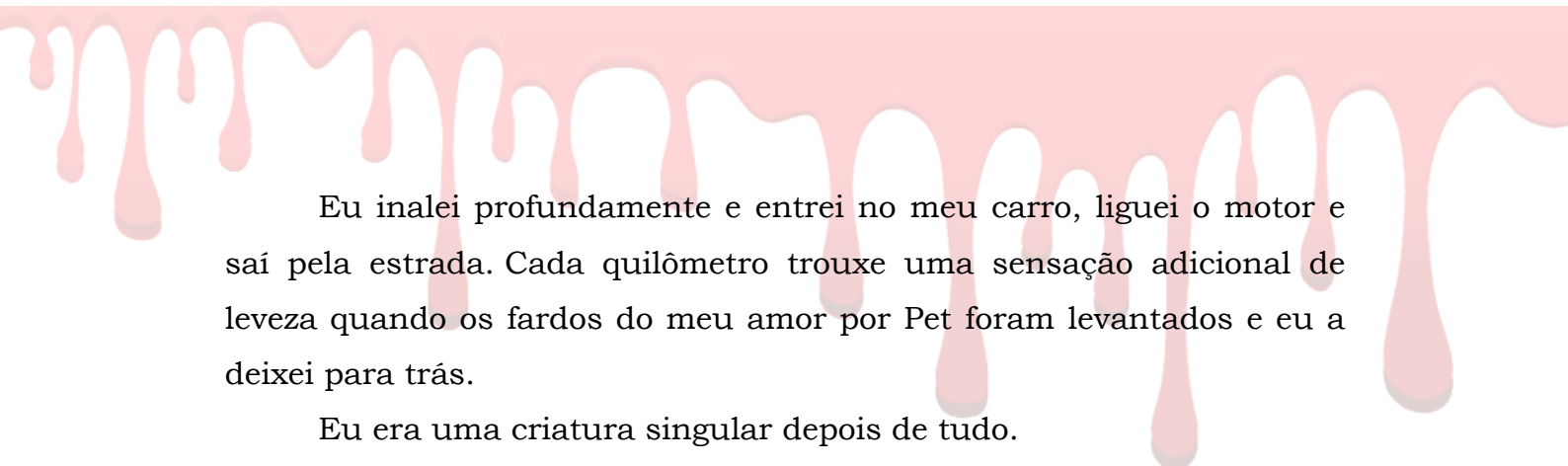
E agora ambos estavam mortos e preservados por toda a eternidade, perfeitos, silenciosos e eternos.

Meu coração quase doeu por eles, os três, lá no escuro.

Se eu tivesse um coração, certamente teria inchado de tanto amor que teria explodido na cena diante de mim.

Mas eu não tinha, e tinha coisas a fazer, então me despedi. Eu enfiei a mão no meu bolso antes de sair da floresta e senti o mamilo de Pet, lá onde eu o deixei.

Meu troféu, a única coisa que eu queria da minha família imaginária. O final alternativo da minha história.



Eu inalei profundamente e entrei no meu carro, liguei o motor e saí pela estrada. Cada quilômetro trouxe uma sensação adicional de leveza quando os fardos do meu amor por Pet foram levantados e eu a deixei para trás.

Eu era uma criatura singular depois de tudo.

E era melhor assim.

Capítulo Quatorze

Jude

Claro

Surpreendeu-me a rapidez com que caí de volta à minha rotina.

Trabalhei a semana toda, com a notícia do carro queimado da Agente Chase sendo a conversa do escritório.

As pessoas que se recusaram a falar comigo quando retornei na segunda-feira estavam rindo como se nada tivesse acontecido na quinta-feira.

A mídia fez todo o trabalho por mim. Havia vários rumores de avistamentos de Pet e do Agente Blake nos EUA e no mundo.

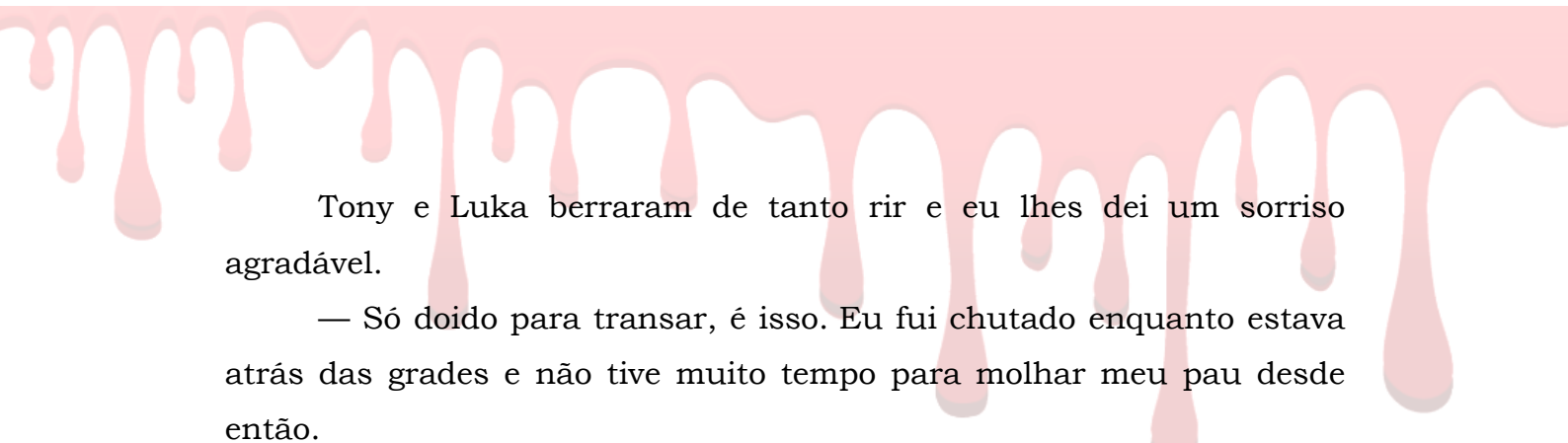
A especulação era que Pet e Blake tinham orquestrado tudo o tempo todo, e tentaram me incriminar. Quando Emily Chase descobriu seu terrível segredo, eles a mataram e fugiram juntos, sabendo que não podiam tocar em um homem como eu.

Eu passei a noite de sexta festejando com Lucky, Ton Ton e Marcy, como nos velhos tempos. Não importava que Marcus fosse um homem casado ou que eu perdi seu casamento, estar na cadeia e tudo mais. Só importava que éramos quatro caras brancos e ricos na cidade procurando uma foda.

E eu precisava foder. Masturbar-me não adiantou, não depois do que testemunhei nas montanhas. Não depois do que eu fiz.

Eu acordava algumas vezes e jurava que ainda podia sentir o sangue quente derramando na minha frente, jorrando de Pet ou Blake, não importava... Tudo o que importava era o sangue, o sangue quente e grosso.

— O que deu em você, cara? — Marcus perguntou, gritando sobre a batida do baixo constante do sistema de som do clube. — Você está distraído e aéreo. O estupro na prisão não foi bom para você?



Tony e Luka berraram de tanto rir e eu lhes dei um sorriso agradável.

— Só doido para transar, é isso. Eu fui chutado enquanto estava atrás das grades e não tive muito tempo para molhar meu pau desde então.

— Bem, filho, por que você não disse logo? Vamos ajudá-lo hoje à noite — Marcus gritou, instantaneamente examinando o clube por mulheres bêbadas.

O casamento não o tinha mudado muito, mas ele estava querendo passar um ar mais paternal nos dias de hoje, como se fosse muito mais maduro do que eu ou algo assim por causa da aliança no dedo.

Eu imaginei o olhar em seu rosto enquanto cortava sua artéria carótida e me esbaldava no sangue, mas mentalmente sacudi o pensamento da minha mente.

Eu não podia me deixar ir lá, não quando estava determinado a ser normal por um tempo, até que todos esquecessem sobre o caso CK e eu estivesse livre com certeza.

— Você me conhece, eu sou apenas o tipo tímido e quieto — eu ri e eles uivaram como um bando de macacos, mas os três foram direto ao trabalho. Em cinco minutos, nossa mesa estava cheia de moças bonitas, todas bebendo ou já embriagadas, e eu estava no meu elemento.

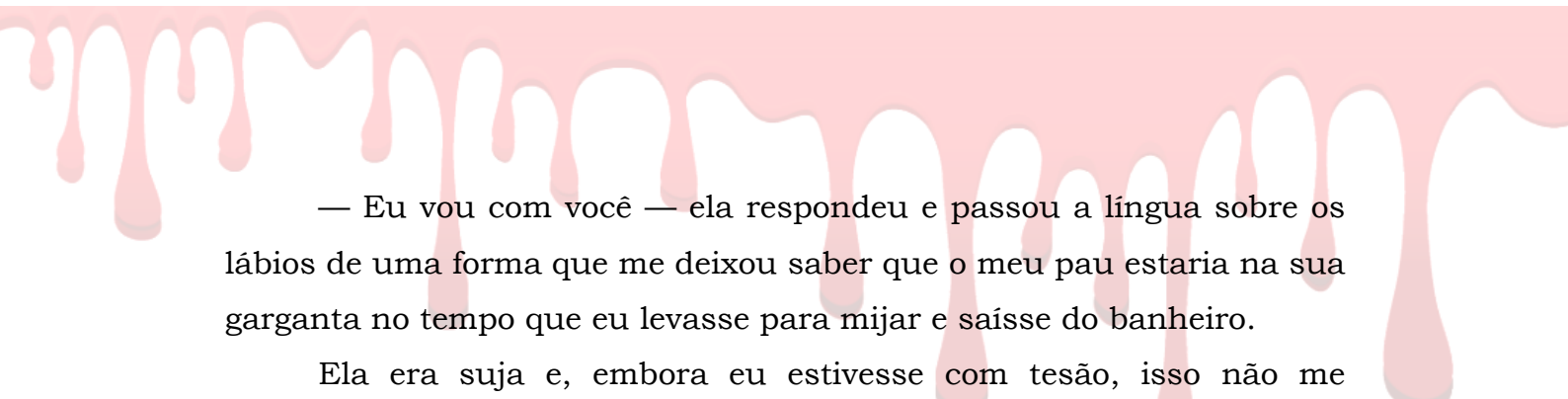
Sem caçadas, eu jurei que não faria isso agora, mas me sentindo quase normal. Por apenas uma noite, quase normal.

Eu conversei com uma jovem consultora financeira chamada Nikki por um tempo. Ela era bonita no sentido convencional, alguém que eu poderia levar para casa para meus pais e ela não me envergonharia por ser grosseira... Ou minha irmã.

Levantei-me para ir ao banheiro e ela levantou comigo, o cabelo loiro caído nos olhos, lhe dando uma aparência quase feroz.

Ela estava bêbada. Mas não bêbada desleixada.

— Eu já volto — eu disse.



— Eu vou com você — ela respondeu e passou a língua sobre os lábios de uma forma que me deixou saber que o meu pau estaria na sua garganta no tempo que eu levasse para mijar e saísse do banheiro.

Ela era suja e, embora eu estivesse com tesão, isso não me excitou tanto quanto se poderia esperar. Eu gostava de estar no comando, não queria uma mulher que achasse que a sexualidade delas era poder e tudo mais.

Então, novamente, eu realmente queria que meu pau fosse chupado, lhe dei um aceno de cabeça e peguei a mão dela. Ela seguiu atrás de mim parecendo presunçosa e satisfeita por ter capturado um espécime como eu. Eu era um bom partido, no papel eu era aquele que as mulheres queriam.

Vamos encarar, eu era fisicamente muito atraente, cabelo preto grosso, a barba modelada às vezes, eu malhava então meu corpo era, por falta de uma palavra melhor, bombado.

Eu era solteiro, rico e impecavelmente vestido. Sem dúvida, Nikki sofria com a ilusão de que um boquete na cabine do banheiro levaria magicamente a casamento e filhos e uma vida de luxo.

Eu vi seus olhos se iluminarem quando ela ouviu o nome Hollister. Poucas pessoas em Portland não conheciam nossa família.

— Eu não costumo fazer isso — ela riu, sem fôlego e corada de emoção.

Corada. No banheiro.

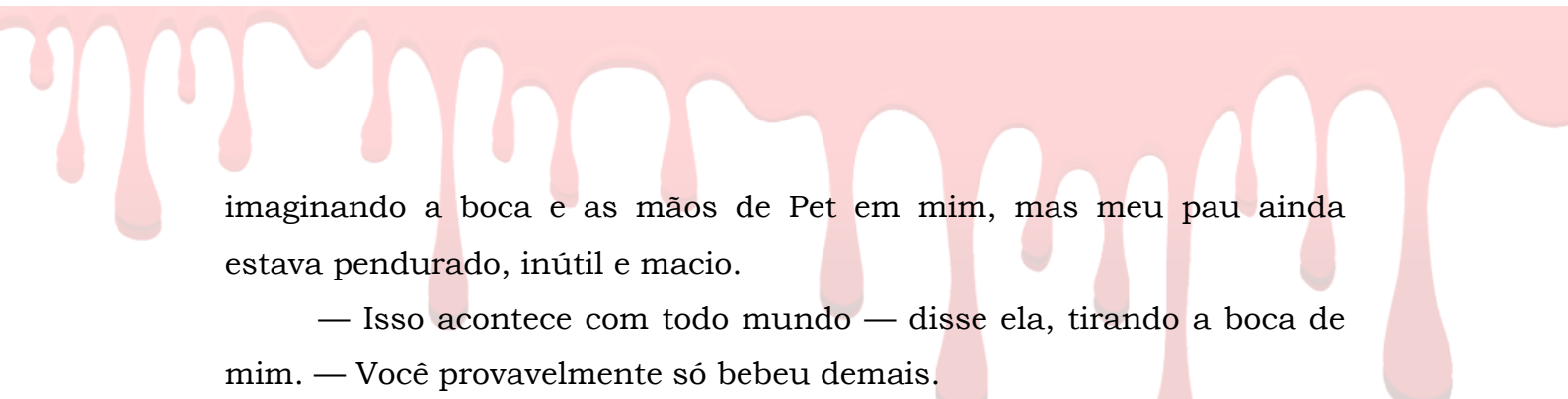
Eu ri.

— O quê? — Ela fingiu. — Você está rindo de mim.

— De jeito nenhum — eu respondi, a arrastei para a tenda comigo e fechei a porta. Abri o zíper, mijei e me virei para ela quando terminei. — Você vai dar uma sacudida?

— É enorme — disse ela, arregalando os olhos quando olhou para baixo. — Mas eu amo um desafio.

Ela caiu de joelhos e começou a afagar, mas não aconteceu muita coisa. Eu me apoiei contra as paredes da tenda e fechei os olhos,



imaginando a boca e as mãos de Pet em mim, mas meu pau ainda estava pendurado, inútil e macio.

— Isso acontece com todo mundo — disse ela, tirando a boca de mim. — Você provavelmente só bebeu demais.

Eu sorri e olhei para ela. Eu estreitei meus olhos e exalei devagar. Como eu poderia lhe dizer que o meu pau precisava era de sangue fresco, spray arterial, um chocalho da morte e um mamilo rasgado entre os meus dentes enquanto fodia uma mulher morrendo.

Eu não podia, obviamente.

— Isso não acontece comigo — eu rosnei e agarrei o cabelo dela, torci e empurrei seu rosto para trás contra a minha pélvis. Ela choramingou, mas abriu e me pegou de novo.

Seu desconforto o agitou e sua dor o deixou duro.

Eu nem mesmo sei o que fiz com aquela garota, mas percebi que precisava de mais do que uma prostituta bêbada para me acalmar.

Eu precisava de seu medo para me excitar e precisava de seus barulhos primitivos enquanto ela engasgava e sufocava em mim para me fazer gozar. Eu estava além da esperança naquele momento. Eu estava além do normal. Eu nunca seria normal novamente.

Eu precisava muito, mas ela teve sorte. Eu gozei antes que tivesse que matá-la, enchi sua boca com a minha porra e segurei sua cabeça firme contra a minha mão enquanto ela engasgava e tentava respirar. O branco de seus olhos apareceu enquanto ela os revirava, meu esperma derramado em ambos os lados de sua boca, pelo seu rosto, e era uma vista gloriosa.

— Oh sim, isso foi bom... Você é uma boa menina — eu disse e relaxei meu aperto, soltei minha mão e afrouxei seus cabelos. Ela não reagiu imediatamente, ela fez contato visual com meu pau ainda em sua boca, seu rímel escurecendo seu olhar enquanto se misturava com suas lágrimas.

Mas eu vi algo lá que me fez sentir aquela raiva vermelha familiar subindo na parte de trás da minha cabeça.

Eu vi poder. Eu vi desafio. Eu vi satisfação presunçosa.

Ela tinha gostado e isso me irritou.

Eu puxei a minha mão para trás e a soquei uma vez, rápido e duro, bem no olho.

Ela gritou e caiu, eu coloquei meu pau de volta na minha calça e abri a porta do box.

— Nunca mais faça isso de novo — eu disse a ela e me inclinei para ajudá-la. — Não olhe pra mim depois que tive meu prazer com você. Nunca olhe para mim.

— Sim, Jude — disse ela, com o nariz cheio de ranho e seu olho já começando a inchar.

— Agora vá se foder, encontre suas amigas e não conte a ninguém o que aconteceu aqui. Se eu descobrir que você contou para alguém, vou te matar. E estou falando sério. Vou te matar.

— Ok — ela disse e se afastou de mim. Dois caras nos mictórios se viraram para olhar para mim enquanto eu saía, mas não me incomodei em olhar para eles. Eles eram sem sentido para mim.

Quando saí do banheiro, fiquei surpreso ao encontrar Nikki esperando por mim.

— Posso te mandar uma mensagem? — Ela perguntou e eu olhei para ela por um longo minuto.

Eu pesei minhas opções cuidadosamente e decidi que ela poderia vir a calhar no futuro. Eu podia imaginá-la cobrindo para mim, oferecendo um álibi quando necessário, participando de funções sociais comigo, então eu não me destacaria como aquele trintão solitário que todos desconfiavam depois de um tempo.

— Te mando uma mensagem. Quando eu precisar de você.

— Marcus tem o meu número — ela gritou atrás de mim enquanto eu me afastava.

Eu não a mataria, mas poderia usá-la. Isso me interessava nessa nova garota.

Talvez outra Pet tirasse a dor da velha sendo uma decepção.

Talvez desta vez eu pudesse realmente me apaixonar.

E ser mais do que quase normal.

As possibilidades eram infinitas.

Capítulo Quinze

Patty Wilson

Patty rolou no beliche apertado e tentou se sentir confortável. Pela primeira vez em muito tempo ela acordou no meio de um pesadelo.

Algo sobre o CK, o rosto daquele homem que a levaria. A notícia tinha revelado uma história na noite passada que quase derrubara Patty de sua cadeira de plástico. A agente do FBI que a interrogou, estava morta. Mas o mais importante é que o homem do FBI fugiu com aquela mulher malvada que forçou Patty a assassinar aquela pobre menina. Eles tinham fugido juntos. Ou então parecia.

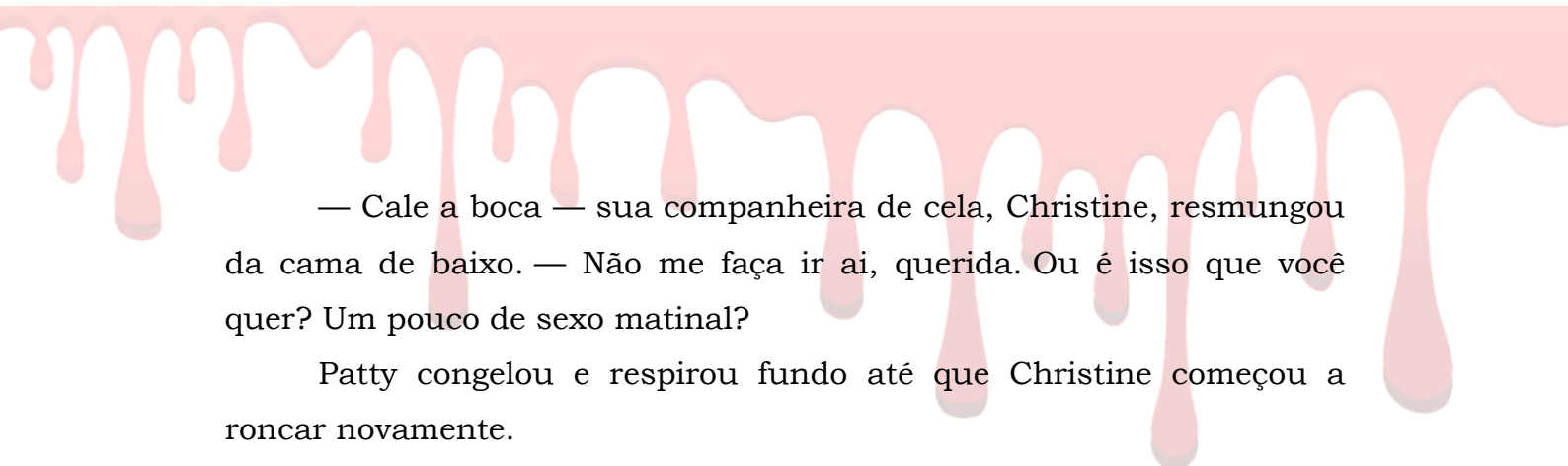
Não importava, no entanto, se era verdade ou não, todas as lembranças de Patty voltaram, especialmente a parte sobre o sequestrador ter sido libertado dela. Eles mostraram seu rosto, presunçoso e sofisticado enquanto ele olhava para a câmera e dizia algo sobre confiar no sistema legal e nunca perder a fé.

Patty estremeceu, aqueles olhos frios e gelados que pareciam prendê-la através da tela da televisão.

E pela primeira vez em semanas ela ficou grata por estar na cadeia. Pelo menos ele não poderia alcançá-la aqui. Contanto que ela estivesse atrás das grades, Jude não teria acesso para matá-la como queria o tempo todo que a teve.

Ela tinha visto em seus olhos. Ela sabia disso na época. A única razão pela qual ela sobreviveu à sua captura foi simplesmente pelo destino. Ela não teria uma segunda chance de escapar dele, então por que se preocupar em tentar?

Patty se moveu de novo, tentando desesperadamente se sentir confortável o suficiente para dormir mais uma hora antes de a manhã começar, mas o pesadelo ainda se agarrava a ela, o medo a encharcando como gasolina.



— Cale a boca — sua companheira de cela, Christine, resmungou da cama de baixo. — Não me faça ir aí, querida. Ou é isso que você quer? Um pouco de sexo matinal?

Patty congelou e respirou fundo até que Christine começou a roncar novamente.

Christine falou sério. Ela arrastaria Patty até o beliche e forçaria o rosto de Patty entre suas coxas até que estivesse satisfeita. Patty não achava que poderia aguentar outra rodada, o fedor da mulher enorme se agarrava a seu rosto por dias a cada vez.

Ela quase engasgou pensando nisso, mas afastou o medo que estava sentindo de sua mente e lentamente retornou a um sono sem sonhos.

— Senhorita Wilson? Uma carcereira um pouco mais velha que Patty chamou enquanto ela andava em direção ao refeitório alguns dias depois. — Patricia Wilson?

— Sim — respondeu Patty, a suspeita engrossando sua voz.

— Eles precisam vê-la no escritório do diretor.

— Pode esperar até depois do café da manhã?

— Não, eles precisam de você agora.

— Mas vou perder os ovos. Os ovos mexidos acabam rápido, então ficarei com torradas secas.

— Agora. Siga-me.

Patty franziu a testa, não querendo arriscar uma marca negra em seu registro por brigar por seus ovos de manhã. Uma marca negra significava que ela poderia perder sua mamãe e John trazendo Sarah para uma visita no fim de semana.

Ela se arrastou atrás da carcereira, evitando fazer contato visual com suas companheiras enquanto caminhava. Toda vez que ela olhava para alguém na prisão, ela se arrependia imediatamente. Era chamada para um desafio ou um convite para algo sexual, e de qualquer forma isso significava perigo para Patty.

No escritório do diretor, Patty ficou surpresa ao encontrar John sentado ali esperando por ela.

— O que está acontecendo? É a Sarah? Ela esta bem?

— Ela está bem — respondeu o diretor. — Na verdade, esta é uma boa notícia, Patty. Você deve se lembrar do seu defensor público, Jacob Green.

Patty lembrava, mas ele foi tão incompetente que ela optou por não olhar para ele. Ela o fez agora, lhe dando um aceno gentil. Ela entendia o que ele pensava dela, que ela não valia a pena seu esforço para salvar, então ele desistiu de lutar momentos depois de encontrá-la pela primeira vez.

— Isso é sobre o quê?

— Você está livre para ir — disse o diretor com um sorriso. — Isso tudo foi um mal-entendido e o FBI acredita que eles estão na trilha do verdadeiro CK. Uma equipe, na verdade, um homem e uma mulher.

— Então você acredita em mim? — Patty perguntou.

— Nós acreditamos — respondeu Jacob Green. — Eu só quero te dizer que sinto muito. Eu achei que você estava mentindo sobre tudo, sobre ser sequestrada e sobre Veronica. Tudo isso.

— Eu não estava mentindo — disse Patty, embora tecnicamente não fosse verdade. Ela desistiu de si mesma tão rapidamente quanto Jacob. Pelo amor de Sarah, pela segurança da menina.

E porque Veronica a aterrorizava.

— Então arrume suas coisas, Patty, estou aqui para leva-la para casa — disse John, oferecendo um sorriso caloroso.

Antes de ontem à noite Patty teria ficado exultante com essas notícias, mas depois de ver o rosto malicioso de Jude na televisão, seu coração ficou gelado.

— Você não quer voltar para casa? Sarah está esperando por você. Ela está quase andando agora, dando alguns passos. Você não quer estar lá para isso?

Claro que Patty queria, ela ansiava por segurar Sarah em seus braços e praticamente começou a chorar de alegria com a ideia de ver sua filha.

— Eu quero — Patty respondeu suavemente. — Eu realmente quero. Eu acho que não acredito. Ainda estou sonhando?

— Não, isso está acontecendo — disse John e sua boca se alargou em um sorriso. — Você vai voltar para casa, Patty, e as coisas vão ficar bem daqui em diante.

— Você precisa pegar o seu celular? — Perguntou o diretor. — Mais algumas coisas?

— Não, não há nada que eu queira, deixarei tudo para trás. Jogue fora. — Patty se permitiu ter uma momentânea onda de esperança passando por suas veias. Talvez ela pudesse ficar fora do radar, Jude Hollister provavelmente evitaria problemas, mesmo se descobrisse que a única mulher que sabia sua verdadeira identidade ainda estava viva.

Além disso, a prisão a assustou, ajudou a querer de volta um mundo livre de drogas e pronta para viver sua melhor vida.

Patty conseguiu um emprego em um posto de gasolina perto de sua casa para que pudesse voltar para casa na hora do almoço e brincar com Sarah. Desde que saiu da prisão, ela não conseguia o suficiente de sua filhinha.

— Ela vai ser tão bonita, não é? — Disse ela para sua mãe uma tarde depois de seu turno. Sarah estava brincando na pequena piscina de plástico que Patty a havia comprado no Walmart, onde uma vez trabalhara.

— Ela vai ser uma belezura, com certeza — a mãe de Patty concordou.

Era estranho, desde que ela saiu da prisão e as pessoas começaram a acreditar na história que ela havia sido sequestrada pela mulher que acabou sendo a CK, a mãe de Patty tinha desenvolvido uma gentileza para com sua filha que nunca esteve lá antes.

— Ela tem seus olhos — disse Patty e sorriu para sua mãe que estava envolta em uma cadeira de jardim que parecia prestes a quebrar sob o volume de sua mãe. Não o fez, e não tinha nos últimos dois anos

desde que eles tinham recolhido na calçada em um bairro mais agradável.

— Então ela vai ser um bebê perfeito — John falou e saiu mancando para fora da casa com uma cerveja na mão. — Vocês meninas precisam de alguma coisa antes de eu estacionar minha bunda?

— Estou bem — disse Patty e se voltou para Sarah, admirando sua linda garotinha.

Sarah espirrou e jogou sua bolinha na beira da cerca do quintal. Ela começou a chorar e Patty sabia que John e sua mãe estavam instalados agora e não iriam se mexer a menos que estivessem em chamas ou até que seu show favorito de talentos começasse mais tarde.

Patty suspirou e disse: — Eu vou pegar para você, querida. — Ela se levantou e caminhou até a bola, pegou e estava prestes a jogá-la de volta na piscina quando um movimento no canto de sua visão chamou sua atenção.

Estacionada no beco, perto da casa da velha Senhora Mathew, havia um SUV preto e elegante. Algo extravagante, Patty não tinha certeza da marca ou modelo, mas valia mais do que qualquer um em sua vizinhança podia pagar.

Isso significava que venda de drogas estava acontecendo, mas ninguém estava fora do veículo, ou algo mais sombrio estava acontecendo.

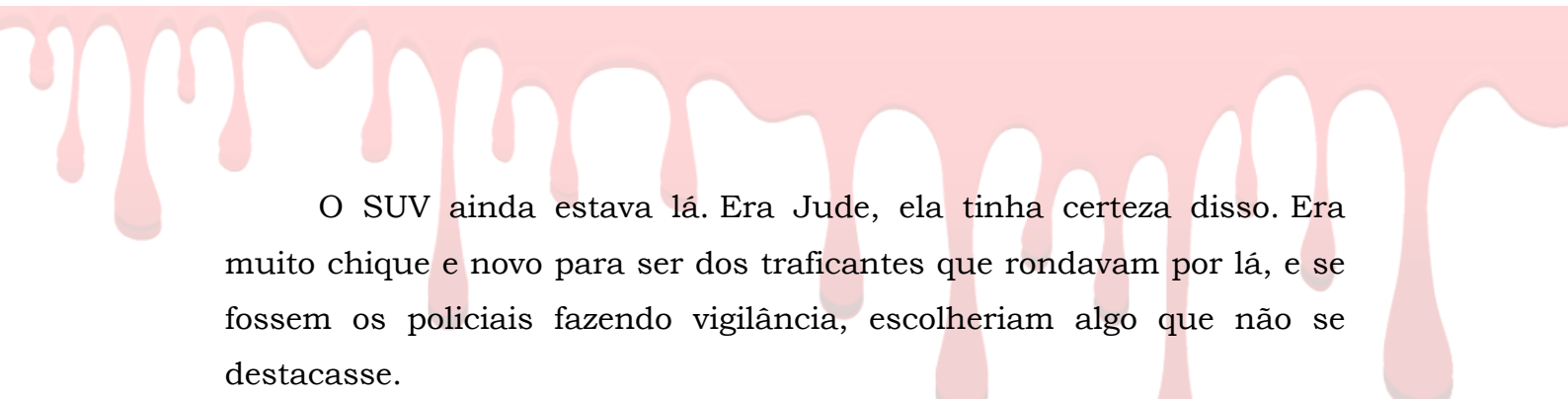
Jude Hollister estava à espreita e sabia onde ela morava.

— Alguma coisa acontecendo lá? — Sua mãe a chamou.

Patty se forçou a sorrir e se virou para a família. Sarah ainda estava choramingando na pequena piscina e John e sua mãe estavam olhando como se ela tivesse enlouquecido.

— Não, só pensei ter visto uma coruja. Isso é tudo.

Ela voltou e deu a bola a Sarah. Sua filhinha imediatamente começou a balbuciar e sorrir, dando a Patty tempo para olhar de volta para o beco através das frestas da velha cerca de madeira.



O SUV ainda estava lá. Era Jude, ela tinha certeza disso. Era muito chique e novo para ser dos traficantes que rondavam por lá, e se fossem os policiais fazendo vigilância, escolheriam algo que não se destacasse.

Ela tentou ao máximo ignorar o veículo, mas não conseguiu tirar isso da cabeça, o jeito que ele a torturou... O jeito que ele quase matou. Ela correu para onde Sarah estava contente espirrando na pequena piscina, a pegou e a envolveu em uma toalha.

Ela começou a chorar, sua mãe e John protestaram e disseram-lhe para colocar Sarah de volta, mas Patty não aguentava o pensamento dos olhos de Jude em sua garotinha.

Ela odiava pensar nele sabendo como Sarah parecia, e odiava pensar nele fazendo a sua filha o que tinha feito com ela.

Ela correu para a casa e bateu a porta, colocou Sarah em seu pequeno pijama rosa e disse a si mesma que iria se deitar com ela para uma soneca.

Quando Sarah finalmente adormeceu, Patty se permitiu reconhecer a verdadeira razão pela qual ela havia trazido Sarah para dentro.

Ela estava aterrorizada, a ponto de quase paralisar, e este era o único lugar no mundo onde ela poderia manter sua menininha segura.

Capítulo Dezesseis

Jude, começou com ele e terminará com ele

O trabalho era entediante, o sexo era entediante, meus amigos eram chatos e minha família era a pior.

Minha primeira visita à mamãe depois da minha libertação e subsequente descarte de Pet e dos agentes do FBI foi bem o suficiente.

— Eu não posso acreditar que levou dias antes de você vir ver sua mãe — ela disse enquanto jantávamos em seu solário no final da enorme cozinha. — Eu estava preocupada com você, sabe.

— E ainda assim você não ligou — eu respondi, mastigando um pedaço de bacon.

— Você poderia, por favor, fechar sua boca quando falar comigo? Nós não somos tão rudes. Pelo menos ainda não. Falando nisso, você ainda está namorando sua irmã?

— Não, você ficará contente em saber que ela fugiu com um dos agentes do FBI que trabalhava no caso. Estou livre dela e você também.

— Fugiu?

Minha mãe ergueu a sobrancelha de forma tão sutil que tornou muito óbvio que ela não acreditava em mim. Eu tinha visto esse olhar em seu rosto mais do que algumas vezes, desde a infância até o momento.

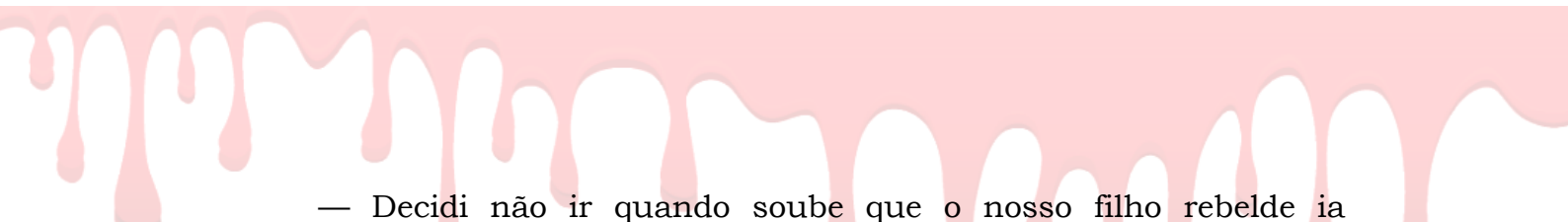
— Sim, ela fugiu.

Meu pai escolheu esse momento para aparecer. Ele andou até a mesa, pegou um jornal, abriu e se sentou.

Mamãe olhou para ele, sua boca aberta.

— O que houve? — Ele perguntou, sem levantar os olhos do papel.

— Você não deveria estar jogando golfe hoje?



— Decidi não ir quando soube que o nosso filho rebelde ia aparecer. Eu não o vejo há anos, está tudo bem com você?

A hostilidade deles me incomodou, eles nunca foram muito amáveis, mas conseguiam fazer um trabalho melhor em esconder isso.

Eu certamente não precisava ver isso. Eu mastiguei um pedaço de torrada bem alto até conseguir a atenção deles.

— Oh Jude, você está comendo como um porquinho hoje — mamãe gemeu e pegou a torrada da minha mão. — Quando você aprendeu essas maneiras? Passou muito tempo com aquela sua irmã? Ela foi praticamente criada por um animal.

— Yolanda era uma mulher gentil e amorosa — meu pai rosnou e deixou cair o jornal na mesa. — Você não saberia nada sobre isso, é claro.

— Sobre a personalidade da nossa empregada, depois, babá? — Mãe engasgou e pressionou a mão fina no peito em uma demonstração dramática de horror falso. — Eu não estava dormindo com ela, então como saberia algo sobre ela?

— Jude, vamos conversar — disse o pai, deliberadamente ignorando a minha mãe, a cortando e a silenciando com um aceno de desprezo de sua mão. — Você precisa de ajuda da família? Ouvi você mencionar sua irmã fugindo, mas, se precisar, saiba que temos um mediador de família.

— Um mediador? Por que diabos? — Perguntei, pegando outro pedaço de torrada em uma escavação petulante para minha mãe.

— Oh, você sabe, no caso de alguém na casa, talvez, engravidar uma empregada e ela se recusar a fazer um aborto — interveio a mãe.

— Ela não precisava fazer um aborto, ela estava totalmente no seu direito de ter aquela filha e criá-la bem — respondeu o pai. — Até você interferir, ela estava indo muito bem.

— Escutem vocês dois, estou ficando muito cansado de todo esse tedioso vai e vem. Se vocês precisam de uma audiência para a miséria do seu casamento, adotem um cachorro ou algo assim.

— Ele está certo — disse meu pai, olhando incisivamente para minha mãe. — Então cale a boca e me deixe falar com o meu filho.

Minha mãe abriu a boca, moveu os lábios como se estivesse prestes a responder, mas pensou melhor. Ela a fechou, franziu a testa e pegou um croissant amanteigado. Minha mãe nunca comia carboidratos, isso era uma forte indicação de que ela estava à beira de uma ruptura emocional.

— Ok, onde estávamos?

— Mediador de família — eu respondi.

— Ah sim. Então vamos apenas supor que talvez você tenha um problema, tipo, se precisasse de ajuda para limpar uma bagunça ou descartar algum lixo indesejado, podemos ajudá-lo a cuidar disso.

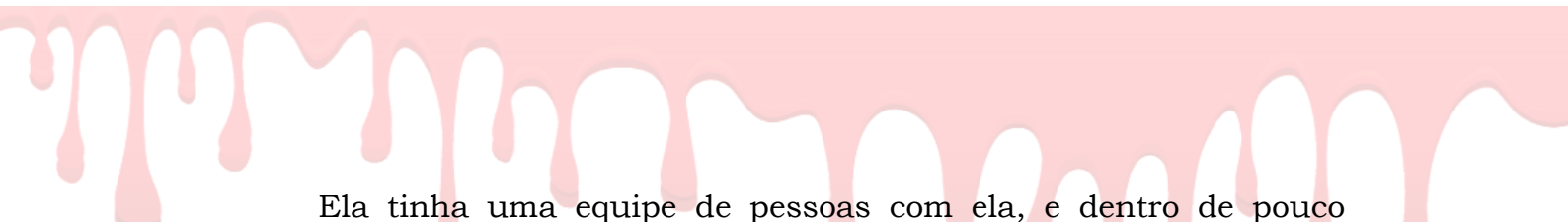
Eu me inclinei, descansei meus cotovelos na mesa, olhei para o meu velho nos olhos e disse: — Bem, teria sido legal pra caralho saber disso alguns anos atrás.

— Jude! — O suspiro de minha mãe foi um pouco acima de um sussurro, mas seu choque era autêntico. Eu não conseguia lembrar a última vez que fui tão rude com eles.

Eu imitei meu pai e a ignorei. Olhei para o rosto surpreso dele e disse: — Sério, me conte mais sobre esse mediador.

Descobriu-se que mediador de família era um pau pra toda obra. Ela era uma mulher mais velha elegante que apareceu no meu apartamento em um terno Chanel rosa brilhante e um estiloso chapéu pillbox². Ela parecia mais adequada para um dia nas corridas de cavalos ou para um brunch no clube do que uma reunião com pessoas como eu.





Ela tinha uma equipe de pessoas com ela, e dentro de pouco tempo você não saberia que Pet já estivera no meu apartamento, muito menos na minha vida.

Ela se livrou do veículo que dirigi para as montanhas e me arranhou um contato futuro, no caso de eu ter qualquer outro... lixo... Que precisasse me livrar.

Ser rico, branco e homem tinha suas vantagens, não importava o que alguém dissesse, eu não trocaria isso por toda a igualdade do mundo. Por que desistiria de uma fatia da torta quando controlava a coisa toda?

Depois que ela saiu, caí no torpor de repetições. Trabalho, pais, festa, amigos, foder Nikki, a levando além de qualquer lugar que ela já tenha ido em termos de dor e pânico, mas sempre a trazendo de volta um pouco antes de cair na beira do abismo.

Ela não era meu tipo, entende? Ela era o tipo de todo mundo e relaxava as pessoas ao meu redor, especialmente meus pais.

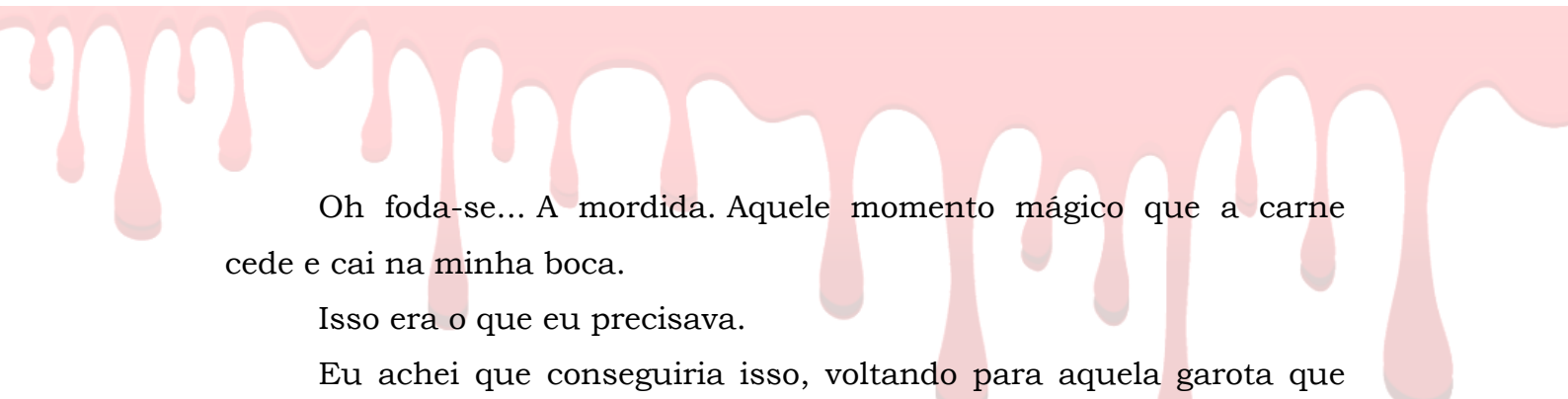
Eu estava namorando uma boa menina, de uma boa família, e o melhor de tudo, não era minha própria irmã. Nenhuma chance de bebês sociopatas se nos estabelecêssemos.

Mas nunca foi o suficiente, ela simplesmente não era aquela para mim.

Ela era aquela para minha imagem pública, mas não a imagem que você sabe eu escondia tão bem. O Jude que ainda mantém o mamilo sedoso de Pet em uma gaveta secreta na escrivaninha do meu escritório em casa, onde eu podia pegá-lo e deslizar meus dedos ao longo dele durante uma sessão de masturbação.

Nikki era a namorada pública de Jude, e provavelmente logo seria noiva, mas ela nunca saciaria a onda vermelha de necessidade que inundava minha mente com muita frequência.

A única coisa que satisfaria o meu verdadeiro eu era o sangue. Sangue fresco e muito disso. Gritos, choro, súplicas por suas vidas, sangue, rasgar, cortar e morder.



Oh foda-se... A mordida. Aquele momento mágico que a carne cede e cai na minha boca.

Isso era o que eu precisava.

Eu achei que conseguiria isso, voltando para aquela garota que mantive em cativeiro. Eu localizei o seu endereço e comecei a observá-la no meu tempo livre. Meu novo Range Rover era elegante e bonito e mais do que se destacava em seu pequeno bairro gorduroso nojento, mas eu tinha que vê-la.

Ela ainda valia o meu tempo? Ela sabia quem eu era?

Ela parecia me sentir, no entanto, e começou a se esgueirar pela rua de sua casa até o seu trabalho, lançando olhares furtivos para trás, como se estivesse procurando por mim.

Eu não a desapontei.

Uma noite, quando ela fechou o posto de gasolina, o lugar onde trabalhava por alguns dólares por dia, eu a seguia a pé.

Ela sentiu que eu estava lá, ela acelerou o passo e se moveu como uma presa.

E eu queria saltar, cortar e derrubá-la, mas quando a alcancei, fiquei desapontado com o que encontrei.

Eu agarrei seu braço e ela gritou de medo, girou e se agachou na minha frente. — Por favor, não, Jude, por favor, não me machuque.

— Fique quieta — eu disse e agarrei seu braço até que ela parasse. Ela levantou o rosto para olhar para mim e percebi que o momento dela tinha passado.

Ela já estava morta. Seus olhos estavam cheios de terror, mas não tinham a profundidade que eu tinha visto antes, ela perdeu o fogo.

— Eu mereço morrer, eu acho — a garota choramingou e começou a chorar. — Eu matei aquela mulher, a outra me obrigou, mas eu ajudei.

— Você matou enquanto eu estava preso?

Ela choramingou e assentiu.

Havia algo de errado nisso, sendo a única que restava que poderia me identificar como o verdadeiro CK, eu deveria querer matá-la. Mas não o fiz. Ela estava quebrada, endurecida, algo havia mudado.

Ter matado alguém alterou seu espírito?

Era como se ela tivesse bebido do mesmo veneno que eu, e isso me ofendeu. Ela tinha um gosto diferente, amargo, afiado como uma lâmina.

— Eu te vi com uma garotinha, ela é sua? — Eu lhe perguntei.

— Sim, Sarah — a menina respondeu então percebeu que tinha me dito muito. — Por favor, não a machuque, não mate meu bebê!

— Eu não mato crianças, nunca mato inocentes. Matar para mim é uma obra de arte, ou necessidade de preservar minha própria liberdade... Mas matar uma criança não me acrescentaria nada.

Seus olhos reviravam descontroladamente e ela começou a ofegar como um cachorro sob o sol quente.

— Ouça, eu vou deixá-la viver, mas você tem que me prometer uma coisa.

Ela olhou para cima.

— Você entendeu? Você pode ganhar sua vida com uma promessa.

Ela assentiu em silêncio.

— Eu preciso que você cuide da sua filha. Se eu descobrir que você caiu na escuridão, ou está se drogando novamente, vendendo seu corpo ou abandonando sua filha, virei atrás de você.

Eu me inclinei para causar efeito. — E se eu voltar, te matarei... Devagar e dolorosamente. Você entendeu? *f*

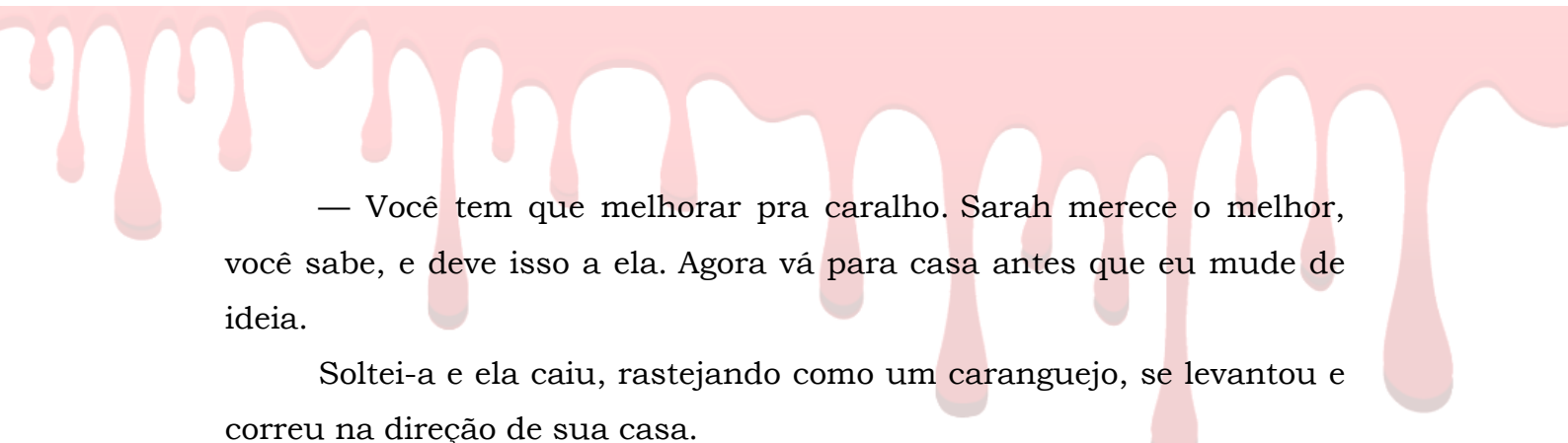
Ela assentiu.

— Eu preciso ouvi-la dizer isso. Prometa.

— Eu... Eu prometo.

— Você promete o quê?

— Eu prometo que vou ser uma boa mãe para ela.



— Você tem que melhorar pra caralho. Sarah merece o melhor, você sabe, e deve isso a ela. Agora vá para casa antes que eu mude de ideia.

Soltei-a e ela caiu, rastejando como um caranguejo, se levantou e correu na direção de sua casa.

Não posso dizer por que fiz o que fiz, mas parecia certo. Mesmo o Jude, reservado, não era um assassino de crianças, e ela não me dava prazer em destruir. Preservar. Ela não era mais digna.

Voltei para o Range Rover que estava parado no estacionamento escuro ao lado do posto de gasolina e entrei.

Eu me olhei no retrovisor e quase não reconheci os olhos me encarando. Por um momento, quase me convenci que havia um estranho ao volante e me perdi em algum lugar escuro e amplo.

O momento se foi quando um carro passou, seus faróis oscilando na escuridão, cortando a cabine do meu carro, me iluminando no espelho.

E lá estava eu de novo.

Frio, calculista, bonito e eu.

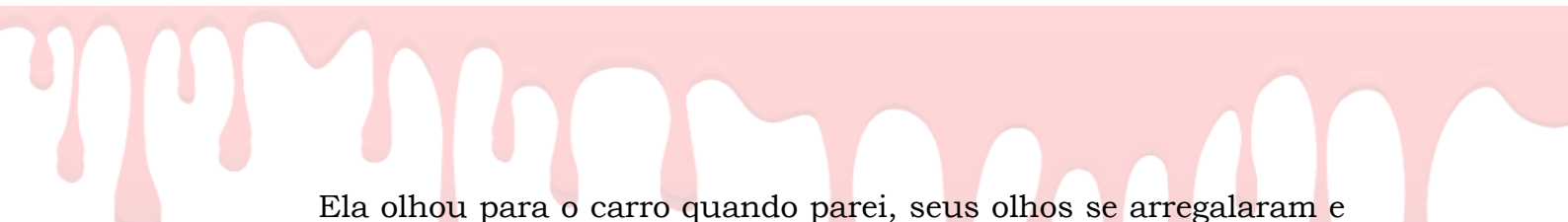
Eu liguei o carro e dirigi pela noite.

Fui direto para o meu campo de caça favorito, as ruas secundárias das avenidas principais, onde as meninas andavam, procurando por caras que pagassem seus hábitos. Garotas que ninguém notaria quando desaparecessem, as garotas que ninguém se importava o suficiente para deixá-las andar pelas ruas principais na segurança das luzes brilhantes.

Eu dirigi lentamente observando as mulheres aqui e ali, mas nenhuma delas me impressionou.

Eu estava prestes a desistir da noite quando vi uma delas sozinha no fim da rua. Ela era magra, loira, encolhida em si mesma e tremendo de necessidade.

Eu tinha um kit assassinato na parte de trás do carro e conhecia vários locais onde poderia levá-la para jogar. Eu estava pronto para liberar o acúmulo de raiva vermelha atrás dos meus olhos.



Ela olhou para o carro quando parei, seus olhos se arregalaram e deixei a janela deslizar para baixo para que ela pudesse se inclinar e falar.

Ela apoiou os cotovelos na beira da janela, enfiou a cabeça no lado do passageiro e perguntou: — O que você está procurando hoje à noite, querido?

Mostrei-lhe um sorriso sexy, a vi relaxar quando percebeu que eu era um homem bonito e disse: — Ora, eu estava procurando por você, gatinha. Por que você não entra?

FIM.